Luc Vankrunkelsven

OÁSIS

Força planetária para uma nova primavera

L. F. Editora e Impressos | Cefuria
2016

Título original: Oases: Grond-kracht voor een nieuwe lente
Tradução autorizada do idioma neerlandês.
Tradutora: Marianne Christina Scheffer
Edição publicada por Wervel, Bruxelas, 2016.
www.wervel.be/pt; www.mundo-b.org

Impressão:
L. F. Editora e Impressos Ltda. – Fone: (41) 3408-6101 – luizfyoung@yahoo.com.br

Apoio:
CEFURIA - www.cefuria.org.br

Projeto gráfico e diagramação:
Carlos Deitos – carlos@cdag.com.br

Preparação de originais e revisão:
Gustavo Scheffer

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Index Consultoria em Informação e Serviços Ltda.
Curitba - PR

V258 Vankrunkelsven, Luc
Oásis: força planetária para uma nova primavera / Luc Vankrunkelsven ; tradução Marianne Christina Scheffer. – Curitiba : L.F. Editora e Impressos, 2016.
200 p.

ISBN 978-85-66014-02-0

1. Agricultura. 2. Alimentos. 3. Biodiversidade. 4. Agroecologia. 5.Agronegócios. 6. Ética ambiental. 7. Desenvolvimento sustentável. I. Título.

CDD (20.ed.) 338.1
363.7

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL
Tiragem: 1.000 exemplares

Publicado em 2016,
*"**Ano Internacional das Leguminosas**".*

Gratidão a todos os brasileir@s que criam oásis,
que mantêm oásis e os conectam entre si.

Sumário

Introdução: Oásis? 7

1. Guerra de água no Rio de Janeiro e em São Paulo 13
2. Burning Ice Beer 22
3. Mata Atlântica em chamas 27
4. Agronegócio, crime e ditadura. Ditadura 50 anos mais tarde ... 34
5. *Apartheid* em Pelotas 41

- O desafio de pensar e propor uma outra agricultura dentro de uma tradicional instituição agrária de ensino superior 49
  Flávio Sacco dos Anjos

6. Semear agroecologia nas cidades e em torno delas 55
7. Abril: agricultores saem às ruas 62
8. Somos todos viciados em internet, trigo, soja e milho 66
9. Brasília, louca por Jesus 72
10. Ervas daninhas servirão de alimento 80
11. Na contramão do desespero: começar a recuperação 86
12. Sem ovos de Páscoa este ano, por favor 91
13. Porto Velho: porto antigo para um futuro novo? 96
14. Conectar os oásis de agroecologia 101
15. Argentina, República da Soja 107

- Até o universo tem o seu preço no Brasil 111
  Benny Van de Velde

16. Jejum de carne para ir ao Rio de Janeiro 126
17. Mais uma vez, em 1962 130
18. A escassez de água em toda parte 136
19. A alegria da (bio)diversidade 141
20. Wervel e seus embaixadores 145
21. A estepe florescerá 149
22. O porto de galinhas 154

- O oásis da não violência: veganismo e algumas questões éticas, sociais e ambientais do consumo de alimentos 162
  Tiago Franca Barreto e Bárbara Eduarda Nóbrega Bastos

23. Bélgica, país exportador para o Brasil 170
24. Big Paraíso, ou 50 tons de marrom 177

- Viagem de Wervel ao Brasil em 2015: "Indo da dor pela perda da biodiversidade do Cerrado para a esperança graças ao movimento em favor do sistema agroflorestal" 182
  Herman Wauters

Créditos 193

Depoimentos 195
Leonardo Boff, Lívia Corpas, Pedro Wilson Guimarães, Donald Sawyer e Marcelo G. de Andrade

Roteiros 2014/2015 199

Sobre Wervel 200

Introdução: Oásis?

Na introdução do livro anterior, *Soja: tesouro ou tesoura?*, eu enredei Thomas Merton, Hannah Arendt e Rachel Carson, com sua "Primavera Silenciosa". Merton, o monge trapista que protestou veementemente contra a Guerra do Vietnã, o armamento nuclear e o racismo; Arendt, a pensadora política, que abordou o tema da "banalização do mal"; Carson, uma das primeiras ambientalistas a denunciar a morte silenciosa provocada pela agricultura hiperquímica. Todos os três eram, na América e em todo o mundo, vozes incisivas na década de 1960.

Carson escreveu seu livro no ano de 1962. Ela descreveu uma primavera dominada pelo silêncio de morte. Será que, no começo do século XXI, é possível encontrar uma nova primavera aqui e ali? Uma primavera na qual os pássaros voltam a encontrar lagartas e conseguem cantar?

Este é o sexto livro na sequência de considerações sobre os rigorosos invernos que nos sobrevêm globalmente no mundo agrícola e alimentar e quais primaveras cautelosas podemos observar. Análises, observações, reflexões sobre ambos os lados do Atlântico, especialmente sobre sua conexão, sempre disfarçadas de "crônicas".

Como no livro anterior, damos a palavra a quatro convidados: três brasileiros e dois belgas/europeus. Professor Flávio Sacco, da Universidade Federal Rural de Pelotas, no extremo sul do Brasil, professora doutora Bárbara Bastos e doutorando Tiago Barreto, de Recife, no Nordeste.

Pela Europa: Benny Van de Velde, agricultor CSA[1] e colaborador de Wervel, e Herman Wauters, que acompanha nosso trabalho com simpatia há muitos anos e, por causa da comemoração dos 25 anos de Wervel, nos acompanhou na viagem ao Brasil.

De *ilha* para *oásis*

Anteriormente, às vezes, eu descrevia a viagem pelo Brasil como deslocamentos de uma ilha para outra, cruzando enormes desertos de soja, cana-de-açúcar ou de eucalipto. Visitando universidades e escolas agrícolas, movimentos e ONGs que defendem um mundo diferente. Que defendem uma agricultura e um abastecimento alimentar diferentes. Mas, agora, eu me pergunto às vezes se ilhas não permanecem, literalmente, isoladas demais. Será que "oásis" não descreve mais corretamente o que temos que fazer: descobrir os oásis e visitá-los, a fim de nos refrescar e para conectá-los uns com os outros? Assim como as reservas naturais no Brasil e na Europa, que não podem ser reduzidas a ilhas, mas devem ser conectadas formando corredores. Para que a vida possa

1 **CSA**: *Community Supported Agriculture*; agricultura apoiada por uma comunidade.

ter passagem. Em plenitude. "Para que todos tenham vida e a tenham em abundância" (João 10:10). As vidas de indivíduos e povos, de minhocas e pássaros, de grama e ruminantes, de ecossistemas e continentes. Com a agricultura local entrelaçada, bem como uma agricultura que consegue entrelaçar novamente a natureza e a produção. Biodiversidade e biodiversidade agrícola em todos os lugares. Soberania alimentar.

Condições desérticas

Posso citar Hannah Arendt de novo, já que sou fã dela?

"A crescente falta de mundo nos Tempos Modernos, o enfraquecimento do espaço entre nós, também pode ser chamada a progressiva desertificação do mundo em que vivemos [...]. A psicologia moderna é a psicologia da desertificação: ela alimenta a mais terrível ilusão, ou seja, a de que há algo errado conosco, enquanto nós não podemos viver em condições desérticas e, portanto, perdemos a capacidade de julgar, de sofrer e de condenar. Na medida em que a psicologia tenta 'ajudar' as pessoas, ela as ajuda a se 'adaptarem' às condições desérticas. Isso nos priva de nossa única esperança, ou seja, de sermos capazes de transformar o deserto em um mundo mais humano, porque, apesar de vivermos no deserto, nós não somos originários dele. A psicologia inverte as coisas. Pois, justamente enquanto nós sofremos as condições desérticas, nós ainda somos humanos, nós ainda estamos intactos. O perigo é nos tornarmos reais habitantes do deserto e nos sentirmos à vontade nele. [...] Somente daqueles que,

sob as condições desérticas, conseguem preservar a paixão pela vida é que se pode esperar que ele reunirá a coragem que é a origem de toda ação – e de tudo o que leva o homem é um ser pessoa de ação."

Enquanto a psicologia, muitas vezes, não nos ajuda – porque ela nos faz acreditar que podemos viver no deserto, se quisermos – a "esperança", de acordo com Arendt, se esconde nas pessoas dos oásis que ainda não foram ocupados pelo deserto. Arendt é uma pensadora política e tem elevada consideração pela ação política. No entanto, ela argumenta que esses oásis estão situados fora da política. Eles são criados por atividades não políticas, tais como amor, pensamento ou a criação de uma obra de arte. Eles nos dão fôlego para viver permanentemente em incompatibilidade com a desertificação e para combatê-la.

Oásis para respirar

"Além disso, as tempestades de areia ameaçam os oásis, dos quais nenhum de nós pode prescindir se ele quiser suportar a vida no deserto [...]. Os oásis são todas as áreas da vida que existem independentemente, ou em grande parte independentemente, das condições políticas. Algo deu errado com a política, isto é, conosco, na medida em que 'nós'existimos no plural – e não com o que podemos criar e fazer, na medida em que 'nós' existimos no singular: como no isolamento do artista ou na solidão do filósofo, na relação inerentemente

sem mundo de ser humano para ser humano, como é dado no amor e, por vezes, na amizade. [...] Se esses oásis não estivessem intactos, não saberíamos como respirar. [...] Os oásis não podem ser, de modo algum, equiparado a 'lazer', eles são fontes geradoras de vida, que nos permitem continuar em vida no deserto, sem nos reconciliarmos com ele."[2]

Felizmente, nos últimos anos, também há psicólogos que endossarão o diagnóstico da desertificação de Arendt e que não praticarão a "psicologia da desertificação". Enquanto isso, no século XXI, também há escritores e ativistas, como a canadense Naomi Klein. Na véspera da crucial reunião de cúpula do clima em Paris, em novembro de 2015, ela convocou a todos para um movimento de base global por uma mudança radical. A cada momento, novas Arendt, Carson e Klein se levantam. Mulheres fortes, que nos remetem para nossas fontes e nossos oásis da humanidade.

Eu não sou um psicólogo, mas a minha escrita tem algo terapêutico. Pelo menos para mim! Esperamos que o leitor não seja dissuadido por isso. Vamos nos refrescar nos muitos oásis que nos restam e nas fontes que voltam a jorrar. São viagens e escritos de estímulo para não mais aceitar os desertos de ambos os lados do Atlântico. Vamos trabalhar em redes internacionais. A internet pode nos ajudar, mas uma ocasional reunião transatlântica junto às fontes de cada lado pode inspirar ainda mais.

2 "Was ist Politik?" [O que é política?], p. 181-183 (Hannah Arendt. München: Piper, 1993 [tradução livre do autor]).

Sim, o deserto florescerá. Assim retomaremos o terreno comum. Terra que pode dar força para a cura planetária. Primavera.

Luc Vankrunkelsven,
Bruxelas, 21 de maio de 2016.
Data das minhas 60 primaveras.

1

GUERRA DE ÁGUA NO RIO DE JANEIRO E EM SÃO PAULO

Eu comecei novamente minha turnê anual pelo Brasil: 18 mil quilômetros entre a Europa e o Brasil; 11 mil quilômetros no próprio país. Nada disso é bom para a minha "pegada ecológica", mas talvez seja útil. Não vamos chegar lá apenas com "intercâmbio virtual". As multinacionais, como os conglomerados de água, organizam-se internacionalmente. As ONGs e os movimentos sociais têm a "obrigação" de se conectar internacionalmente. Além disso, eles podem se inspirar mutuamente e matar a sede uns aos outros.

Rio da fila

Esta turnê está sob o signo do novo livro de Wervel: *Soja: tesouro ou tesoura?* O livro em neerlandês será lançado no dia 23 de maio, na livraria De Zondvloed, em Mechelen, e, no dia 30 de maio, na livraria de mesmo nome em Roeselare. No idioma original, o título do livro é *Voeding verknipt* [Alimentos retalhados].

O Brasil, com os seus 26 estados e o Distrito Federal, é maior do que a União Europeia, com os seus 28 países. Por isso, todo ano, é preciso fazer escolhas: no ano passado, cruzei o Nordeste; neste ano, será o Centro-Oeste – sempre em combinação com o Sudeste e o Sul do Brasil e com a capital, Brasília.

A viagem começa no Rio de Janeiro. "O Rio da fila". Aqui você passa o dia todo em engarrafamentos. Ontem, o deslocamento de ônibus do aeroporto para a área onde eu iria ficar levou três horas. Hoje, duas horas de metrô e ônibus,

após a entrevista para o jornal O Globo. Para mim, é um mistério como dezenas de milhares de estrangeiros vindos para a Copa do Mundo vão se deslocar por aqui em junho. Agora já está tudo parado.

Vazio

Engraçado. Tanto a minha anfitriã quanto eu esquecemos nossos celulares. A frase dela, "Sem celular, eu me sinto vazia", continua em minha memória o dia todo. Foi necessária muita organização para nos encontrarmos novamente, tal como 20 anos atrás. Mas também é possível! Como eu precisava esperar algumas horas por ela, sem meios de comunicação, eu fui comer em um restaurante. Quase todos os cariocas colocam um ou dois *smartphones* ao lado de seu prato e continuam ocupados com suas mensagens. "Vazio", no sentido *zen*, é um coisa bem diferente. No entanto, um dia sem celular é libertador para mim, ainda que possa trazer alguns inconvenientes.

Estamos na Quaresma, após o efervescente e mundialmente famoso Carnaval do Rio. Eles ainda estão fazendo a remoção dos resíduos no Sambódromo – mais de duas semanas depois do evento! Dos 40 dias de jejum após a festa, não se percebe muito. No entanto, uma reinterpretação do antigo jejum poderia ser útil: deixar de lado o acesso 24 horas/7 dias por semana ao celular, estar constantemente *on-line*, estresse causado por Facebook e Twitter, cada um usar seu carro

particular para ficar em engarrafamentos, elevado consumo de carne e peixes etc. Na moderna vida cotidiana há desafios e convites de sobra.

Conflitos por água

Estamos na véspera do Dia Mundial da Água. É um momento para refletir sobre o ouro azul, que nos mantém vivos. No final do século XX já foi afirmado com frequência que, no século XXI, ocorreriam guerras por causa da água. Elas estão em pleno em curso. É só pensar no conflito palestino-israelense. Lá também há disputa por água, como em muitos outros lugares no nosso planeta.

O Brasil é bem dotado em termos de água doce. De acordo com algumas fontes, o país disporia de (mais de) 12% da água doce disponível no planeta. Compare com a China: 20% da população mundial, mas o país tem apenas 6% da água disponível.

Com os seus, em média, 13% da água doce disponível, o Brasil não pode se queixar, embora a água esteja mal distribuída entre as regiões (80% está concentrada na região amazônica). Basta pensar nas secas históricas no Nordeste. Além disso, sobrevêm agora a mudança climática e a poluição da água. Está novamente ocorrendo uma seca extraordinária no Sudeste e no Sul do Brasil. Os desmatamentos para monoculturas de milhares de quilômetros mais ao norte, no Cerrado e na Amazônia, não são alheios a isso.

A metrópole São Paulo está sedenta

E, agora, o noticiário nacional: a guerra pela água entre os Estados de São Paulo e do Rio de Janeiro. O governador Alckmin quer assegurar o fornecimento de água para a metrópole de São Paulo. Ele quer mudar o curso do Rio Paraíba do Sul para, em época de crise – como a atual –, retirar água para os 20 milhões de pessoas da Grande São Paulo que podem ficar desabastecidas. Porém, 15 milhões de pessoas no Estado do Rio de Janeiro dependem desse mesmo rio. No Rio de Janeiro, "água" já é um tópico importante há 450 anos. Por ocasião do "descobrimento", os europeus pensavam que a Baía de Guanabara era um grande rio. Eles atracaram em janeiro e, por isso, "Rio de Janeiro". Na metade do século XIX, as temperaturas se elevaram perceptivelmente no Rio de Janeiro e o abastecimento de água ameaçou sofrer risco. Motivo? O desmatamento para a monocultura do café no morro da Tijuca. O reflorestamento do morro é mérito do imperador da época, com efeitos positivos significativos. Desde então, tornou-se uma floresta urbana única, com 120 km^2 (1).

Na véspera do Dia Mundial da Água, a organização SOS Mata Atlântica apresenta um estudo sobre a poluição dos rios. Alucinante! No Rio de Janeiro, 100% dos rios estariam em mau estado. No Sudeste e no Sul do Brasil, apenas 11% dos rios estariam livres de poluição. Essa situação alarmante naturalmente intensifica os problemas no abastecimento de água.

Sensibilizar

No condomínio em que estou hospedado, tem um aviso do síndico no elevador. Interessante, em termos de sensibilização:

> "Precisamos economizar água.
> – O simples ato de fechar a torneira ao escovar os dentes economiza mais de 10 litros de água.
> – No banho, apenas 5 minutos são suficientes para higienizar o corpo. Banhos de 15 minutos consomem 135 litros de água.
> – Feche o chuveiro enquanto se ensaboa ou lava o cabelo.
> **(30 % de nossa receita são gastos com despesa de água)**"

Dicas interessantes. Chama a atenção que se deixou de mencionar o método de lavar louça típico no Brasil: esfregar a louça com uma grande quantidade de detergente e enxaguá-la sob água corrente constante. Nem me atrevo a imaginar a quantidade de água que isso gasta...

A própria companhia de água é a maior desperdiçadora

Para o Le Monde Diplomatique Brasil (2), essas campanhas fazem sentido, mas ela é feroz em suas críticas dirigidas à companhia de água Sabesp. A Sabesp é uma empresa público-privada, controlada pelo Estado de São Paulo – mas, ao mesmo tempo, metade dela também atua no mercado

aberto, estendendo-se até a Bolsa de Valores de Nova Iorque. Em 2012, a empresa realizou um lucro de 1,9 bilhões de reais e um volume de negócios de 10,7 bilhões de reais.

Para os autores do artigo, a própria empresa Sabesp é responsável por um enorme desperdício de água. A Agência Reguladora de Saneamento e Energia de São Paulo (Arsesp), que deve fiscalizar a Sabesp, constatou que, em 2013, durante o transporte de recursos hídricos para as casas, 31,2% da água se perdeu. De cada 100 litros que são retirados dos reservatórios, apenas 70% chegam ao seu destino. Essa perda é suficiente para abastecer a população do Rio de Janeiro – a segunda maior cidade do país. A própria empresa fala de uma perda de aproximadamente 24%, ou seja, 7% a menos do que foi mensurado.

Os meios de comunicação também têm tendência de culpar e responsabilizar as famílias, mas a maior perda ocorrem em outro lugar.

Quando se trata de água, **70%** parece ser um número recorrente. Nós mesmos somos constituídos em 70% por água; 70% do consumo mundial de água está relacionado à agricultura (especialmente as grandes monoculturas, destinadas à exportação); 70% da chuva que cai no verão, em São Paulo, vem da região amazônica; em São Paulo, apenas 70% da água retirada chega aos consumidores.

No Brasil, há um ditado que diz: “Há males que vêm para o bem.” Esperemos que essa crise de água que está ocorrendo mova os ânimos na “boa” direção.

Aqueles que fazem a conversão

Há muita destruição, mas, às vezes, indivíduos podem colocar em marcha uma revolução lenta ou invisível. Tomemos aquele biólogo que, com muita paciência e perseverança, começou a reflorestar os manguezais de Ipanema. Eles haviam se tornado lagos mortos dentro da cidade, sem conexão com a Baía de Guanabara. Todos os manguezais (áreas de reprodução e abrigo para os peixes) haviam desaparecido; não havia mais peixes, por falta de oxigênio no lago salgado. O governo reconheceu que deveria ser criada uma conexão permanente com a baía/oceano. Assim, água salgada fresca poderia tornar a entrar no lago, como sempre ocorreu antigamente. Ao longo dos anos, o biólogo começou a replantar, sozinho, diversas espécies típicas dos manguezais. Ou seja, espécies tolerantes ao sal, que são destruídas em todo o mundo para dar lugar a portos, habitações, criações agressivas de lagostim etc. Nem todos estavam/estão felizes com sua campanha isolada pois, quando as árvores crescem, elas tiram dos cariocas a "vista" do lago. Preferem um lago morto com uma paisagem pitoresca a um lago vivo com árvores tolerantes ao sal em torno dele! Mas o homem insistiu. As árvores estão plantadas ao redor do lago, com observância de alguns acordos necessários. Em alguns lugares, árvores deixaram de ser plantadas "para preservar a vista para as pessoas". Em outros lugares, elas são podadas, para que os turistas possam ver bem o lago. Enquanto isso, tornou-se um lago com vida, com mais oxigênio e mais peixes na água.

Ao lado da praia de Ipanema (próxima da inspiradora Copacabana), o governo replantou em algumas ilhas a vegetação costeira nativa.

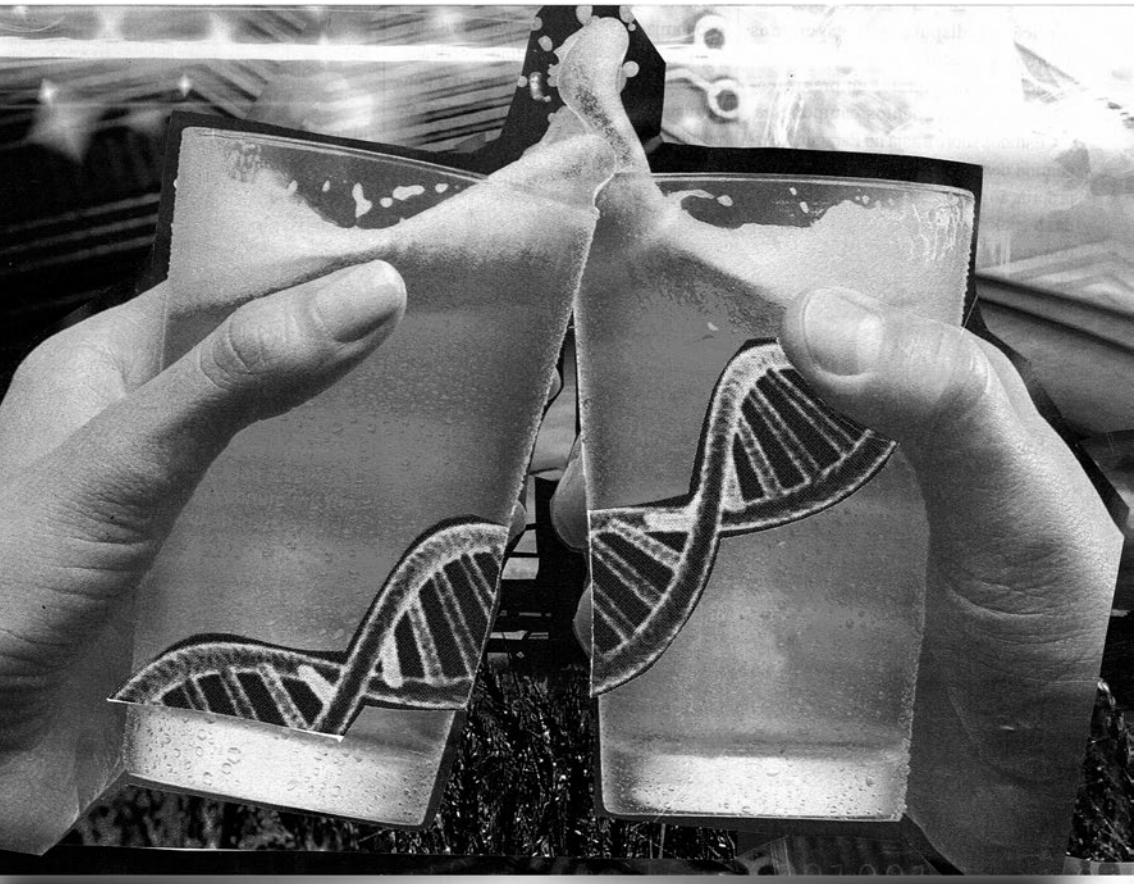
Será que a recuperação é possível? No século XIX, o reflorestamento da floresta urbana da Tijuca; no século XXI, os manguezais de Ipanema. No século XIX, um poderoso imperador. No século XXI, um cidadão teimoso, com fé na conversão. E, sim, de vez em quando, um outro mundo é uma das possibilidades.

Rio de Janeiro, 22 de março de 2014,
Dia Mundial da Água.

(1) Veja: *Recuperação e consolo são possíveis?*, no livro de Wervel *Brasil – Europa em fragmentos?* (Curitiba: Editora Gráfica Popular; Cefuria, 2010).

(2) *A falta de água em São Paulo*, de Edson Aparecido da Silva (Le Monde Diplomatique Brasil, março de 2014): www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=1617

2
BURNING ICE BEER[1]



Você também bebe cerveja manipulada geneticamente?

O Brasil é o terceiro maior produtor de cerveja do mundo, com 86,7 bilhões de litros por ano. Nos últimos tempos, houve um retorno intenso à produção de cervejas artesanais, às vezes como um *hobby* no círculo familiar. O grande lago de bilhões de litros, porém, é produzido em outros lugares. Não é por acaso que a maior cervejaria do mundo é belgo-brasileira. Primeiro, surgiram a Stella Artois e a Jupiler, na Bélgica. Jupiler comprou a pequena cervejaria que produzia a Leffe. Para enfrentar a guerra no mercado interno europeu, em 1992, as cervejarias de Flandres e da Valônia (duas regiões na Bélgica) se fundiram no final da década de 1980, formando a Interbrew. Aparentemente, isso não provocou problemas para essa comunidade. Do outro lado do oceano, a Ambev expandia o seu império com a aquisição de uma série de cervejarias: Brahma, Antarctica, Skol, Bohemia etc. A belgo-europeia Interbrew se fundiu com a Ambev brasileira. Dali em diante, tornou-se Inbev. Alguns anos mais tarde, a Inbev comprou a americana Anheuser-Bush. Desde então, o nome do conglomerado de cerveja é AB InBev. Há alguns anos, a sede foi transferida de Leuven para Nova Iorque. O grande chefe tem sido, há anos, o brasileiro Britto, o homem com um dos salários mais altos do mundo. Com a regularidade de um relógio, a AB InBev continua comprando cervejarias em todo o mundo.

1 Nota da tradutora: *Burning Ice* é uma referência ao Burning Ice Festival (que trata da relação entre arte e natureza), realizado em Bruxelas, e é uma plataforma transdisciplinar para artistas, pesquisadores e teóricos, entre outros, que sai em busca de histórias que possam servir de base para uma ecologia política e para uma transição para uma convivência sustentável entre o homem e seu meio ambiente. O tema da referida edição do festival (7ª) foi "The Gentech Future that Never Was" [O futuro de tecnologia genética que nunca existiu].

Hormônio rBST

Cerveja tem algo a ver com a engenharia genética? E qual a relação entre cerveja e o derretimento do gelo? Burning Ice [Gelo em Chamas]? Com o gelo, não imediatamente, embora a cerveja seja servida gelada aqui no Brasil. Não, coincidentemente está sendo realizado no Kaaitheater [Teatro Kaai], em Bruxelas, pela sétima, vez o festival Burning Ice (1). O evento de três dias está, nesta semana, sob o signo do "derretimento" da biodiversidade em nosso planeta e quer promover uma avaliação de 30 anos de engenharia genética na agricultura e nos alimentos. Os cientistas travam debates entre si. No terceiro dia, o público em geral está convidado. Wervel estará presente, com um estande "histórico". Se está havendo um retrospecto, então Wervel não pode faltar. Nós iniciamos nosso trabalho de conscientização como a célula belga de uma rede internacional de oposição ao hormônio rBST Monsanto (2). Já que, para o consumidor, a pureza do leite é um tema muito sensível, nós vencemos essa batalha em 1994. O hormônio rBST é, ainda hoje, proibido na União Europeia.

Depois disso, nós ainda fizemos algumas campanhas e publicamos vários jornais e folhetos sobre o assunto. Felizmente, nos últimos anos, esse tema está sendo retomado por outras organizações. Atualmente, Wervel se dedica mais à biodiversidade e à intensificação agroecológica, em resposta àquilo que a engenharia genética tem, supostamente, para oferecer.

Cerveja GMO

A cerveja já está entre nós há muito tempo. Platão achava que "o homem que inventou a cerveja é um sábio". Em 1516, o Duque William VI, da Baviera, decretou que a cerveja só deveria consistir de água, malte de cevada e lúpulo. Mas o que mudou desde então? Pelo menos, no Brasil!?

Em 2012, pesquisadores brasileiros publicaram um artigo científico que apontou que as cervejas mais vendidas, em vez serem produzidas com malte, eram produzidas com milho. É que a cevada é muito pouco cultivada no Brasil; a produção de milho é muito maior.

As marcas mais conhecidas, como Antarctica, Bohemia, Brahma, Itaipava, Kaiser (que era da Coca-Cola, agora comprada pela Heineken), Skol e todas as cervejas nas quais consta "contém ingredientes de grãos não maltados", não são tão puras quanto exige o Decreto de 1516. É que a legislação brasileira permite a substituição de cevada por outras fontes de carboidratos/açúcares (3).

Principalmente a partir 16 de maio de 2007, a quantidade de milho na cerveja aumentou muito. Foi nessa data que o CNTBio, em nome do governo federal, deu sua autorização para o milho geneticamente manipulado no Brasil. Atualmente já existem 18 variedades desse milho em circulação, produzidas por Monsanto, Syngenta, Basf, Bayer, Dow AgroSciences e Dupont (4). O Brasil é o segundo maior produtor de produtos transgênicos no mundo. Mais da metade das terras agrícolas está semeada com organismos

geneticamente modificados (OGMs), principalmente soja e milho. Em 2013, 89,9% do milho produzido no país era geneticamente modificado.

Durante a Copa do Mundo, em junho, essas cervejas serão onipresentes, na publicidade e no consumo. A grande massa não dará a mínima.

Enquanto isso, o gelo (polar) continua derretendo. Burning Ice.

Rio Pomba, 24 de março de 2014.

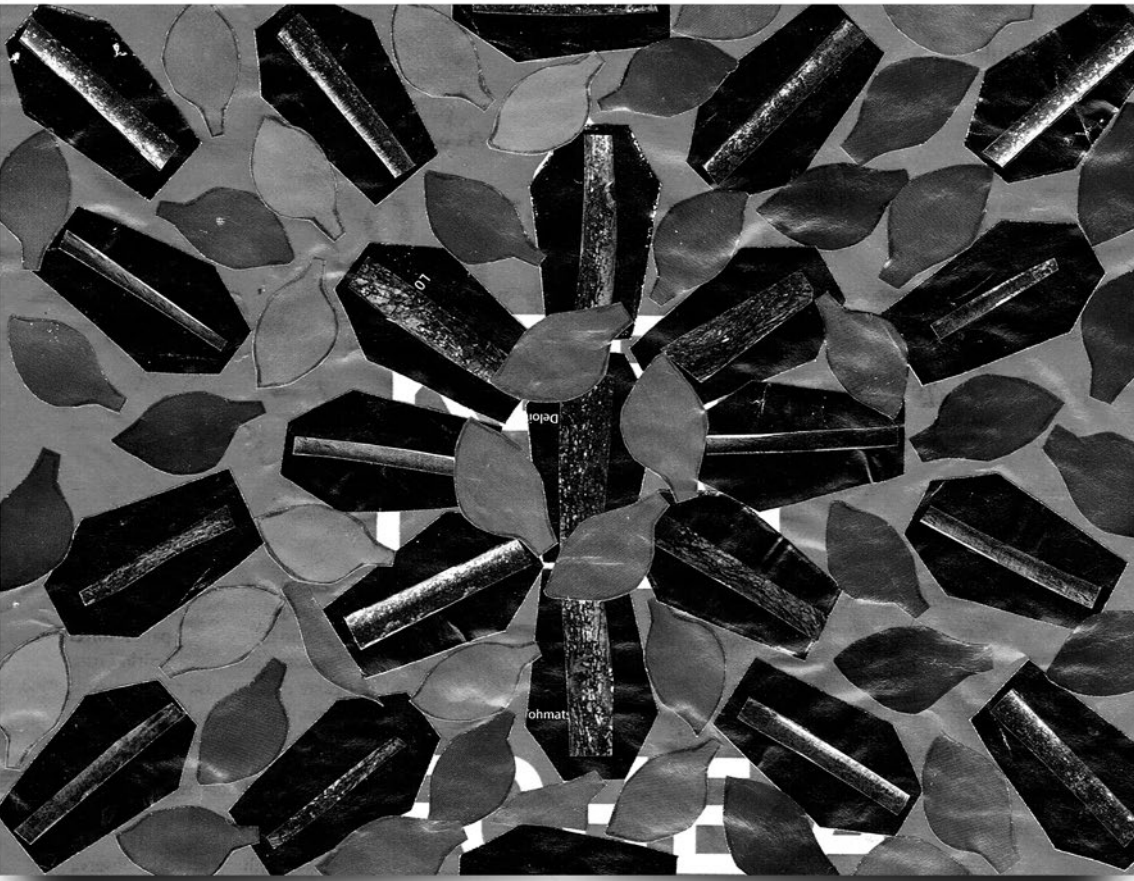
(1) Consulte: www.kaaitheater.be/burningice

(2) rBST: BST recombinante, hormônio BST para (aumentar?) a produção de leite, porém obtido por engenharia genética. Quatro grandes empresas químicas desenvolveram o rBST: Monsanto, American Cyanamid, Eli Lilly e Upjohn. Monsanto, o maior grupo, foi a primeira a receber a autorização da Food and Drug Administration (FDA) para lançar o produto no mercado dos EUA. Desde outubro de 2008, a Monsanto vendeu seu inteiro comércio rBST para Eli Lilly. Veja: Wervelkrant [Jornal do Wervel], *Nós não pedimos rBST em nosso leite. Você também não, certo?* (1994).

(3) Veja também: www.revistaecologica.com/monsanto-revela-que-milho-transgenico-pode-fazer-mal-saude

(4) Para mais informações sobre o volume de negócios dessas empresas, veja o artigo *Terra-água-sementes*, no livro *Aurora no campo. Soja diferente* (Curitiba: Editora Gráfica Popular; Cefuria, 2008).

3
MATA ATLÂNTICA EM CHAMAS



Viajar do Rio de Janeiro, através da serra da Mata Atlântica, para Rio Pomba (MG) é uma festa quando comparada com a viagem de ônibus São Paulo-Curitiba. Você se imagina nas montanhas suíças.

Todo ano, Rio Pomba significa: palestras e diálogos com os estudantes e professores de Agroecologia do IFET (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais, *Campus* Rio Pomba). Ao final de um diálogo, eles também fazem fila para comprar um livro. Impressionante e comovente, quando você considera que a maioria dos alunos tem poucos recursos. Felizmente, a equipe Wervel "Cerrado" também providenciou material: um folheto informativo e uma publicação mais detalhada sobre o Cerrado, uma história digital e uma apresentação em PowerPoint. É a primeira vez que eu, depois de todos esses anos, vou utilizar PowerPoint, pois sou analfabeto em TI.

É graças ao empenho e à tenacidade do professor Eli Lino de Jesus, pioneiro em agroecologia, que tudo isso é possível. Se, no próximo ano, em comemoração aos 25 anos de Wervel, organizarmos uma viagem ao Brasil, certamente precisamos passar por Rio Pomba.

Carvão

Depois dessa parada de dois dias, nós viajamos via Barbacena para a Universidade Federal de Lavras (UFLA). Ao longo das encostas, observa-se o avanço da monocultura de

eucalipto (1). De repente, surgem dois caminhões estranhos na nossa frente. Eles parecem conter produtos inflamáveis. O motorista explica que os caminhões devem fazer um grande desvio, porque eles não estão autorizados trafegar pelas cidades. O conteúdo desses misteriosos caminhões gigantes fechados é inflamável. Trata-se de carvão vegetal de eucalipto, de uma fábrica de São José do Goiabal. A caravana segue na direção dos altos-fornos em Juiz de Fora. São 400 km de deslocamento ao longo de perigosas estradas sinuosas: não vamos nem começar a falar sobre a pegada ecológica e a perda energética dessa fonte de energia. São, certamente, menos do que os 2.450 km que os caminhões devem percorrer para transportar a assim chamada "soja sustentável" de Lucas do Rio Verde (Mato Grosso) para o Porto de Paranaguá (Paraná). O jornalista do O Globo que me entrevistou no Rio de Janeiro tem histórias alucinantes sobre isso. Ele viajou com um motorista desses e, depois, informou os cariocas sobre a loucura dessa viagem.

Belgomineiro

Em Juiz de Fora está situado um alto-forno da Arcelor Mittal. Você sabe, o gigante do aço da Índia. O Número Um em termos de produtos de aço. A matriz da Índia está, gradualmente, encampando vários altos-fornos – na Bélgica e na Europa. E sim, alguns anos atrás, foi a vez da Belgomineira, no Brasil. "Belgo" o quê? Na verdade, os belgas foram os "pioneiros" na produção de aço. Depois da Grã-Bretanha, a

Bélgica foi o primeiro país no continente europeu que mergulhou na industrialização. As pontes para o trem entre Curitiba e o Porto de Paranaguá foram feitas na Bélgica e montadas na Serra do Mar, no ano de 1865. Os trens com soja destinada aos navios cargueiros que rumam para a Europa, a China e o Japão ainda trepidam por elas.

Ao mesmo tempo, já no século XIX, os industriais belgas investiam em Minas Gerais, um estado brasileiro do tamanho da França. Nasceu a Belgomineira. No século XX, a Electrabel, subsidiária da Société Générale, repetiu o feito, com a construção e a operação de barragens. A Belgomineira foi comprada; as barragens, ainda não. Elas ainda proporcionam lucros franco-belgas. É que, nesse meio tempo, a Electrabel se tornou parte da multinacional francesa Engie SA (2).

Ao entrar em Barbacena, um imenso caminhão que transportava cimento bloqueia a pista, logo após a estrada se dividir em quatro pistas de rolamento. Mas os caminhoneiros e outros motoristas estão, por quilômetros e horas, presos entre si. Presos? Uma barreira de concreto separa os dois sentidos. Eles não conseguem ir para lado algum! Desespero por toda parte. O acidente aconteceu por volta das 6 horas da manhã. Excesso de velocidade. Três horas mais tarde, nós vemos os caminhões de reboque chegando. Ainda bem que não foi um caminhão com carvão – caso contrário, estaria tudo em chamas. Sim; afinal, o Brasil é uma terra de caminhões, ônibus e cada vez mais carros particulares.

Estamos em uma tradição

Mais tarde, passamos pela "Região da Estrada Real". Belgomineira, Arcelor Mittal e muitas outras empresas estão em uma tradição de séculos de exploração e pilhagem. Ao longo dessa "estrada real" passavam jumentos carregados com ouro, por sobre as montanhas em direção a(o porto de) Parati e, tempos mais tarde, ao Rio de Janeiro. Os escravos conduziam os jumentos, o ouro seguia para Portugal e, ao final, muito do ouro ia parar na Grã-Bretanha. Assim, a Europa pôde se enriquecer e tinha uma base para começar a sua industrialização. Os chineses e os indianos estão agora assumindo, parcialmente, o negócio. Eles também estão em uma tradição. A globalização não começou há 500 anos, entre a Europa e as Américas, mas sim entre a Europa e a Ásia. Foi, em primeiro lugar, principalmente interasiática. Há mais de 2 mil anos, 80% do comércio mundial ocorria entre os populosos países da Índia e da China. Foi somente a partir da "descoberta" da América e do fluxo de metais preciosos para a Europa que a balança pendeu em favor da Europa. Será que, agora, vamos voltar para uma dominação asiática? Isso também nem é novidade, se estudarmos um pouco a história. Nosso eurocentrismo está, claramente, ultrapassado.

Terra sob os pés, húmus nas mãos

A Agricultura Familiar está desaparecendo rapidamente das montanhas nos arredores de Rio Pomba. Será que o

florescente curso de agroecologia do IFET ainda pode reverter a maré? Ele está cheio de estudantes das cidades. Eles querem voltar a sentir terra sob os pés. É comparável ao curso de agricultura biodinâmica "Landwijzer", em Flandres (Bélgica) (3). Lá também a maioria dos estudantes vem das cidades. Aparentemente, é um fenômeno mundial de agricultura urbana e outras formas de agricultura inovadora. Novos agricultores e agricultoras, por vezes, para desespero de seus pais. Quem é que ainda quer ser agricultor?! Como esses jovens têm um sonho, mas não conseguem terras, nós estamos criando, em abril, junto com 14 organizações por ora, um fundo de terras para agricultura orgânica (4). Talvez os brasileiros tenham que começar com algo similar. Se nada for feito, então a máfia dos eucaliptos vai pegar toda a terra.

Será que a queima da Mata Atlântica no Brasil não tem nada a ver com o derretimento do gelo no Polo Norte?

Lavras, 26 de março de 2014.

(1) Veja *Você alguma vez alimentou seu filho com papel?*, no livro *Aurora no campo. Soja diferente* (Curitiba: Editora Gráfica Popular; Cefuria, 2008), e *O evangelho do eucalipto*, em *Soja: tesouro ou tesoura?* (Curitiba: L. F. Editora e Impressos; Cefuria, 2014).

(2) **Engie S.A.**, anteriormente **GDF Suez S.A.**, é uma empresa francesa multinacional de energia, que atua na produção, manutenção e distribuição de eletricidade, gás e outras formas de energia. É a maior empresa mundial de fornecimento de energia após a aquisição da International Power britânica. Inicialmente, a empresa surgiu da fusão da Gaz de France com Suez, no dia 22 de julho de 2008. Desde novembro de 2005, Suez também é proprietária da empresa de energia belga Electrabel, a qual tem como subsidiária a empresa holandesa Electrabel Nederland NV.

Há uma conexão com Lyonnaise des Eaux, especializada no tratamento e na distribuição de água, que, em 1997, tornou-se o ramo ambiental da cadeia de Suez.

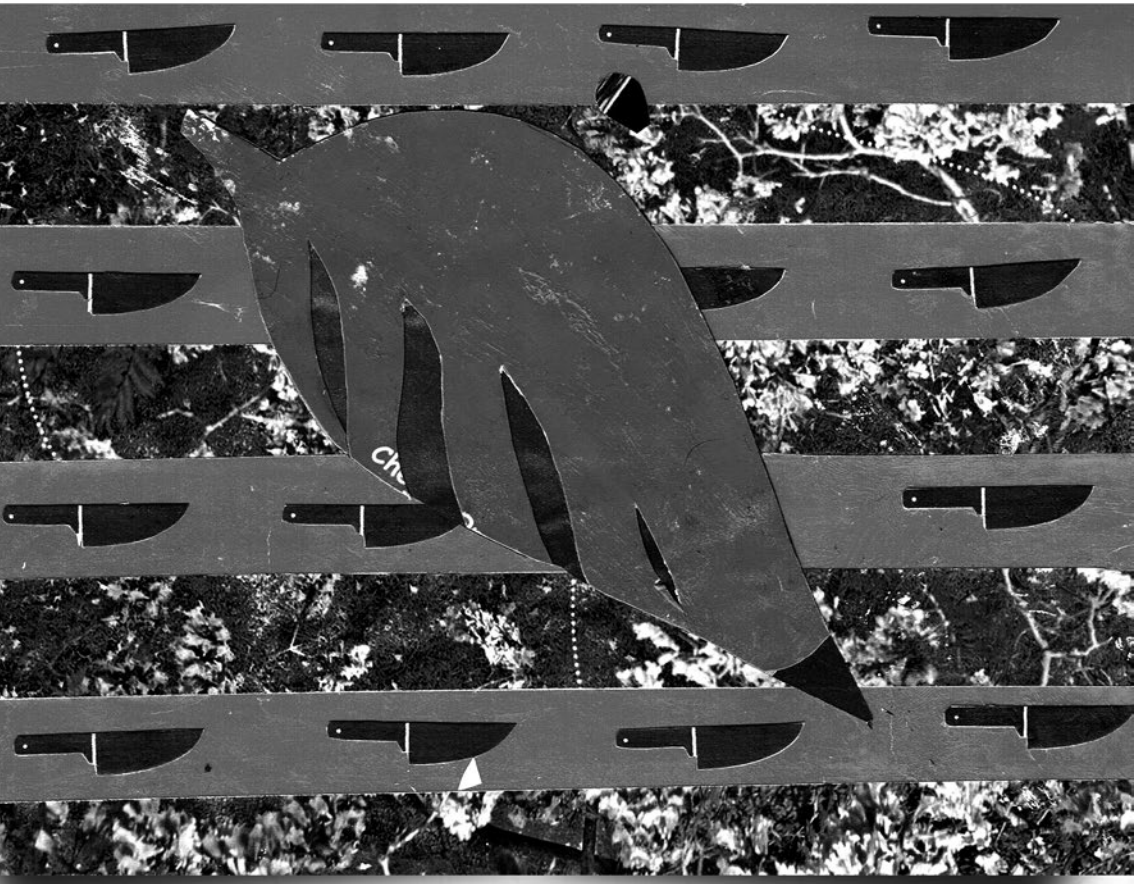
(3) Consulte: www.landwijzer.be

(4) Consulte: www.landgenoten.be

4

AGRONEGÓCIO, CRIME E DITADURA

Ditadura 50 anos mais tarde



A agenda está cheia nos últimos dias: debates no *campus* do IFET em Rio Pomba, na Universidade de Lavras e no *campus* Araras da UFScar, todos com cursos voltados para a agricultura, e também com o grupo de agroecologia em Sorocaba, na Universidade de Mauá, em São Paulo.

Agronegócio é crime

Nós estamos voltando de uma das reuniões. O professor Luiz Norder começa a contar: "Já faz algum tempo que, no círculo das ONGs, se diz que o agronegócio brasileiro é violento." Isso é verdade, mas fica mais claro quando dizemos que "o agronegócio pratica crimes"...

Eu olho espantado para ele. Será que eu posso registrar isso literalmente: "o agronegócio pratica crimes"?! Será que o *Boerenbond* [sindicato de agricultores, familiares e empresariais] da Bélgica, com seus ramos de agroindústria, engolem isso? O quanto a indústria de ração animal, com sua cúpula Bemefa [Associação Belga de Fabricantes de Ração], vai estrilar sobre isso? Ela pensa de si mesma que estão fazendo tudo muito bem. A indústria de ração animal belga seria, na Europa, a líder em termos da assim chamada "sustentabilidade". Será que eu escapo se disser "crime", ou devo me censurar?

Em mim ainda ecoa a afirmação de outro brasileiro que me convidou para dar uma palestra em sua universidade. Ele falou sobre o uso dissimulado de palavras: "Com o aumento do *agribusiness*, essa palavra era utilizada aqui sem

complexos. Quando esse termo passou a ter uma conotação negativa, ela foi convertida, sem pestanejar, em 'agronegócio'." Outro professor (crítico) se deu conta, de repente, em uma conversa com o gringo, que ele adotava, sem refletir, a terminologia das multinacionais de agrotóxicos e sementes: organismos geneticamente modificados, tradução de "*Genetic modified organisms*". A ideologia delas: "Nós apenas modificamos algo, como já fazemos há séculos: melhoramento, modificação." Uma utilização dissimulada de palavras, sim. Na Europa, os grupos de pressão falam de "manipulação genética" para expressar que a inserção de genes de organismos estranhos à espécie tem, com certeza, outra dimensão além do melhoramento dentro de uma mesma espécie de organismos. Introduzir o gene de uma medusa em uma planta tem de ser de uma ordem totalmente diferente. "Manipular" expressa a melhor realidade.

O crime perfeito, (co)ocultado pela Europa

Mas: "O agronegócio pratica crimes", o que eu faço com isso?

Ele continua: "Nós temos leis ambientais (relativas ao uso de agrotóxicos, ao desmatamento, à poluição da água, do ar etc.), leis fiscais, leis trabalhistas, apoiamos os direitos humanos. Nós condenamos a fraude e o emprego informal. Bem, o agronegócio não viola apenas um ou outro princípio legal, mas todos de uma vez, em uma mesma propriedade, em uma mesma região. Não é algo ocasional, é sistemático. Eles sabem que essas leis existem, mas sabem também

que eles não serão punidos quando as ignoram. Empresas que atuam ilegalmente em várias áreas não são exceções. Que nada, as grandes exceções são as fazendas que operam dentro da lei! O agronegócio dá continuidade àquilo que os fazendeiros praticavam há séculos. Há certa continuidade entre a lógica de uma fazenda no século XVIII e as práticas informais de agora. Todo o agronegócio é, em seu comércio e sua atuação, ao mesmo tempo, informal e criminoso. É um 'crime perfeito'."

O gringo: "O senhor pode dar um exemplo desse crime perfeito e permanente?"

Luiz: "O cúmulo da criminalidade é, certamente, a aplicação de toneladas de agrotóxicos com aviões. Não há leis que disciplinem completamente essa prática relativamente nova, embora se preveja que a pulverização de agrotóxicos deve ficar a uma distância de, por exemplo, 500 metros de áreas habitadas. Pois bem, basta um pouquinho de vento para que eles, constantemente, ultrapassem esse limite. No ano passado, 60 crianças de uma escola agrícola em Pontal do Buriti (Goiás) foram internadas em uma clínica. Intoxicação. Algumas em coma. Em muitos casos, ninguém sabe ao certo quais agrotóxicos foram misturados. O hospital ficou em silêncio ou foi silenciado. O diretor da escola, que quase foi intoxicado, quebrou o silêncio, mas foi ameaçado de morte." (1)

O agronegócio é uma ditadura

"Isso não é uma exceção?"

Luiz: "Não, a exceção é quando a justiça é acionada, porque é tão flagrante e porque há tantas vítimas. Em todo o país, os limites da legislação são constantemente testados ou diariamente infringidos. É um crime perfeito porque, depois disso, a soja é embarcada para a Europa. O 'ilegal' se torna 'legal' (2), pois a Europa não é um modelo de 'legalidade'?! O crime 'sistemático' é ocultado. Há muita divulgação das 'Mesas Redondas sobre Soja Responsável'. Quanto há de responsável nisso? Crianças são intoxicadas e são afetadas para o resto da vida. Basta assistir o filme. O agronegócio não apenas é um crime perfeito, mas também uma ditadura."

"Será que essa expressão não é rude demais?"

"Não. No dia 1º de abril será relembrado o início da ditadura civil-militar. 1964: há 50 anos. Atualmente, não há ditadura, mas o domínio de séculos da elite de grandes proprietários de terras não está simplesmente se expandindo? Com a ditadura civil-militar desembarcou aqui a Revolução Verde, a modernização conservadora do sistema de grandes propriedades. Assim como os fazendeiros sempre modelaram um estado fraco e suas leis limitadas de acordo com seus interesses, assim a ditadura militar também estava a serviço de uma elite civil. Daí 'ditadura civil-militar'. E as leis eram e são impostas com o objetivo de salvaguardar os seus interesses. O que o agronegócio faz agora? Se ainda há leis que pretendem impor limites a eles, eles massivamente se esquivam delas e, ao mesmo tempo, tentam fazer com que

essas leis sejam revogadas. Assassinato não é um obstáculo. Disso os funcionários federais a serviço do Ministério do Trabalho podem testemunhar. Ao fazer uma fiscalização em uma empresa, quatro fiscais foram assassinados. O que você faz depois disso, enquanto 'fiscal sobrevivente'?"

'Competitividade', no mercado mundial, significa que o Brasil tem de ganhar essa guerra, com o menor custo possível. Esse custo é repassado para a população e para o meio ambiente. A 'Bancada Ruralista' (deputados federais que defendem os interesses do agronegócio) em Brasília se encarrega disso. Eles ocupam 1/3 do Congresso e, quando necessário, conseguem mobilizar muito mais deputados. É a continuidade de práticas da época da ditadura, com outra plumagem, para vender o crime perfeito como sendo legal. Enquanto isso, grupos internacionais – como Monsanto, Cargill e companhia – continuam fazendo negócios com esse pessoal sem grandes preocupações éticas. O mesmo vale para a Europa, a China, o Japão e os seus interesses. Por exemplo, a indústria de ração animal e de carnes diz que tudo está bem, que eles se esforçam para buscar 'sustentabilidade'.

Suspiro! No dia 1º de abril devo fazer uma palestra na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul e, no dia 2 de abril, na Assembleia Legislativa de Santa Catarina. Será que me atreverei a utilizar as reveladoras palavras "crime" e "ditadura"? Ou será que eu vou me censurar? Vaclav Havel falava de "tentar viver na verdade". Uma tentativa. Não ter o monopólio da verdade, mas revelar a mentira imposta

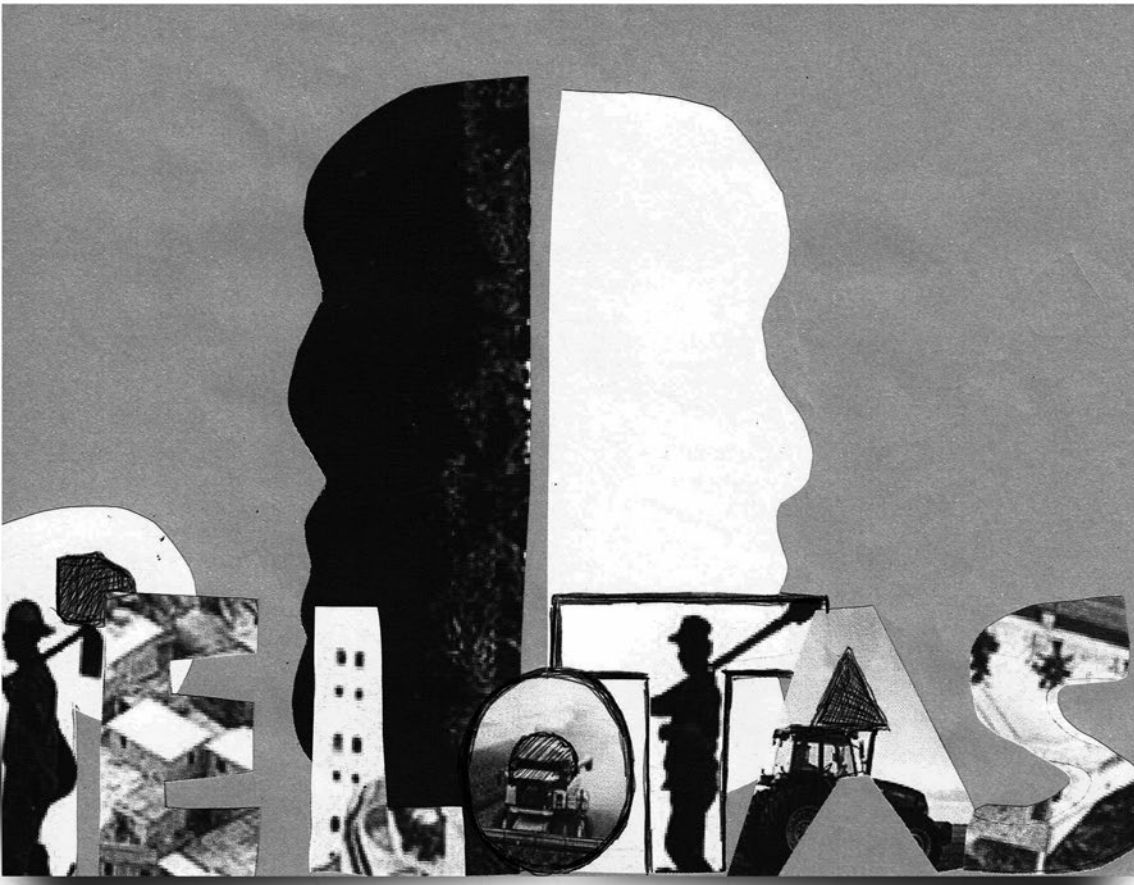
internacionalmente. Às vezes, cabe a um indivíduo fazê-lo. Ou a um grupo (de trabalho), como Wervel. Quando a mentira é revelada, o imperador está nu. Quantas revelações ainda são necessárias?

Piracicaba, 28 de março de 2014.

(1) *Pontal do Buriti: brincando na chuva de veneno* (Essá Filmes, 2013): www.youtube.com/watch?v=qHQdWwZcGlg

(2) Veja: *Legal! Otimismo – Realidade – Esperança* (Curitiba: Editora Gráfica Popular; Cefuria, 2012).

5
APARTHEID EM PELOTAS



A turnê deste ano me leva para o extremo sul do país, Pelotas, na direção do Uruguai, assim como bem ao norte, no noroeste: Porto Velho. Em ambas as regiões há água em abundância: em Pelotas, ela é utilizada, sobretudo, para a produção de arroz e para o transporte fluvial de carga.

Porto Velho já está, há semanas, inundada pelo Rio Madeira. Será que há uma ligação entre as inundações em Rondônia e a seca que já dura há meses no Sudeste, nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo? A chuva permanece estacionada sobre a Amazônia e, neste verão, não segue para o Sudeste, com todas as consequências disso. Mas Pelotas não tem problemas com água. Aqui há outros temas a tratar.

A Paris do Sul

Às vezes, a cidade é chamada de "A Paris do Sul". Pelotas abriga muitos belos edifícios da época colonial e em estilo neoclássico – construídas, obviamente, com base em uma flagrante injustiça: escravos africanos. Eiffel (o arquiteto da Torre Eiffel, em Paris) projetou, na cidade brasileira de Pelotas, uma torre de água. A cidade enriqueceu principalmente devido à produção de carne seca e salgada: alimento para os escravos em Minas Gerais, mas também para ser exportada para outras regiões produtoras, a exemplo de Cuba e dos Estados Unidos, onde predominava esse mesmo sistema.

A primeira vez que viajei para essa cidade gaúcha, no extremo sul do Brasil, foi em 2000, durante um período sabático de seis meses.

Buscava, então, encontrar-me com o professor Eric Goewie, o homem que criou um próspero curso de agricultura orgânica na Universidade de Wageningen. Aparentemente, o curso era tão brilhante e tão ameaçador ao sistema universitário convencional que eles vieram para – literalmente – derrubar sua sede (de madeira) com máquinas de terraplanagem. Sua ida para o Brasil cumpria o objetivo de se recuperar dessa destruição. Para ele, também foi um período sabático de trabalho duro: a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) lhe pedira para ajudar na conversão da produção agrícola ao sistema orgânico na região, tanto no caso da cebola quanto de outros cultivos. Eu o entrevistei sobre o acontecido em Wageningen, sobre agricultura orgânica, bem como em relação ao desafio de alimentar uma população mundial crescente.

De *cowboys* para a fúria de soja

E agora estou de volta à "Paris do Sul", a convite do professor Flávio Sacco e do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Agroecologia e Políticas Públicas para a Agricultura Familiar, da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Foi uma manhã fascinante de debates, em uma das universidades mais antigas do país. Não apenas o "belga" fez uma palestra, mas houve um interessante debate entre os participantes. Assim

como na maior parte do Brasil, a região também está sendo pressionada pela fúria da soja. Nós nos encontramos, aqui, no Bioma Pampa, uma zona tradicionalmente criadora de gado e produtora de arroz. Áreas tradicionais de pasto foram aradas ao longo dos últimos 10 anos, e até mesmo muitos campos de arroz se transformaram em lavouras de soja nos últimos tempos. O ouro verde seduz (quase) todos, alimentado especialmente pela grande demanda de carne da Ásia, tendo como resultado preços elevados. A soja é como o ouro: quando preço está alto, todos saem em busca do ouro. Agora é a soja! Soja, soja e mais soja.

Ano-chave 1973

No auditório, encontraram-se várias disciplinas. Um veterinário, entre outros, chamou a minha atenção. Depois do debate, ele me disse: "Eu comecei a minha carreira em 1973, ajudando a destruir o Cerrado. Era um programa da ditadura militar da época: 'Recuperação do Cerrado'. Desde então, eu me converti à agroecologia e dou aulas sobre fertilidade do solo no curso de medicina veterinária."

Um homem assim sempre me emociona. Meu pai era veterinário, mas, infelizmente, faleceu há 40 anos, um ano depois que esse homem começou a desmantelar o Cerrado. Além disso, seu currículo é interessante: primeiro, ficou ao lado dos destruidores; depois, passou a se dedicar ao difícil trabalho de recuperação. O curso de sua carreira também ilustra perfeitamente o que mudou desde 1973. Não foi

apenas o ano da primeira crise do petróleo, mas também de uma gigantesca crise na produção de grãos. Os Estados Unidos tiveram grandes perdas de colheitas no Vale do Mississippi. De outro lado, de repente, ocorreu uma grande demanda a partir da, então, União Soviética. Os preços dos grãos dispararam. Os gigantes do comércio de grãos, como Cargill e companhia, tiveram lucros enormes.

Todavia, os agricultores não se beneficiaram imediatamente disso. De uma hora para outra, os EUA pararam de exportar soja para a Europa. No entanto, a Europa havia se tornado viciada na soja americana e dependente dela. O Brasil pulou, literalmente, no "Vazio de Roterdã". Naquele mesmo ano, foi criada a Embrapa e este país apostou, como um louco, na expansão da soja. A "Recuperação do Cerrado" era um dos elementos disso, ainda que lá o grande avanço ocorresse mesmo na década de 1980, com a aplicação de calcário para corrigir os solos geralmente ácidos dessa região.

O homem, agora, leciona em um novo departamento, atendendo à solicitação do governo federal, para atuar junto a um curso de medicina veterinária voltado a estudantes oriundos de assentamentos. O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) destinou 4 milhões de reais ao projeto. Resultado? O bastião conservador do curso de medicina veterinária foi sacudido. Tradicionalmente, muitos dos alunos eram filhos de proprietários de grandes áreas ou de famílias com interesses no agronegócio. Agora, de repente, juntaram-se a eles grandes grupos de jovens do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), vindos

de 11 estados. Esses jovens possuem uma formação política consistente, fruto dos cursos de formação do MST, enquanto o grupo tradicional, em sua maioria, não quer ser confrontado com questões sociais mais amplas. Eles só querem aplicar um pacote de técnicas e ganhar um bom dinheiro.

Apartheid entre os futuros veterinários?

Eis que, agora, os estudantes "fidalgos" querem impor uma espécie de *apartheid*. Em parte sob a influência de professores, eles pedem que os estudantes sejam separados em dois grupos. Eles não gostam dos questionamentos e da postura que os novos alunos trazem consigo. Será que esse "*apartheid*" vai ocorrer de modo alinhado com a história, com senhores brancos e escravos negros? Muitos dos novos estudantes têm uma cor de pele mais escura, sim, e são (parcialmente) descendentes distantes de africanos deportados e/ou de sua mescla com indígenas. Além desse programa de curso misto de medicina veterinária, o governo também trabalha com cotas de "negros" e "indígenas". Uma maneira questionável de trabalhar em um país com uma população de grande miscigenação, com uma centena de tonalidades de preto-branco-vermelho e suas muitas variantes. Quem é que vai determinar a qual grupo étnico uma pessoa pertence nessa mistura de inúmeras linhagens e culturas?

Esperemos que a universidade não ceda e que o enriquecimento provocado pelo choque de ideias continue. Trata-se do conflito entre dois paradigmas de agricultura

e de educação, sobre o qual o professor Fábio Nolasco escreveu detalhadamente em *Soja: tesouro ou tesoura?*, novo livro de Wervel.

O apoio do governo vai, principalmente, para a expansão da soja

Enquanto isso, a soja continua avançando como nunca antes, independentemente de cota ou de *apartheid*. Uma professora vem me contar que, no Estado do Paraná, 80% dos recursos do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) são direcionados para o cultivo de soja. Ou seja, não são apenas os fazendeiros que receberam muitos recursos do governo para operar esse milagre. Os limitados recursos destinados à Agricultura Familiar também são utilizados para esse ouro verde. Onde isso vai parar? Flandres, no entanto, não deixa por menos. Aqui na Bélgica – como um reflexo no espelho –, a maior parte do apoio do Fundo Flamengo de Investimento Agrícola (VLIF) é direcionada à construção de granjas e à pecuária intensiva. É verdade que a ração animal – à base de soja – vem do outro lado do oceano... Enquanto o fluxo de estrume constitui um problema ecológico, muitos produtos de carne e derivados lácteos são exportados. Exportação alicerçada na importação e em muita destruição.

Caqui

Para manter viva a esperança de reversão, à tarde vamos visitar uma cooperativa de agricultores familiares em Arroio do Padre (RS). Eles fornecem verduras e frutas para as escolas da região. Parte da produção vai também para o restaurante da universidade, no qual os diferentes grupos ainda fazem, juntos, as refeições elaboradas a partir das verduras e frutas de estação. A safra de caqui dos agricultores é especialmente impressionante. É um fruto quase desconhecido para nós, na Bélgica, e que não precisa de nada químico. Uma ilha dentro de um oceano de contradições.

O Rio Grande do Sul é um dos campeões no uso de agrotóxicos no país. O rolo compressor da soja tem tudo a ver com isso.

Pelotas, 31 de março de 2014.

O desafio de pensar e propor uma outra agricultura dentro de uma tradicional instituição agrária de ensino superior

Flávio Sacco dos Anjos

Pelotas é uma cidade de aproximadamente 340 mil habitantes, localizada no extremo sul do Estado brasileiro do Rio Grande do Sul, a pouco mais de uma centena de quilômetros da fronteira com a República Oriental do Uruguai. Esta cidade conheceu seu apogeu durante o século XIX, quando o chamado "ciclo do charque" viveu seus anos dourados. Tratava-se da carne bovina salgada e curada ao sol, a qual era produzida em grandes estabelecimentos que funcionaram mediante a exploração de trabalhadores escravizados, trazidos da África, ou de seus descendentes nascidos no Brasil.

A chamada aristocracia do charque, classe opulenta que enriqueceu a partir da exportação desse produto para outras regiões do Brasil e inclusive para outros países (Cuba, EUA), foi responsável, também, pelo surgimento da atual Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel (FAEM), ligada à Universidade Federal de Pelotas (UFPel). A FAEM é uma das mais tradicionais instituições de ensino do Brasil, com seus 132 anos de existência, dentro de um país que há pouco mais de 200 anos começou a escrever a própria história. Esse dado reveste importância em função de três aspectos. Em primeiro lugar, pela quantidade de profissionais formados ao longo de sua existência. Em segundo lugar, pelo destaque no âmbito da pesquisa e da produção do conhecimento na área da produção animal e vegetal. Em terceiro lugar, pelo modo como expandiu seus horizontes por meio da criação de diversos programas de pós-graduação em nível de mestrado e doutorado.

Ainda assim, decididamente a FAEM reflete um perfil extremamente conservador. Ao longo dos anos 1960, aderiu fervorosamente – como a totalidade das instituições agrárias

do Brasil e da América Latina, em geral – às tecnologias da chamada "Revolução Verde" (mecanização intensiva, adubos sintéticos, agrotóxicos etc.). As pesquisas realizadas desde então e a formação de recursos humanos no âmbito da graduação, do mestrado e do doutorado seguem um mesmo padrão que propugna uma cientificidade discutível, sobretudo porque é completamente tributária dessa visão de dominação da natureza e de simplificação dos processos produtivos mediante o uso intensivo de insumos sintéticos, incluindo também o uso de cultivos transgênicos e melhoramento de raças voltadas para criar clones de alta conversão alimentar.

O resultado é que, diferentemente de outras instituições renomadas que animam a reflexão em torno de pensar outras formas de agricultura menos degradantes, ou mesmo que eliminem o uso de agrotóxicos, a FAEM segue aferrada a uma concepção que vem sendo questionada por amplos setores da sociedade, não somente por ser responsável pela contaminação dos alimentos, mas também pelo crescimento no número de casos de intoxicações de trabalhadores rurais e de pequenos produtores, bem como pela destruição dos recursos naturais.

Os olhos (mais) abertos para a agricultura ecológica

Complexa é a missão de abrir os olhos de nossos alunos para a necessidade de pensar sobre outra forma de produção ou, pelo menos, de conceder o benefício da dúvida em

relação aos supostos benefícios que a forma convencional de agricultura traz para a sociedade em geral. E, como diz o velho ditado, o "pior cego é o que não quer ver", o pior surdo é o que não quer ouvir, de sorte que, para um professor de sociologia rural, a sensação que experimento ao longo de 26 anos de docência é a de pregar em pleno deserto. A agricultura ecológica e a pequena exploração de caráter familiar são vistas como formas irrelevantes de produção, dado que o padrão idealizado é o da grande exploração capitalista, tecnificada, intensiva e orientada à produção de *commodities*, a exemplo da soja.

Mas a realidade sempre nos reserva algumas surpresas que, para além do inesperado, trazem consigo um sopro de esperança para mudar esse cenário. E em que consiste essa suposta mudança? Para explicar isso, devo dizer que o Brasil conta, há dez anos, com uma das mais avançadas legislações relativas ao que a literatura internacional denomina "*creative procurements*". Em linhas gerais, trata-se de legislação que instituiu os chamados mercados institucionais, admitindo a possibilidade de que entes públicos (escolas, hospitais, presídios, restaurantes universitários etc.) possam estabelecer contratos diretos com agricultores familiares e com suas organizações para a compra e o fornecimento de produtos agroalimentares. A mesma legislação assegura a compra antecipada, assim como um preço *premium* para os artigos oriundos da produção ecológica. A UFPel aderiu a esse programa e o resultado é que, atualmente, 80% do alimento que diariamente sacia a fome dos estudantes é produzido, regionalmente, pela agricultura de

caráter familiar. A produção de natureza ecológica é ainda pequena diante das dificuldades técnicas dos produtores, não obstante a disposição dos mesmos no sentido de aderir a essa forma de agricultura.

A Agricultura Familiar não é uma quimera, mas uma decisão sensata

Todavia, grandes são as expectativas em relação ao futuro, assim como a certeza de que esse fato é carregado de simbolismo e de um grande significado. Isso porque o principal argumento dos alunos – e, inclusive, de muitos professores – para desqualificar a Agricultura Familiar e a agroecologia como forma de produção é justamente por conta de uma suposta incapacidade de atender à demanda de alimentos e/ou de oferecer produtos de qualidade. Mas quando, diariamente, chegam ao imenso refeitório e encontram balcões abarrotados de produtos frescos produzidos pelas mãos de agricultores familiares, as resistências tendem a se reduzir, erodindo as bases do preconceito e da ignorância. Com o advento dessa forma de abastecimento do restaurante universitário, a luta por abrir as mentes ganha força e legitimidade. Contra os argumentos de que só a grande exploração é capaz de aplacar a fome do mundo e que a Agricultura Familiar é absolutamente irrelevante do ponto de vista econômico, nos cabe retrucar com apenas três perguntas que eu reputo como bastante desconcertantes:

"– Ok, entendo sua posição, mas poderia me dizer, precisamente, o que você comeu hoje no almoço do restaurante universitário? Por acaso não foi um produto da Agricultura Familiar, elaborado localmente? Já imaginou o que seria do Brasil se esse tipo de experiência fosse replicado em outras instituições públicas e privadas?"

Flávio Sacco dos Anjos
Agrônomo, doutor em Sociologia, professor do departamento de Ciências Sociais Agrárias (Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel) e pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

6

SEMEAR AGROECOLOGIA NAS CIDADES E EM TORNO DELAS

Tenho a sorte de começar a minha viagem pelo Brasil com um jovem entusiasmado, Diogo de Souza Pinto. A intenção era fazer uma palestra na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), a 72 km do Rio de Janeiro – porém, devido à greve de três meses dos professores, o último ano letivo foi completamente alterado. Resultado: os estudantes ainda estão em férias. Mas os encontros com Diogo e, mais tarde, com o professor Abboud, dessa universidade, fizeram a viagem valer a pena.

Diogo foi "contagiado" pela agroecologia e está firmemente decidido a dedicar a sua vida a essa causa e a fazê-lo (por enquanto, pelo menos) em um contexto metropolitano. Ele me dá a fascinante publicação *Cadernos de discussão: juventude, educação do campo e agroecologia* (1). Também me dá uma edição especial de Agriculturas, que trata de "agroecologia nas cidades" (2).

A agricultura urbana em ascensão

A prática de agricultura nas cidades e nas imediações é um fenômeno global em ascensão. Na Europa, com o surgimento das "estratégias alimentares locais", *Community Supported Agriculture* [Agricultura Sustentada pelas Comunidades] (CSA), e assim por diante. Nas Américas, na África e, principalmente, na Ásia também. Já não é mais um fenômeno marginal.

Ainda em 1999, a FAO estimava que 800 milhões de pessoas estavam envolvidas nesse fenômeno, que representa 15% da produção mundial de alimentos. É provável que, de lá para cá, esse percentual tenha aumentado. Trata-se de milhões de ex-camponeses que se aglutinam nas grandes cidades ao redor do mundo. Eles querem sentir terra sob seus pés e querem poder se alimentar do fruto cultivado por suas próprias mãos. Por intermédio dos alimentos, a coesão social é construída ou recuperada. Além disso, para muitos, representa uma grande economia nos custos ou uma (pequena) renda extra. Neste "Ano Internacional da Agricultura Familiar" e "Ano Europeu de combate ao desperdício de alimentos", o tema mais do que merece a atenção do público e daqueles que elaboram políticas públicas. Até um terço dos alimentos produzidos no mundo é desperdiçado nas diferentes etapas da cadeia alimentar internacionalizada, antes de chegar às nossas geladeiras. Essas pessoas da cidade, que praticam agricultura em situações precárias, certamente não cometerão facilmente o pecado do desperdício.

Assim temos, como exemplo motivador, a agricultura urbana do Maciço da Pedra Branca, no coração da metrópole do Rio de Janeiro. Cerca de 120 agricultores urbanos atuam no projeto.

Neoruralidade

Em nosso próprio país, a Bélgica, o professor Hubert Gulinck fala sobre a "neoruralidade", um de seus neologismos felizes: "Neoruralidade está de volta com os pés no chão,

ainda que seja, principalmente, um conceito teórico. Trata-se de pessoas, comunidades ou empresas que usam a terra como substrato para as suas ações, mas de uma forma sustentável. Para quais ações? Um conceito útil aqui é 'serviços ambientais', lançado nos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, das Nações Unidas. Os serviços ambientais tratam de produção de alimentos, armazenamento de água, gestão da biodiversidade, resfriamento do clima e – secundariamente – dos serviços culturais vinculados a isso."

"Trata-se de todos os serviços que uma sociedade pode prestar, graças ao seu substrato natural (= terra), quer ele ocorra na *puszta*, a estepe húngara, quer ocorra no solo argiloso da nossa região ou no meio de uma metrópole."

"Com isso, o termo *neoruralidade* rompe a linha divisória artificial entre a cidade e a zona rural. Essa linha divisória é perversa porque, com ela, sugere-se que vários serviços ambientais (ou 'serviços da terra') não têm espaço nas cidades."

"Há uma dominação cultural da cidade sobre o campo, enquanto há formas de ruralidade com serviços ambientais que também são possíveis na cidade. O argumento mais convincente para destacar essa neoruralidade são as novas formas de agricultura urbana que brotam em todo. Na verdade, é uma reconexão com uma longa tradição. Observe a cidade de Leuven (cidade belga a 25 quilômetros da capital

Bruxelas), nos mapas Ferraris (do ano de 1770). Toda Leuven era permeada de horticultura e outras formas de agricultura. É óbvio que as nossas cidades estão mais adensadas e impermeabilizadas do que antes, mas isso não impede que enxerguemos essas cidades cada vez mais como um substrato vivo."

Porcos na cidade?

Ainda quero dar a palavra a Jan Willem van der Schans (3). "Ao destruir jardins, matamos a capacidade de resistência de uma cidade, onde parte da população sofre com pobreza extrema e escassez de alimentos. Enquanto nós, no Ocidente, ainda encaramos a agricultura urbana de modo bastante restrito, como um jardim de passatempo na varanda, a agricultura urbana em áreas pobres representa, de fato, uma estratégia de sobrevivência para muitas pessoas."

"A agricultura urbana sempre existiu, mesmo entre nós. Antes da industrialização de nossas cidades, os agricultores e os criadores de gado de leite situavam-se em torno e dentro da cidade. Não havia refrigeração e o leite, os morangos e as alfaces precisavam ser comercializados o mais rapidamente possível. Atualmente, o gado dentro da cidade é impensável em cidades ocidentais, enquanto isso era comum não muito tempo atrás. Até 1920, os porcos ainda circulavam livremente em cidades como Nova Iorque. Depois disso, a criação de gado nas cidades foi proibida, pelas normas sanitárias. [...]"

"Há cidades no mundo nas quais a distinção entre os agricultores no entorno das cidades e os agricultores dentro das cidades não é tão grande como aqui. Hoje, Tóquio, uma das cidades mais economicamente dinâmicas do mundo, abriga cerca de 6 mil agricultores urbanos, com campos de arroz entre os grandes arranha-céus."

"Aqui, a agricultura urbana é muito frequentemente encarada como o *hobby* de um bando de *yuppies* que, quando sua safra é prejudicada, correm para o supermercado comprar alimentos. Na maioria das cidades europeias, a prática não está vinculada a segurança alimentar. Trata-se mais de um modelo para reconectar o morador da cidade com terra cultivada e vice-versa, para levar os agricultores de volta para o mercado da cidade. A agricultura urbana é utilizada em escala mundial como uma estratégia contra a fome, como combate à pobreza. [...]"

Sobre a cobertura da Biblioteca Real Albertina, em Bruxelas, encontra-se um florescente jardim urbano. Bruxelas também tem seus apicultores com mel excelente, mas eu tenho a impressão de que nós, na Europa, podemos aprender muito de agricultores urbanos em outros continentes. Que os fãs de futebol belgas percorram a cidade, em junho, em busca da inspiradora neoruralidade.

Porto Alegre, 1º de abril de 2014.

(1) Um livro a partir da sinergia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e da Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro (AARJ), Editora Outras Letras, 2011.

(2) Consulte esta edição da Revista Agriculturas (v. 9, n. 2, set. 2012), disponível para *download* neste *link*: aspta.org.br/revista/semeando-agroecologia-nas-cidades

(3) Jan Willem van der Schans é economista agrícola, pragmático e entusiástico presidente de Rotterdam Comestível (de uma entrevista em Mo* – www.mo.be –, dezembro de 2013). www.youtube.com/watch?v=FKz4JZMWZog. Veja também a palestra inspiradora de Carolyn Steel, sobre estratégias alimentares locais na região metropolitana de Londres: www.youtube.com/watch?v=CLWRclarri0

7

ABRIL: AGRICULTORES SAEM ÀS RUAS

Será uma turnê pesada desta vez: partindo do extremo sul, Pelotas, para a Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre. Depois, com o ônibus noturno para Florianópolis, onde sou novamente convidado do programa TV-Floripa (1) e para o lançamento do livro na Assembleia Legislativa de Santa Catarina.

De Floripa para Matinhos, na Universidade Federal do Paraná, a 200 metros da praia e com vista para a Mata Atlântica. Chegar a Matinhos é sempre uma festa. Até agora, a professora Luciana Ferreira e seus estudantes ilustraram quatro dos cinco livros em português. Os estudantes e ex-estudantes se reuniram em uma cooperativa, junto com agricultores e consumidores: Motirõ. A mesma Motirõ também criou agora um página de debate na internet, por ocasião do novo livro de Wervel: *Soja: tesouro ou tesoura?* (2).

Em seguida, para Curitiba, com o seu florescente mercado agroecológico no sábado de manhã e, claro, encontrar-me com Marianne Scheffer, a tradutora dos livros, e com os editores. Continuar elaborando planos. Sou hospedado pela belga Agnes Vercauteren que, há anos, mora no Brasil e durante muito tempo trabalhou na Fetraf-Sul/CUT.

Porcos acorrentados, agricultores acorrentados

Com o ônibus noturno sigo para Chapecó, "Capital da carne", com BrasilFoods (fusão de Sadia e da Perdigão) e Aurora. Uma região com uma concentração muito elevada de suínos, frangos e perus. E de agricultores que estão presos

nesse sistema de criação integrada (fábricas de ração, abatedouros e indústrias de processamento de carne "costurados" uns aos outros, "integrados").

Em Chapecó também se encontra a sede da Fetraf-Sul (3) e, de alguns anos para cá, um *campus* da nova Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). É o resultado de anos de luta dos movimentos sociais, como o MST e os agricultores familiares da Fetraf-Sul.

Enquanto os agricultores da Fetraf fazem dois dias de mobilização na capital Florianópolis, sou convidado para uma palestra no novo *campus*. Será um encontro interessante com estudantes de agronomia e ciências sociais. Para minha surpresa, depois da palestra, muitos estudantes compram os livros. Isso é excepcional, porque o Brasil não tem cultura de leitura bem desenvolvida. Esse fato revela algo sobre o elevado grau de envolvimento com o que foi apresentado.

Os agricultores se libertam

Enquanto isso, os agricultores e as agricultoras em Floripa tentam despertar os políticos. Eles lutam por um melhor acesso ao mercado institucional (programas de governo: merenda escolar e maior envolvimento de outras instituições a partir da Agricultura Familiar), a melhoria da habitação na zona rural, o apoio aos jovens para tornar a continuidade possível etc.

Desde o assassinato de 19 camponeses em Eldorado dos Carajás (PA), em 17 de abril de 1996, abril é um mês de mobilização nacional e internacional. A Via Campesina lidera, porque eles eram agricultores sem-terra do MST, mas os agricultores familiares, ano após ano, vêm se fazer ouvir.

Simultaneamente, ocorrem manifestações na Europa. Entre outros, Wervel se engaja neste tempo de ação global. O denominador comum na Bélgica é: "Zero agricultores sem terras. Zero terras sem agricultores." (4)

Chapecó, 8 de abril de 2014.

(1) Consulte: www.youtube.com/watch?v=V8roe5tLT5g

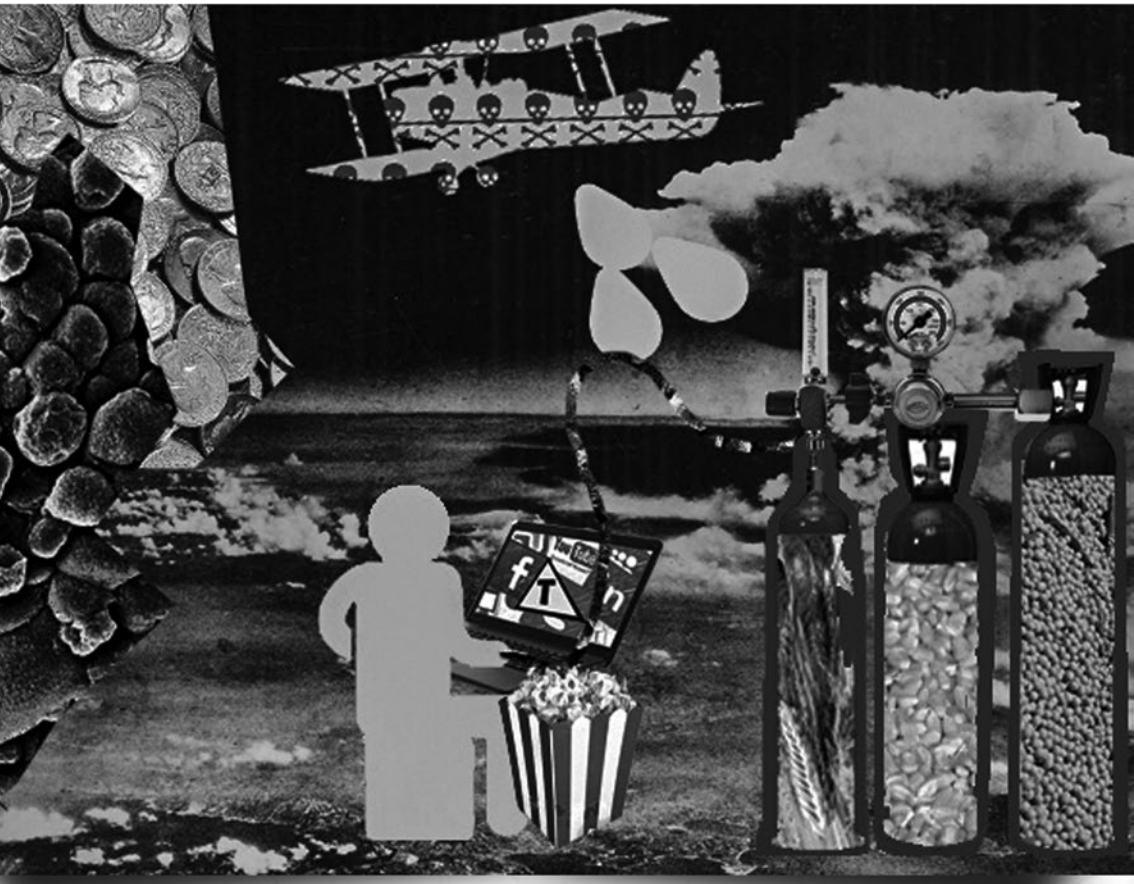
(2) Consulte o *site* www.motiro.org/sustentabilidade para a versão em português do livro de Wervel. Consulte esta página no Facebook, Viva Cerrado, para o lançamento do livro em neerlandês (no dia 23 de maio, em Mechelen, e no dia 30 de maio, em Roeselare): www.facebook.com/savethecerrado

(3) Consulte: www.fetrafsul.org.br

(4) Consulte: www.luttespaysannes.be

8

SOMOS TODOS VICIADOS EM INTERNET, TRIGO, SOJA E MILHO



Estou sentado, aqui, na Fetraf-Sul/CUT, que é, desde 2002, o sindicato inovador da Agricultura Familiar no Brasil. Não é exatamente irrelevante nesse "Ano Internacional da Agricultura Familiar", no qual os agricultores familiares se organizam nacionalmente e internacionalmente.

Sem trabalho por não estar *on-line*

O que nos acontece? De repente, cai a internet e fica assim por horas. Subitamente, todos ficam sem trabalhar. O que devemos fazer sem internet? Aqui na Fetraf é assim, mas também nos escritórios de Mundo-B (1). E em quase todos os escritórios ao redor do mundo. Computadores-escritórios ligados entre si, assim como o trigo, a soja e o milho estão globalizados. Mundialmente, esse trio se encontra na ração animal, mas também em quase todos os nossos alimentos. Inclusive nos escritórios (2). Acrescente o açúcar e a carne e concluímos a relação da nossa estreita base alimentar.

Com um pé dolorido sobre uma cadeira, começo a ler em uma revista franco-africana, Grain de Sel [Grão de sal], uma edição temática sobre "segurança alimentar": "*Quelles politiques pour les populations rurales pauvres du Sahel*?" [Quais políticas para as populações rurais pobres no Sahel?] (3).

Meu "pé de gota", inchado e dolorido, tem a ver com estresse, mudança de alimentação e com o clima. Especialmente com a pouca variedade de nossa alimentação, geralmente baseada em trigo, soja e milho. Pelo menos, essa é a afirmação do autor norte-americano Michael Pollan (4).

Obesidade e fome, gêmeos siameses

Entediados, ligamos a TV. Adivinha só? Um *reality show* desconcertante "além do peso" se propõe a nos entreter. Homens e mulheres com muito mais de 100 quilos chegam à exaustão em sua luta contra a obesidade. Eles têm de estimar a quantidade de quilos que perderam desde o início da temporada do programa e levar para uma balança. Sacos de areia em um carrinho de mão. É desconcertante ver esses senhores e essas senhoras obesos(as) adentrando nossa sala de estar. Uma expressão incisiva do que está a afligir nosso mundo: por um lado, a obesidade e um número alarmante de pessoas obesas; por outro lado, pessoas que passam fome. Trata-se, aproximadamente, do mesmo número: 1 bilhão de pessoas em ambas as categorias. As pessoas acima do peso e as obesas não são encontradas somente nos Estados Unidos e na Europa, mas também na China, no Brasil, em cidades na África etc.

Produtos químicos presentes em todo lugar

Ao longo dos anos, vieram à luz muitas teorias para explicar esse fenômeno. Uma que me parecia muito plausível era a conexão entre o consumo excessivo de refrigerantes com xarope feito a partir do milho. Um americano de origem francesa, William Reymond, publicou um livro interessante sobre isso (5).

Uma nova investigação e tese alarmante vêm de Bruce Blumberg (6), um biólogo do desenvolvimento de uma Universidade da Califórnia, em Irvine. Em um artigo de 2006, ele lançou pela primeira vez que o termo "obesogênico". Sua descoberta, inicialmente, foi muito controversa, mas agora ela está sendo confirmada por mais e mais pesquisas. Trata-se dos assim chamados "desreguladores hormonais". Eles provocam confusão no corpo. A preocupação inicial era, principalmente, que eles podem causar câncer e desvios dos órgãos sexuais. Essa preocupação permanece, mas agora seriam cerca de 20 substâncias químicas que causam a obesidade: materiais em plásticos, alimentos enlatados, agroquímicos, espuma nos colchões e querosene. Uma das pesquisas trata, por exemplo, da triflumizole, um fungicida que é muito utilizado na horticultura. Ela provoca obesidade em ratos. Muita pesquisa ainda será necessária antes de sabermos quais das influências de nosso meio ambiente e da nossa dieta são responsáveis pela epidemia de obesidade.

Agronegócio: dindim, dindim

Enquanto isso, há dois anos uma lagarta australiana está atacando a soja e outras monoculturas. Imediatamente, a Monsanto ocupou o mercado com o sua "soja Roundup Ready – segunda geração". O novo veneno destrói tudo, até mesmo a nova lagarta. Somente a soja geneticamente modificada sobrevive a esse agrotóxico, até que surja a resistência nesta ou em qualquer outra lagarta. Dindim. Dindim.

Que contraste! Aqui estou eu, lendo sobre programas para garantir a segurança alimentar para os mais vulneráveis na África. Em breve, Rui Valença, o Coordenador Geral da Fetraf-Sul, deverá ir a Bruxelas para dar palestras sobre o "Programa Fome Zero" do Brasil, em um seminário organizado pela Coalizão por Estratégias Alimentares de Bruxelas (7). Segundo a revista Grain de Sel, esse programa parece inspirar os países do Oeste Africano.

Esperemos que a África não expanda seu programa Fome Zero com novas importações de trigo-milho-soja. A diversidade e a biodiversidade na região são a melhor garantia para uma agricultura e uma população saudáveis.

Chapecó, 9 de abril de 2014.

P.S.: Eu consegui terminar esta crônica no centro de treinamento do Movimento de Mulheres da Via Campesina. Tomei sopa acompanhada de pão de trigo. Graças à internet, eu posso colocar este texto em alguns *blogs*...

(1) Consulte: www.fetrafsul.org.br; www.mundo-b.org

(2) Leia sobre o imperialismo alimentar ocidental na crônica *Proteínas de ora-pro-nóbis*, no livro *Aurora no campo. Soja diferente* (Curitiba: Editora Gráfica Popular; Cefuria, 2008), e em *Ração animal, uma história de interdependência*, no livro *Brasil – Europa em fragmentos?* (Curitiba: Editora Gráfica Popular; Cefuria, 2010).

(3) Grain de Sel, jul. 2012-jun. 2013; consulte: www.inter-reseaux.org

(4) POLLAN, Michaël. *Em defesa da comida. Um manifesto* (Rio de Janeiro: Intrínseca, 2008).

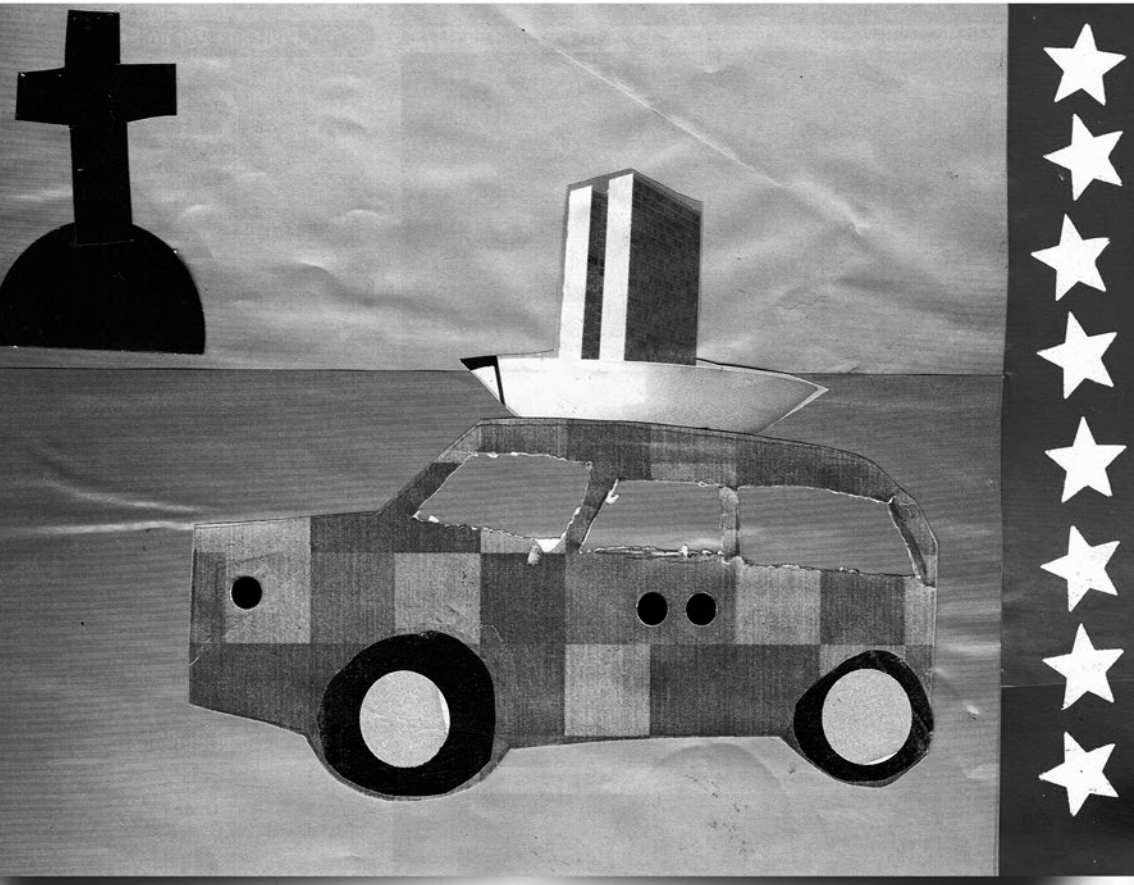
(5) REYMOND, William. *Giftig.* Zwaarlijvigheid, ongezonde voeding, ziekten: onderzoek naar de ware schuldigen [Tóxico. Obesidade, junk food, doenças: investigando os verdadeiros culpados] (Breda: De Geus, 2008).

(6) Veja também a crônica *Química e obesidade*, em *Soja: tesouro ou tesoura?* (Curitiba: L.F. Editora e Impressos; Cefuria, 2014).

(7) *International Agricultural Seminar; Institutional Purchases to Support Family Farming* [Seminário Agrícola Internacional; Compras Institucionais em Apoio à Agricultura Familiar], Bruxelas, 23 de abril de 2014; consulte: www.csa-be.org

9

BRASÍLIA, LOUCA POR JESUS



Em todas as viagens, eu passo por Brasília. Alguns contatos foram frutíferos. De outros, nós esperávamos mais. Por exemplo, no ano passado, fomos convidados para falar com o pessoal do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). A reação foi muito positiva, com perspectivas interessantes (por exemplo, reedição de textos dos livros com o logotipo do MDA), mas a continuidade emperrou. A burocracia, no Brasil, às vezes é intransponível. Mas a paciente semeadura de Sol Udry, minha anfitriã, trouxe muito resultado dessa vez. Coincidentemente me enviaram, do [grupo] Poëziebos Brugge[1], o seguinte texto:

"A nossa espera faz sentido, Vaclav Havel"

"Eu acredito que temos de aprender a esperar como nós aprendemos a criar. Devemos, pacientemente, semear o grão e, teimosamente, continuar regando o solo em que foram semeados e dar à cultura seu próprio tempo. Nós não podemos enganar uma planta, do mesmo modo que nós não podemos enganar a história. Mas nós podemos regá-la. Pacientemente, todos os dias, com compreensão, de compaixão, de amor."

Legal!, porque, ao final de uma palestra/diálogo, às vezes, pedimos que um estudante leia em voz alta o texto de abertura do livro *Legal! Otimismo – Realidade – Esperança*, no qual Vaclav Havel explica a diferença entre *otimismo* e *esperança*. Eu sempre digo também que, a cada ano, eu retorno mais pessimista para a Europa (por causa da destruição que ocorre aqui, por conta do consumo de carne na Europa, China

1 Nota da tradutora: **Poëziebos Brugge** [Bosque de Poesias em Brugge] é um grupo de ativistas que se opõe ao desmatamento do bosque municipal em Brugge, cidade histórica da Bélgica. A poesia é regularmente utilizada em sua luta.

e Japão, somados ao fato que esta é uma dinâmica histórica que não podemos mudar muito: quando uma nação adquire mais 1% de poder econômico, ela passa a consumir, em média, 0,5% a mais carne... no caso da China, com sua crescente e abundante classe média e com 20% da população mundial, isso representa muito), mas que a esperança me faz continuar (esperança, por conta da abertura para debater em muitas universidades e escolas agrícolas sobre a tão necessária mudança de paradigma; a esperança que é alimentada pelos muitos movimentos sociais, sindicatos, ONGs e, esporadicamente, até mesmo um político ou um empresário).

25 anos de Wervel

Na primavera de 1986, quando eu ainda era um dos responsáveis pelo centro de meditação na abadia em Averbode, nós organizamos um fim de semana com o título *O largo fôlego. De 1968 a 1986*, a partir do livro *Moisés*, de Cor Ria Leeman. Foi uma reunião inspiradora, para treinar paciência e resistência. Treinamento no clássico trio "fé-esperança-amor", sim, mas com uma interpretação e uma percepção contemporâneas. Muito terreno. Com os pés no chão. Na verdade, uma busca de toda uma vida por uma espiritualidade ancorada, transreligiosa. Foi também nesse fim de semana que, pela primeira vez em Flandres (Bélgica), ensaiamos algumas músicas de Herman Verbeek. Mais tarde, seguiriam os fins de semana de canto com o próprio Verbeek. A partir daqueles dias de aprofundamento, nos

antigos estábulos da abadia, cresceu novamente a ideia de organizar um fim de semana sobre agricultura... do qual, por sua vez, surgiu Wervel.

Por falar em longo fôlego! No próximo ano (2015): 25 anos de Wervel e, pelo caminho, ainda assim alguns "resultados". Quem é que pode medir isso?

Cerrado e comunidades criativas

A manhã começa com um pouco de repouso, porque a gota continua afligindo o meu pé esquerdo e as viagens são longas. Não são exatamente propícias a essa doença. Felizmente, a sabedoria popular por aqui conta com vários remédios. A partir de hoje estou tomando chá de sementes esmagadas da "sucupira branca". Estou curioso para saber se vai dar resultado.

Depois do descanso, nós vamos até um clube interessante: Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPN) (1). Eles também tomaram a iniciativa do projeto Cerratinga: preservar a biodiversidade do Cerrado e da Caatinga e comercializar produtos das mesmas (2).

Mais tarde, na Embrapa Brasília (comparável ao ILVO – Instituto de Pesquisa em Agricultura e Pesca, daqui da Bélgica), nós nos reunimos com o fundador da Ecodata, Donizete Tokarski (3). A Ecodata também se empenha há anos pela preservação e pelo desenvolvimento sensato do Cerrado. Tokarski já é um veterano, que trabalhou como assessor no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

e, posteriormente, no Incra (reforma agrária). Foi ele que propôs que a mediação de terras para colonização na região amazônica não fosse linear (e muito baseada na lógica ocidental) e, sim, seguisse a lógica da população original. Por exemplo, os seringueiros seguem em ziguezague pela floresta, de uma seringueira para a próxima seringueira interessante. Eles não têm interesse em áreas fechadas e documentação de propriedade. Assim foram estabelecidos, naquela época, os primeiros "assentamentos extrativistas" (criar assentamentos a partir daquela outra lógica, daqueles que não cortam a madeira, mas constroem uma economia a partir da biodiversidade presente na área).

Brasília, louca por Jesus

Em seguida, viajamos rapidamente para o *campus* Planaltina do IFET (a escola técnica agrícola) e o novo *campus* da UnB (Universidade de Brasília), ambos em Planaltina. Ao longo do caminho, nos deparamos com as inevitáveis faixas, que você só pode encontrar no Brasil: "Brasília louca por Jesus", que paira sobre a rodovia; outra faixa tenta atrair a atenção anunciando "Mercadão de autopeças", acompanhada... da famosa foto de Che Guevara!

Estamos a poucos dias da celebração do Domingo de Ramos: Jesus, que foi recebido em Jerusalém, o "Centro do Poder", como um herói. Um pouco mais tarde, pagaria com tortura e morte. Será que Ele seria capaz de digerir que são principalmente diversas igrejas pentecostais extravagantes

que se apropriam de Sua imagem dessa maneira em Brasília, o centro do poder neste vasto subcontinente que se chama Brasil? E o que Che Guevara tem a ver com peças de automóveis? Como é possível que ícones sejam repetidamente invocados para serem abusados e servirem a interesses próprios?

Será que a loucura por Jesus tem algo a ver com o que nós esperamos fazer hoje: tentar evitar a destruição total do Cerrado? Receio que não. Felizmente, existem outras linhas se inspiram em ícones de libertação. Hoje chegou a mim um *e-mail* de que, na Bélgica, o bispo Jan Van Cauwelaert completou 100 anos. Ele sempre foi um homem muito aberto, muito comprometido com justiça e paz. Em 1986, nós viajamos, junto com mais 16 "Testemunhas da Paz", para os Estados Unidos, em conexão com as guerras na América Central. A partir de sua rede de conexões internacionais, Van Cauwelaert fez os contatos – e isso na era pré-internet. Incrível como ele conseguia fazer isso! Nesta crônica, eu gostaria de relembrá-lo. Também Marcelo Barros, que eu irei encontrar em Goiânia na terça-feira. Ele representa, junto com Leonardo Boff e muitos outros, uma integração da Teologia da Libertação com a espiritualidade e a ação ambiental (4). Foi Jan Van Cauwelaert que, ainda nonagenário, convidou-me para conversar sobre a Teologia da Libertação, em 2004. Ele tinha lido um artigo meu, contando que essa teologia está, sim, ainda muito viva. Ele estava particularmente curioso...

Ele é uma dessas figuras fortes, que você encontra em toda parte, mesmo dentro das igrejas. Tomemos, por exemplo, Dom Tomás Balduíno (5), dominicano, ex-bispo de Goiás Velho e, há muitos anos, presidente da CPT-Nacional

(Comissão Pastoral da Terra). Ele também já atingiu uma idade avançada, mas ainda combate fortemente o agronegócio internacional que põe o Brasil de pernas para o ar. Foi esse mesmo Dom Balduíno que nos pediu para internacionalizar a luta pela preservação do Cerrado – o que Wervel tenta fazer já há cinco anos.

Otimismo tecnológico e esperança?

Os diálogos no IFET e na UNB foram particularmente inspiradores. Realmente não é fácil manter os estudantes em um auditório em plena sexta-feira à noite. Mesmo assim, lá estavam eles: cem interessados. *Chapeau!* [Parabéns!]. Entre outros, estudantes que estão sendo formados para ensinar na zona rural ("o campo") de Tocantins, Mato Grosso, Goiás e Distrito Federal, a partir de sua própria realidade rural. É por isso que seu curso é conduzido no sistema de alternância (14 dias na universidade; 14 dias em seus próprios contextos, para não perder o contato com a base). É importante que, durante seus cursos, eles aprendam que são justamente os ecossistemas – como o Cerrado em que vivem – que possuem o material para um futuro mais sustentável. Como também está sendo apresentado o novo livro *Soja: tesouro ou tesoura?*, sempre pedimos a alguns alunos que leiam em voz alta trechos da introdução, com as contribuições indeléveis por Rachel Carson, Hannah Arendt e Thomas Merton. Ao final, invariavelmente, ouvimos o texto *Esperança*, do já citado Vaclav Havel:

"E esperança não é o mesmo que otimismo,
tampouco a convicção de que algo vai terminar bem,
é a certeza de que alguma coisa faz sentido,
independentemente do resultado."

Oca do Sol (6), Brasília, 11 de abril de 2014.

(1) Consulte: www.ispn.org

(2) Consulte: www.cerratinga.org.br

(3) Consulte: ecodatainforma.wordpress.com

(4) Com relação a Marcelo Barros, veja também os livros *O espírito vem pelas águas* (Edições Loyola, 2008); *Dom Hélder Câmara – profeta para os nossos dias* (Rede da Paz, 2008; Paulus, 2013) e *O amor fecunda o universo: ecologia e espiritualidade* (Agir, 2009).

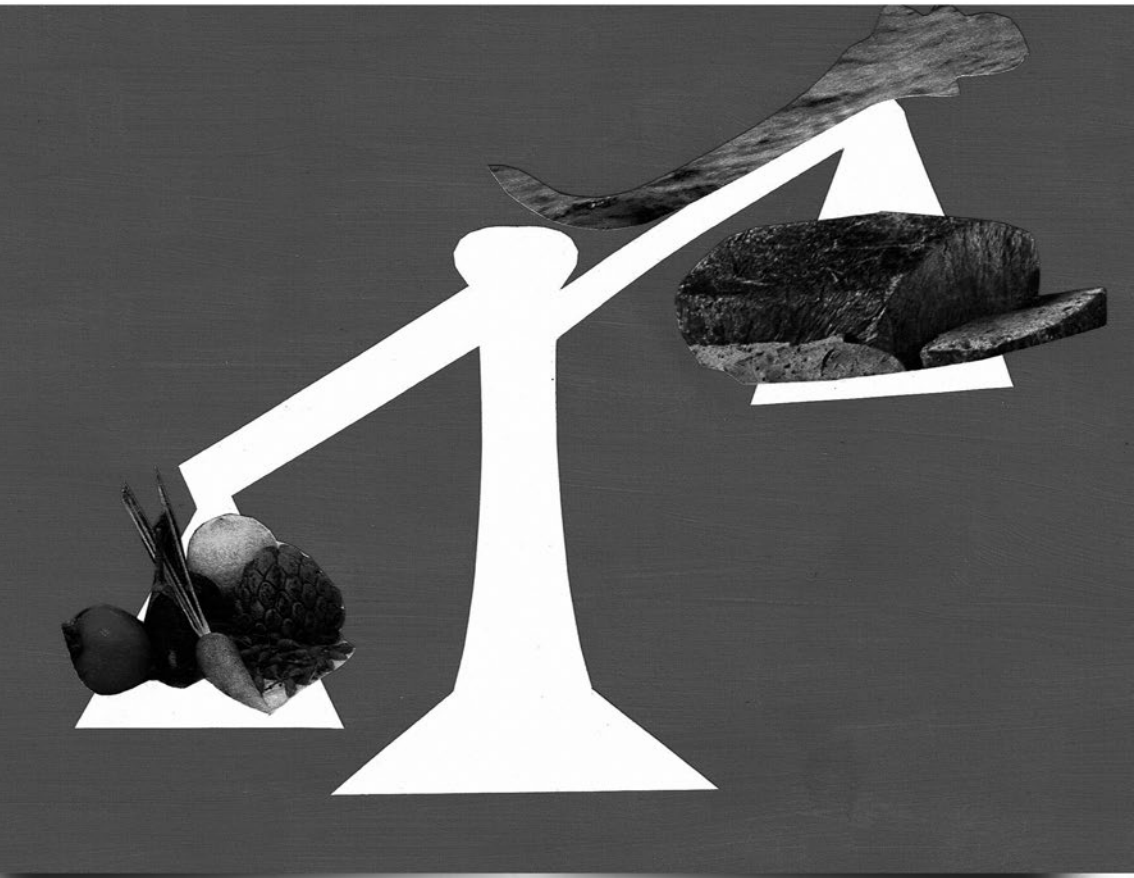
(5) Dom Tomás Balduíno faleceu em 2015, com idade avançada.

(6) "Oca do Sol" é uma Ecovila na periferia de Brasília, lugar de encontro para vários grupos. Veja também: *A festa arruinada do Cerrado*, em *Legal! Otimismo – Realidade – Esperança* (Curitiba: Editora Gráfica Popular; Cefuria, 2012) e a publicação de Wervel *De Cerrado bedreigd* [Cerrado ameaçado], de setembro de 2013.

10

ERVAS DANINHAS SERVIRÃO DE ALIMENTO

Entrevista com Clara Brandão



"Oca do Sol" é realmente uma "oca", um local de encontro para pessoas inspiradoras/iluminadas. Tomemos, por exemplo, Clara Brandão (1). Tenho a sorte de conhecê-la na Oca, pouco antes de minha partida de Goiânia. Há décadas, Brandão afirma que a qualidade da nossa alimentação tem se deteriorado pela industrialização da agricultura e dos alimentos. No entanto, o Brasil é rico em diversidade de fontes de alimento. Cada região tem as suas plantas, nozes e frutas que podem ser consumidas e podem ser utilizadas como um suplemento na dieta. É só pensar na "ora-pro-nóbis", de Minas Gerais. Além disso, cada estação nos fornece as plantas e frutas de que precisamos para iniciar, com saúde, a próxima estação. Trata-se de mais do que suplementos. Ela afirma que, em todo o mundo, as assim chamadas "ervas daninhas" são mais robustas e elas podem nos proporcionar mais das vitaminas e dos minerais necessários do que, por exemplo, uma alface. Folhas verde-escuras (como é o caso de muitas ervas daninhas) são muito mais nutritivas do que folhas verde-claras. Se um canteiro de alfaces é atingido por fogo ou é inundado, nada restará delas. Já no caso das assim chamadas "ervas daninhas", elas rebrotarão e muitas delas estão repletas dos tão necessários minerais e vitaminas.

Mandioca, alimento do povo

Ela cita como exemplo as folhas que comumente são descartadas. As da mandioca contêm mais ferro do que a carne e as da abóbora possuem mais vitamina A do que o

leite. Assim, ela apoia, portanto, a ideia de que nós não precisamos de quaisquer produtos animais. Exatamente a ideia da transição de proteínas animais para vegetais que Wervel também defende!

Com simples fichas ilustradas, ela explica que a natureza nos oferece aquilo que nós precisamos. Até um analfabeto pode ver de relance que, no refrigerante, não há quase nada que seja útil e que a mandioca e a abóbora nos oferecem quase tudo de que precisamos, quando ousamos combinar todas as partes da planta na alimentação.

Rapidamente, a relação de alguns dados que chamam a atenção:

Cobertura das necessidades diárias de uma mulher de 19 a 24 anos, contidas em 100 g de:								
	Calorias	Proteínas	Ferro	Cálcio	Vit. A	Vit. B1	Vit. B2	Vit. C
Abóbora	1,8%	2,6%	4,7%	1%	43,8%	4,5 %	3,1 %	**70%**
Folha da abóbora	1,2%	8,7%	5,3%	40%	**75%**	8,2%	4,6 %	**133%**
Semente da abóbora	**25,3%**	**65,9%**	**61,3%**	**3,2%**	**0,63%**	**20,9%**	**12,3%**	–
Semente de gergelim	**27%**	**38,3%**	**69,3%**	**101%**	**0,25%**	**89,1%**	**19,2%**	–
Mandioca	6,9%	1,74%	7,3%	2,9%	0,25%	5,4%	**3,1%**	**65%**
Folha da mandioca	4,2%	15,2%	**50,7%**	**25%**	**245%**	**22,7%**	**46,2%**	**518%**
Alface	0,7%	2,8%	8,8%	3,6%	10,9%	7,3 %	6,15%	20%
Leite	2,9%	6,7%	0,7%	9,5%	4,8%	3,6 %	10,8%	1,7%
Carne bovina	6,8%	46,7%	21,3%	1%	0,5%	8,2 %	14,6%	34,7%

Fonte: *Kit* pedagógico do Projeto Alimentação Sustentável, da Fundação Banco do Brasil.

Alimentos para a Paz – alimentos para a dependência

Tradicionalmente, a alimentação do brasileiro é baseada principalmente em arroz e feijão, mandioca, milho, abóboras... com todos os tipos de variações por região. A partir do programa Food for Peace [Alimentos para a Paz], a partir de 1955, os Estados Unidos alteraram completamente o padrão alimentar do Sul e tornaram os povos dependentes da cultura de trigo (mais doce) do Norte (originalmente, da cultura mediterrânea; é claro que os imigrantes europeus naturalmente já trouxeram essa cultura consigo, especialmente no Sul e no Sudeste do Brasil). Na década de 1960, muitas farinheiras de mandioca deixaram de existir, pois o trigo dos EUA fluía abundantemente para o país. Inicialmente, de graça, como "ajuda alimentar". Mais tarde, quando o paladar estava suficientemente "doutrinado", a um preço acessível. Será que, aqui na Bélgica, nós não conhecemos algum fenômeno similar? Na década de 1950, a Coca-Cola era oferecida de graça nas escolas belgas... Atualmente, a Coca-Cola já é, há décadas, o "Número Um" do reino dos refrigerantes. Do outro lado do Atlântico, o Brasil é campeão sul-americano em consumo de Coca-Cola.

Listagem dos dados dos refrigerantes:

Cobertura das necessidades diárias de uma mulher de 19 a 24 anos, contidas em 100 g de:								
	Calorias	Proteínas	Ferro	Cálcio	Vit. A	Vit. B1	Vit. B2	Vit. C
Refrigerante	**1,4%**	**0%**	**0%**	**0%**	**0%**	**0%**	**0%**	**0%**

Fonte: *Kit* pedagógico do Projeto Alimentação Sustentável, da Fundação Banco do Brasil.

O pão de trigo é, atualmente, comum em quase todo o Brasil. No entanto, o trigo só pode ser cultivado no sul do país. Trigo significa dependência e importações, em particular dos Estados Unidos, da Argentina e da Europa.

Em uma tentativa de fortalecer a cultura popular, o governo do presidente Lula apoiou, a partir de 2003, a reinstalação das farinheiras. Infelizmente, centenas delas estão vazias, provavelmente porque não houve apoio suficiente a partir das dinâmicas da base. Mesmo assim, é uma boa política no contexto da soberania alimentar da população. Merece mais acompanhamento. E se, adicionalmente, o programa Fome Zero incorporar as ideias de Carla Brandão (consumir raiz e folha), nós realmente chegamos lá!

Ameaça ao sistema

Aparentemente, a abordagem da sra. Brandão é um tanto ameaçadora. Sua história me lembra a destruição do curso de agricultura orgânica na Universidade de Wageningen. Literalmente, com uma máquina de terraplenagem. Na universidade, tudo começou com uma horta experimental, com a qual era possível alimentar com uma escola inteira. A diretora, que viu seu comércio de produtos alimentícios ameaçado, contratou duas máquinas para destruir a horta.

Atualmente, as ideias de Carla são aplicadas em todos os estados do Brasil e em muitos outros países. Vamos torcer para que esse trabalho não seja suplantado pelo dinheiro de Bill Gates & Cia. A Nestlé já tornou seu trabalho mais

árduo em todos os sentidos. Não há necessidade de "batata biofortificada" (2). Cada região tem suas verdadeiras "bio"--forças à disposição. Elas só devem ser vistas e utilizadas com sabedoria. Será um benefício para a saúde e a independência de todos nós. Brandão disse: "Se nos dedicarmos à qualidade, a uma dieta saudável e equilibrada, nós podemos, facilmente, consumir 30% menos alimentos. Isso tem um enorme impacto sobre o meio ambiente, especialmente se todo mundo fizer o mesmo." Se somarmos esses 30% ao gigantesco desperdício de alimentos em todo o planeta (um terço da produção mundial e o Brasil, infelizmente, é um dos campeões), então poderíamos destruir menos o Cerrado e outros ecossistemas.

Brasília, 13 de abril de 2014.

(1) Consulte: www.multimistura.org.br. Leia também *Fora babaçu! Bem-vinda a soja?*, em *Soja: tesouro ou tesoura?* (Curitiba: L. F. Editora e Impressos; Cefuria, 2014).

(2) Na mesma crônica citada na nota anterior, e internacionalmente, consulte: www.harvestplus.org; ramo brasileiro: www.biofort.com.br. Trata-se de HarvestPlus, uma organização financiada pela Fundação Gates Bill, pelo Banco Mundial e pela Syngenta.

11

NA CONTRAMÃO DO DESESPERO: COMEÇAR A RECUPERAÇÃO

Em Goiânia, uma agenda lotada sempre me aguarda: de uma palestra para a outra, de um encontro com um político para outro.

Nos intervalos, consigo me recompor com a família de Altamiro Alves Fernandes. Altamiro não é apenas um defensor da preservação do ecossistema único chamado Cerrado, ele também é um pioneiro em gestão da água.

Recuperação da gestão da água

Neste ano, o mês de abril está excepcionalmente chuvoso. Normalmente, o período de estiagem já teria começado. As ruas e avenidas mostram claramente que esse não é o caso. Durante um típico aguaceiro tropical, é possível nadar pelas ruas de Goiânia. Na verdade, em quase todas as cidades do Brasil, você quase corre o risco de se afogar, já que praticamente não há mais espaços sem impermeabilização para a água penetrar no subsolo. Os motociclistas ficam encharcados. Os ciclistas nem podem mais se aventurar nas ruas. Altamiro é, por conseguinte, uma exceção. Em seu jardim, ele desenvolveu um sistema engenhoso, o qual permite que a água penetre lentamente no solo. Se alguns milhares de famílias seguissem seu exemplo, as ruas e praças talvez estivessem menos inundadas. O problema requer, principalmente, uma abordagem diferente em termos de ordenamento territorial e planejamento urbano – o que é, principalmente, responsabilidade do governo.

Recuperação da natureza

Nós não nos encontramos apenas com políticos, mas também com pessoas que fazem a mudança. Às vezes, trata-se literalmente de uma revolução em suas próprias vidas. Tomemos, por exemplo, o fazendeiro que durante a ditadura civil-militar ajudou a implantar a exploração e o desmatamento da região amazônica. Nós o encontramos no restaurante orgânico de Gregory. O restaurante e a loja se tornaram um ponto de encontro de todos aqueles que se importam com o Cerrado.

Em determinado momento, o fazendeiro destruidor mudou de rumo. Ele fez com que a fazenda perto de Goiânia fosse cadastrada como uma Reserva Particular de Patrimônio Natural (RPPN). Mesmo depois de sua morte, a área não poderá ter outra função senão a de conservação da natureza. Ele transformou toda a sua reserva em um sítio agroecológico, onde também é possível se hospedar.

O processo de cadastramento como RPPN é muito complicado, mas, mesmo assim, há vários exemplos. O grupo empresarial Boticário possui, no norte de Goiás – onde a China começou a plantar soja –, uma RPPN de 8.740 hectares. São números muito diferentes daqueles com os quais estamos habituados na Bélgica. É só pensar no "Projeto de Merode", que abrange 1.500 hectares, o que nós já achamos fantástico.

Recuperação da comunidade

Goiânia não é apenas a "capital do pequi", símbolo do Cerrado. A cidade e a região também são conhecidas por sua "pamonha". Assim como nós nos orgulhamos de nossas batatas fritas belgas em um saco de papel, assim eles se orgulham da pamonha em uma folha de milho. No entanto, a tradição de fazer pamonha em grupo passa por maus momentos. A individualização ataca, mas provavelmente a rápida ascensão de milho geneticamente modificado também tem a ver com isso. Esse milho transgênico deve ser semeado dentro de um prazo prefixado, enquanto antigamente era possível plantar milho verde durante todo o ano.

O anúncio de uma verdadeira "pamonhada" coletiva (Programa Lavoura Comunitária), em Jesúpolis, é, portanto, uma boa notícia. É uma retomada de uma tradição de colheita coletiva do milho e do preparo conjunto da pamonha.

Recuperar o aquecimento global?

É claro que o milho não é utilizado somente para a alimentação humana. Na Bélgica, a planta milagrosa destina-se, principalmente, à alimentação animal e o milho está sempre presente nas unidades de biogás. No Brasil, já há 40 anos que se produz etanol a partir de cana-de-açúcar, o chamado combustível "verde" para os veículos. Nos últimos 10 anos, essa indústria vivenciou uma forte expansão. O etanol seria uma resposta para o problema do aquecimento

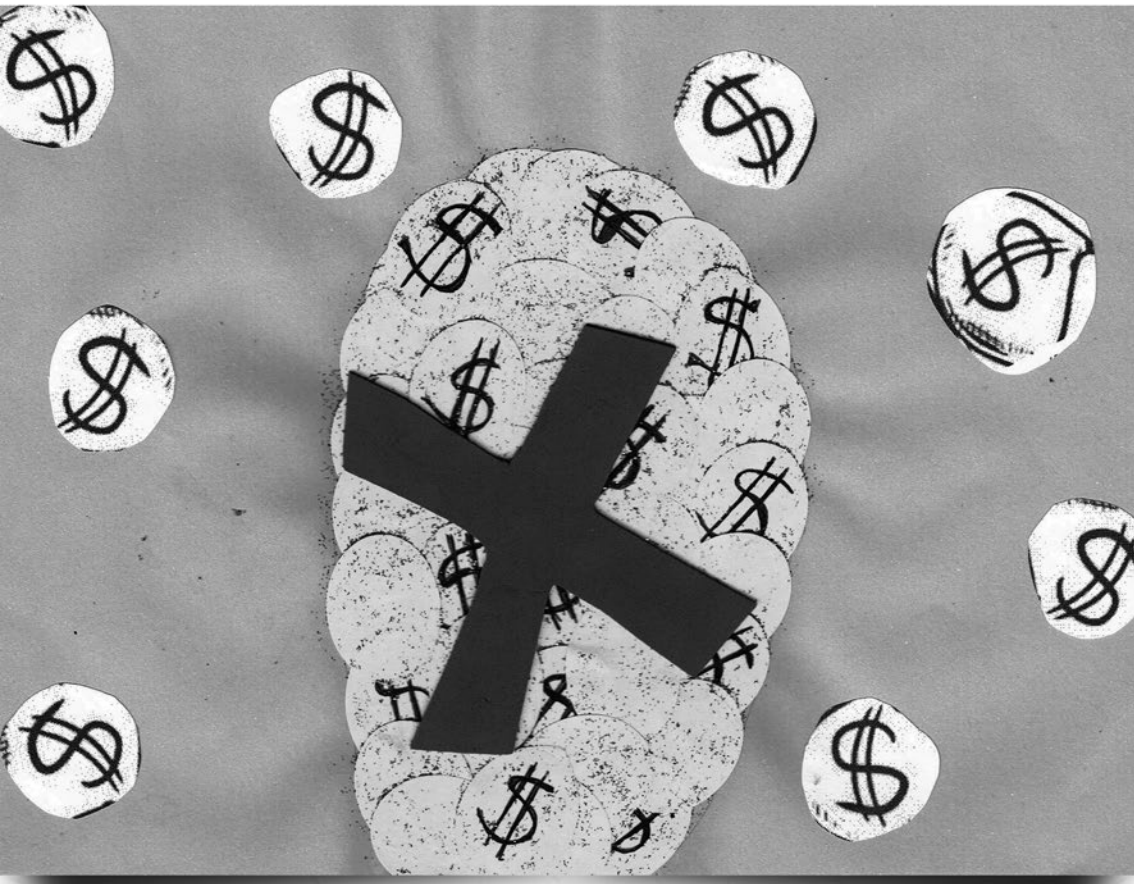
global, o que eu duvido muito. No entanto, só no Estado de Goiás já existem 39 usinas de etanol. Uma nova fábrica de 3,6 milhões de reais está prevista, embora tenha sido constatado agora que muitas dos sistemas são atualmente deficitários. Muito ruim para os investidores. Há muito capital europeu e japonês investido. O que descobri agora? Enquanto a produção de etanol com base na cana-de-açúcar está em crise, o "setor do milho" quer copiar os Estados Unidos. Naquele país, 30% do milho já está sendo convertido em etanol. Os brasileiros, no entanto, sabem muito bem que eles produzem muito menos etanol por hectare de milho do que por hectare de um "deserto" de cana-de-açúcar. De qualquer forma, há um excedente de produção no país. Apenas 66,7% da produção brasileira de milho encontra um comprador. Também está em crise, portanto. Por isso, etanol-com-base-em-milho seria A Solução. Além disso, ele poderia ser embrulhado em um manto verde, a fim de servir à frota que se expande de forma explosiva. O fato de 89,9% do milho brasileiro ser geneticamente modificado é um argumento a mais para reduzir seu uso para consumo humano. Ainda que o *lobby* argumente, invariavelmente, que não há risco algum para a saúde humana...

Adeus pamonha! Adeus fubá! Ou será que aqueles que prepararam, dia a dia, a recuperação vão conseguir reverter o processo?

Goiânia, 17 de abril de 2014.
Dia Internacional da Luta Camponesa.

12

SEM OVOS DE PÁSCOA ESTE ANO, POR FAVOR



É prática generalizada que uma potência ocupadora imponha suas regras, muitas vezes para servir a seus próprios interesses econômicos. Ou para proteger/impor a sua própria cultura.

Alguns exemplos

Até cerca de 30 anos atrás, era comumente aceito que não poderíamos cultivar uvas para vinho na Bélgica. No entanto, até o final do século XVIII, nós efetivamente fizemos isso. Uma antiga adega de parede para vinho, da era pré-napoleônica em Wezemaal, é testemunha disso. Atualmente, já sabemos melhor: a região de Hageland é capaz de produzir bons vinhos. Nós fazíamos isso na Idade Média e, agora, nós voltamos a essa tradição.

Pré-napoleônica? Sim, Napoleão simplesmente proibiu que produzíssemos vinho, pois a viticultura francesa poderia ser prejudicada. Durante 150 anos, nossa memória coletiva assumiu que nossas regiões não seriam adequadas para a cultura.

Ou, então, tomemos a importação de azeitonas portuguesas pelo Brasil. Quase todo mundo pensa, até hoje, que não é possível cultivar oliveiras no Brasil. No entanto, isso é simplesmente uma regulação do período colonial, de alguns séculos atrás. Eu ainda não vi azeitonas de origem brasileira à mesa – sempre portuguesas – mas, em Minas Gerais, há tentativas tímidas para cultivar azeitonas nacionais.

Ovos da Páscoa europeus

Nos dias que antecedem a Páscoa, sou hóspede de Ana e Fábio, na Chapada dos Guimarães (Mato Grosso). Para dar uma variada: no ano passado, estive com os norbertinos em Itinga, perto de Salvador da Bahia, com uma profusão de liturgia, da Quinta-Feira Santa até a Páscoa; este ano, desfrutamos o calor de uma família que quer ajudar a fortalecer tradições regionais.

É claro que eu já havia reparado, no Sul do Brasil, como essa época é marcada pelos ovos de Páscoa de chocolate supergrandes e supercaros. Ovos Nestlé. A multinacional suíça impera aqui há 80 anos – muito mais tempo do que Napoleão governou grande parte da Europa. Por meio dos supermercados, os ovos de Páscoa são jogados para as famílias. Um pouco surpreendente, quando você considera que, originalmente, o costume dos ovos de Páscoa fazia referência à nova vida e à primavera. No Sul do Brasil, onde moram principalmente descendentes de europeus, é o outono que se anuncia – assim como o Natal, aqui no Brasil, é celebrado no verão. É difícil imaginar uma época mais quente! Mesmo assim, tudo o que se vê são Papais Noéis com renas, neve artificial etc. Loucura demais para descrever com palavras.

Canjica

Mas os europeus não seriam europeus se não tivessem uma "missão". Desde a década de 1970, eles se mudaram para mais ao norte, levando consigo sua soja, seu chimarrão,

seu churrasco e... seus ovos de Páscoa. Os sulistas vieram trazer "desenvolvimento" e dominaram a cultura dos povos que já viviam aqui há séculos. Em Cuiabá e arredores, na época da Páscoa, havia o belo costume da "canjica". Esta sobremesa doce é um legado (presumivelmente) dos bororos, em interação com os escravos africanos: milho branco (até hoje, ainda não manipulado geneticamente). Na Páscoa, a canjica era preparada por todas famílias, cada uma com um tempero familiar. Todos preparavam e trocavam as sobremesas com você. Ou seja, receitas de canjicas compartilhadas, encantando de casa em casa. "Senso comunitário", não era assim que se chamava isso? Não há ovo de Páscoa da Nestlé que chegue perto disso!

Bem, Ana é uma mulher que quer preservar o senso de comunidade, restaurar redes de contatos. Neste ano, poucos ovos de Páscoa serão encontrados por aqui, mas a antiga tradição de compartilhar canjica será fortalecida com muitos vizinhos.

Bacalhau no Brasil

Na Sexta-Feira Santa, nós comemos peixe. Outra tradição, porém, na casa de Ana: o peixe foi pescado por um neto de três anos de idade. Bem diferente da (novamente) herança colonial da Páscoa de comer "bacalhau", um costume que, aqui, nos rincões distantes do interior do país, persiste há muito tempo. Postas desidratadas e salgadas de bacalhau do "nosso" Mar do Norte. O Brasil é o maior importador de

bacalhau do mundo, enquanto o país tem uma riqueza enorme de outras espécies: 11 mil quilômetros de costa e milhares de quilômetros de Rio Amazonas com peixes. O nosso "salmão-com-antibiótico-da-Noruega", comparado com os peixes amazônicos, parece uma sardinha. É curioso como séculos de colonização podem permanecer no espírito e nos pratos do jantar – só para dar um exemplo de contraste – diante da riqueza do Brasil. O pirarucu pode chegar a dois metros de comprimento e é chamado de "bacalhau da Amazônia". Ele pertence a uma espécie que vive inalterada, no Rio Amazonas, há 100 milhões de anos.

Mundo louco: salmão norueguês com antibióticos, criados com soja do Brasil e farinha de peixe do Peru, barato no Carrefour em Bruxelas e o prato de peixe mais barato nos restaurantes. Bacalhau e ovos de Páscoa no início do quente outono no Brasil.

Melhor deixar que aqui, em Cuiabá e na Chapada, eles voltem a compartilhar sua canjica e verdadeiramente celebrem a Páscoa.

Chapada dos Guimarães, 20 de abril de 2014.

13

PORTO VELHO: PORTO ANTIGO PARA UM FUTURO NOVO?

No domingo de Páscoa, chego a Porto Velho vindo de Cuiabá. Há muitos meses que o Rio Madeira extrapolou suas margens. Nunca antes aconteceu o que se vê aqui agora. Milhares de pessoas estão desabrigadas. A água em excesso. "Uma enchente" (1). Ao mesmo tempo, em São Paulo, há uma grave falta de água. Milhões de pessoas são afetadas. Existe uma conexão entre esses fenômenos?

Bênção do Rei Carro

Eu vou para a missa vespertina antes da Páscoa, na paróquia São Cristóvão, padroeiro dos motoristas. Filip Cromheecke, o padre da missa, é um padre de Antuérpia (Bélgica), que trabalhou 22 anos na Bahia. Agora, há um ano, está atuando 4 mil quilômetros mais a oeste. Filip circula com o aspersório, pois a Páscoa representa, entre outros, a renovação das promessas batismais. Ele faz uma conexão com o que ocorre em Porto Velho: "A água pode trazer destruição e morte, mas a água também é o início de vida nova. Sem água, a vida não seria possível." De fato, nós mesmos consistimos em 70% de água. A desertificação que está se tornando evidente em todo o mundo destrói terras férteis e ameaça a produção de alimentos para uma população mundial em crescimento. Milhões de refugiados ecológicos estão batendo às portas das regiões onde ainda é possível encontrar água.

A igreja é cercada por revendedoras de automóveis. Depois da missa, o padre já tem mais cinco carros novos para benzer. Será que existe uma conexão entre os fenômenos da enchente, do motor a combustão que o padre tem de benzer e o aquecimento global?

Explicações?

Várias explicações para o desastre circulam por aí: as geleiras da Cordilheira dos Andes estão derretendo por causa do aquecimento global (a maciça contribuição de água de degelo acaba chegando ao Rio Madeira); as nascentes e os rios que alimentam o Rio Madeira se localizam no Peru e na Bolívia (as fortes chuvas dos últimos tempos na Bolívia e no Peru são responsáveis pela enchente); no Rio Madeira foram, recentemente, construídas duas barragens (elas são responsáveis pelo desastre); o desmatamento descontrolado da região amazônica é o resultado direto do desastre. Presumivelmente, todos esses aspectos da mudança contribuem para o que está acontecendo aqui agora. Eu quero continuar nesse assunto, especialmente com o que um especialista em clima pode nos dizer.

Enchentes e secas andam de mãos dadas

Philip Fearnside (2), americano ganhador do Nobel e membro do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas das Nações Unidas (IPCC), já mora há 40 anos na cidade brasileira de Manaus. Ou seja, na floresta tropical em transformação. Há 45 anos ele prevê que tudo o que acontece agora é uma consequência lógica do desmatamento.

Numa situação normal de floresta, 50% da precipitação cai sobre a própria floresta e penetra no solo úmido. Essa água evapora e proporciona novas chuvas na região. Os outros 50% acabam nos rios da Bacia Amazônica e, por fim, no oceano.

Sem a floresta, 80 a 90% da água da chuva flui diretamente para os rios. Isso provoca enchentes, como agora, em Porto Velho. Depois vem a seca, pois a água foi embora pelos rios. Não há mais evaporação na floresta.

E a conexão com a crise em São Paulo, então? Cerca de 60% da água que se evapora na Amazônia é levada pelo vento para outras regiões do país. No verão, esses ventos sopram para o Sudeste e são responsáveis por cerca de 70% da chuva que cai no Estado de São Paulo nesse período. Quando a água que chega é pouca, os reservatórios de água ficam vazios. É exatamente isso que aconteceu nos últimos meses.

Será que o que está acontecendo neste antigo porto vai provocar reflexões sobre a conexão dos fatos? Continuará sendo o porto do desmatamento e do avanço da soja? Soja que deve ser transportada o mais rápido possível para a

China e para a Europa. Pelas águas do Rio Madeira, do Rio Amazonas e dos oceanos cujo nível está subindo. Amanhã debateremos sobre o assunto na universidade de Porto Velho. Meu último ato durante esta turnê. Será que vai adiantar alguma coisa?

Porto Velho, 21 de abril de 2014.

(1) Após a Eucaristia, é vendido o "cordel" de José Dettoni: *Enchente do Rio Madeira*. A renda vai para as vítimas da enchente. **Cordel** é uma forma de poesia, com forte tradição especialmente no Nordeste do Brasil.

(2) Entrevista para a revista Serafina de abril de 2014 (suplemento da Folha de S. Paulo).

14

CONECTAR OS OÁSIS DE AGROECOLOGIA

Estou em São Paulo, na "Praça da República", à espera de um avião para a Europa. Uma retrospectiva para as cinco semanas viajando de universidade para universidade, de escola agrícola para escola agrícola, de movimento social para movimento social se impõe. Esta é a 21ª vez que eu cruzei o oceano para este país. Será que todos esses esforços, a dor insuportável no pé esquerdo (gota!), os mais de 11 mil quilômetros rodados nesse subcontinente valem a pena?

De Pelotas, no extremo sul, para Porto Velho, no noroeste

Ao partir para Porto Velho (RO), é preciso respirar fundo, pois você vai para a periferia da periferia. O que era para ser uma apoteose se tornou uma reunião em tom menor: pequena participação na Universidade Federal de Rondônia (UNIR), um estado que está cada vez mais dominado pela grande escala da devastadora agricultura de exportação. É preciso lançar as sementes e esperar que, em algum momento, brote algo inovador. Passamos ao lado da controversa Represa Santo Antônio (novamente um santo para um empreendimento monstruoso). A cidade e, principalmente, a região ribeirinha estão alagadas há semanas. As barragens teriam potencializado o efeito das inundações. De qualquer modo, agora, finalmente, irrompeu um debate sobre esses megaprojetos fazerem sentido ou não. Até mesmo essas hidrelétricas nas antigas quedas d'água estão intimamente ligadas ao avanço da soja. Havia quedas d'água demais para

que os barcos de soja pudessem usar o Rio Madeira. Bem, um canal com comportas foi incluído no projeto, de modo que, ao final, os barcos possam transpor as diferenças de altura. Assim, a soja pode chegar mais rapidamente – e ainda mais barata – à Europa, à China e ao Japão.

As barragens deveriam ser construídas a qualquer custo, apesar dos estudos negativos de impacto ambiental. A própria presidenta Dilma Rousseff empurrou os projetos, passando por cima das avaliações negativas. No geral, o impacto de metano no aquecimento global é pouco estudado. Não só uma vaca emissora de metano tem um potencial de impacto no aquecimento equivalente ao de um carro pequeno, também este "Santo Antônio" emite grandes quantidades de metano a partir das profundezas ocultas. Ninguém menos do que o especialista em clima Philip Fearnside revelou os estragos desses "senhores das obras". A floresta foi derrubada e as melhores madeiras foram vendidas. Os ramos e as folhas foram simplesmente jogados em poços nos quais ser formará o lago da barragem. Esse material, agora, está fermentando e produz metano, algo 23 vezes pior do que o CO_2.

Agricultura Familiar

Esta turnê e o livro *Soja: tesouro ou tesoura?* foram acionados no Ano Internacional da Agricultura Familiar. Onde essa Agricultura Familiar brasileira está, principalmente, tentando sobreviver? Essa Agricultura Familiar é mais forte no Sul do Brasil (Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná)

e – ainda que de formas muito diferentes – no Nordeste: Bahia e outros estados.

Estimulados pela política de desenvolvimento da ditadura civil-militar, nas décadas de 1970 e 1980, muitos agricultores familiares venderam suas terras e se mudaram para regiões mais ao norte: Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, mas, principalmente, Rondônia e também Acre (1). Pelo mesmo dinheiro recebido por suas pequenas propriedades, eles podiam comprar muito mais terras baratas ao norte. Nos últimos anos, esse processo se repete: o avanço da soja no sul de Rondônia e o preço elevado de terras para plantar soja fazem com que os agricultores familiares vendam suas propriedades para grandes empresas de soja. E, novamente, eles partem rumo ao norte. Por exemplo, nas áreas de preservação natural e nas reservas dos indígenas nos arredores de Porto Velho, eles começam a desmatar descontroladamente. Tanto grandes fazendeiros quanto pequenos agricultores se revelam como "grileiros". Não raro, os menores ainda são expulsos pelos maiores. Literalmente, o "Velho Oeste". Em 2012, Rondônia se destacou com a maior taxa de homicídios na zona rural e de ameaças de morte contra aqueles que resistem ao rolo compressor do agronegócio (internacional).

Contexto agroecológico

A primeira década do século XXI pode ser identificada como um período em que o capitalismo brasileiro se reposicionou (2). De acordo com Victor Pelaez, "entre 2001 e 2010,

a produção agrícola das oito principais *commodities*, que utilizam uma grande quantidade de agrotóxicos, aumentou em 97%; a área plantada aumentou 30% e as vendas de agrotóxicos explodiram para 200%". Esses dados revelam que está sendo utilizado muito mais de veneno por hectare do que antes. O rápido avanço da soja e do milho transgênicos tem tudo a ver com isso.

É surpreendente que, nesse contexto envenenado, surjam numerosas células agroecológicas, bem como numerosos cursos. Durante essa viagem, eu fui de um oásis para outro: Rio de Janeiro, Rio Pomba, Lavras, Araras, Sorocaba, Pelotas, Matinhos, Chapecó, Curitiba, Brasília, Goiânia, Cuiabá, Porto Velho. Alguns oásis emergem em meio a um mar de veneno da agricultura de exportação dominante.

O estranho é que eu, na condição de "gringo", com o passar do tempo, tenho mais visão desses oásis de esperança do que os próprios brasileiros. Está na hora de o governo proporcionar recursos para que os habitantes desses oásis possam se encontrar. Eles podem aprender muito uns com os outros, ainda que seja para manter a esperança em meio a essa situação desesperadoramente envenenada.

Felizmente, o governo não apoia apenas o modelo de monocultura dos grandes. Em outubro de 2013, a presidenta Dilma lançou um plano promissor: o Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (Planapo). O plano oficial é uma grande vitória para os movimentos sociais, que lutaram por ele durante anos.

Isso permite que os muitos oásis, agora, conectem-se em rede e aumentem a pressão sobre os governantes, para

que a "agricultura da vida" tenha mais apoio do que a "agricultura da morte".

São Paulo, 23 de abril de 2014.

P.S.: Enquanto escrevo este texto, eu me deparo com um artigo no jornal Le Monde. Ele trata das "mulheres-abelhas" em Sichuan, na China. Devido ao fato de, desde a década de 1990, a população de abelhas ter se reduzido de forma assustadora, já há 20 anos que as mulheres dessa região polinizam seus próprios pomares. As abelhas não conseguem sobreviver ao uso excessivo de agrotóxicos por lá; as mulheres, por enquanto, sim.

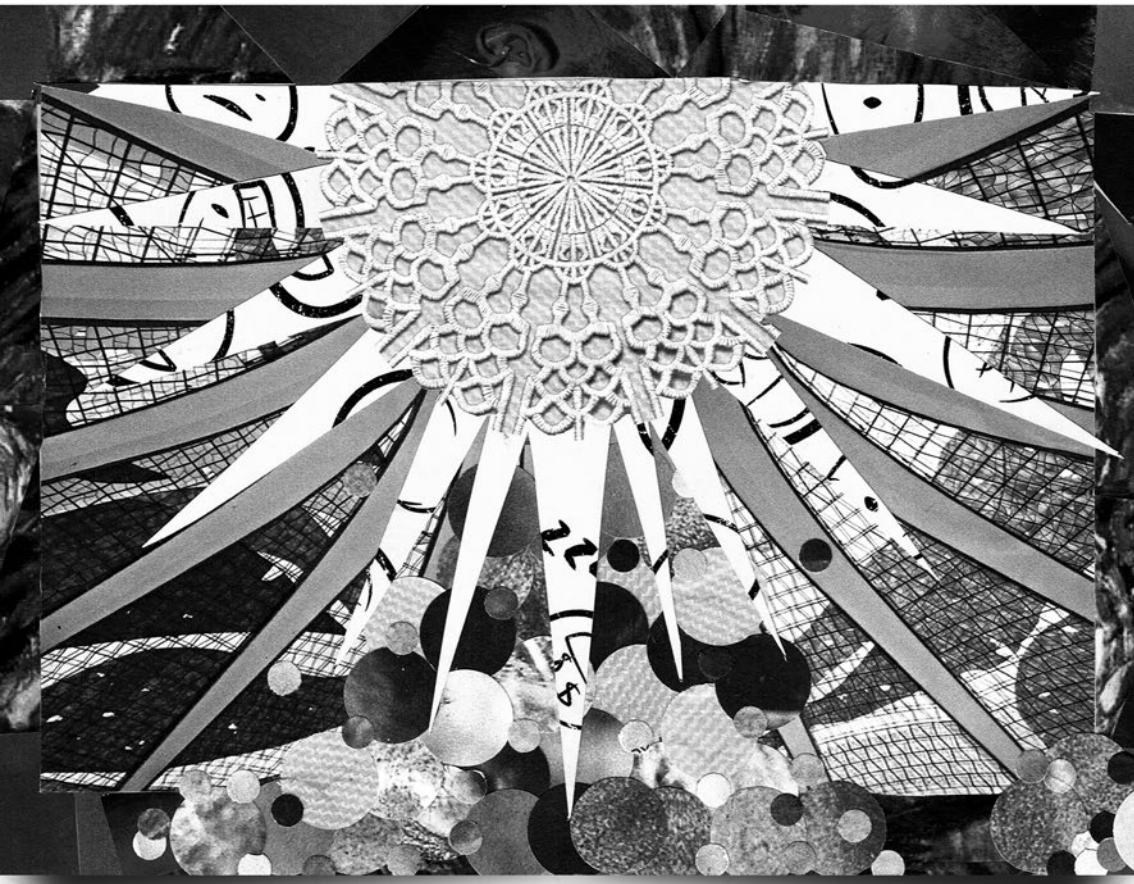
É esta a imagem do futuro da agricultura: arriscar a própria vida nas árvores, para fecundar as flores na época da polinização?

Em termos globais, estima-se que o valor econômico do serviço das abelhas representa 153 bilhões de euros. Só na Europa há um *deficit* de 13 milhões de colmeias de abelhas. Nos EUA, as abelhas se tornaram muito raras. O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos calculou que, em média, 30% das colmeias sucumbirão. Em alguns apiários, pode chegar a 99%.

(1) Veja o texto *Nós éramos obrigados a desmatar,* no livro *Legal! Otimismo – Realidade – Esperança* (Curitiba: Editora Gráfica Popular; Cefuria, 2012).

(2) Consulte: www.terradedireitos.org.br

15
ARGENTINA, REPÚBLICA DA SOJA



No domingo, a Alemanha nocauteou a Argentina em um jogo exaustivo. Um país europeu vence, pela primeira vez, a Copa do Mundo em outro continente.

O futebol é apenas um jogo, ou não? Será que, aqui, está sendo retratado o que há décadas vem ocorrendo – de maneira invisível – na economia?

A rivalidade entre Argentina e Brasil se tornou clara para todos nas últimas semanas. Como será que a presidenta Dilma Rousseff teria se sentido se tivesse que entregar o troféu de ouro para a arquirrival Argentina? Ainda é preferível entregá-lo à Alemanha de Angela Merkel!

A Argentina e o Brasil são, há décadas, territórios coloniais para os "quatro grandes ABCD": **A**DM, **B**unge, **C**argill e **D**reyfus. Os pampas e as matas da Argentina, o Cerrado e outros ecossistemas brasileiros foram transformados em cinzas para dar lugar ao grão mágico da soja. Porém, ele não é destinado para consumo humano, para os 200 milhões de brasileiros, por exemplo. Não, é para ração animal e para biodiesel. Ambos, principalmente, para a exportação, em especial nas mãos das quatro multinacionais ABCD. Ração para suínos e aves da *Gemeinschaft* [Comunidade] de Angela Merkel. Ração para o modelo de agricultura holandesa, com seus números anormais de exportação de produtos de origem animal: queijo, leite em pó, carne suína e de aves.

Ração para suínos e aves belgas. Pense na necessidade do *Big Jump*[1] neste fim de semana. Os cursos d'água mais

1 Nota da tradutora: ***Big Jump*** [Grande Salto]: ato público no qual um grande número de manifestantes salta ao mesmo tempo em um curso d'água, buscando chamar a atenção para a necessidade de preservar a qualidade da água de rios e outros cursos d'água.

poluídos estão a exalar mau cheiro na província Flandres Ocidental (Bélgica), lá onde estão alojados mais de 2 milhões de suínos "sem terra". A terra e a água são importadas na forma de farelo de soja pelos ABCD.

Enquanto isso, com 54% da população mundial, a Ásia começa a copiar o nosso modo de vida ocidental. Atualmente, a China responde por metade do consumo mundial de carne suína.

A "República Unida da Soja" – apelido dado a toda a América Latina pela gigante da indústria química Syngenta, em um anúncio publicitário muito controvertido, no ano de 2004 – pode se expandir ainda mais. Não mais apenas para a Europa, mas também a serviço de consumidores asiáticos. A "República Unida da Soja" das empresas de produtos químicos e de sementes Monsanto-Syngenta e companhia, em "cooperação" com ABCD, não mantém somente a Argentina e o Brasil em suas garras. Os solos mais férteis da América Latina – a saber, dos guarani, no Paraguai, e das planícies da Bolívia – também pertencem a esse "território colonial".

Essa "república" tem tudo a ver com nossa prática diária de consumo excessivo de proteína animal (carne, peixe, leite, ovos) e os enormes interesses de exportação – entre outros, da região de Flandres, na Bélgica. Aos negociantes dessa região flamenga certamente são servidos os elevados valores de exportação. A destruição dos ecossistemas e a expulsão de populações no outro continente, de preferência, não são postas na mesa.

Ela também tem tudo a ver com a Transatlantic Trade and Investment Partnership (TTIP) [Parceria Transatlântica de Comércio e de Investimentos], a qual a Comissão da

UE quer fazer passar nos Estados Unidos a todo custo. A história do fluxo de soja para a Europa começou no ano de 1962 e é uma metáfora extremamente atual para a concorrência global de todos contra todos. A soja entra por nossos portos sem taxas de importação e sem estabelecimento de quotas desde o Acordo de Dillon de 1961. Isso explica a enorme concentração de áreas de pecuária intensiva em torno dos portos da Europa Ocidental. Ciclos ecológicos na agricultura foram e ainda estão sendo rompidos diariamente. A despeito de medidas *End of the Pipe*[2], como o processamento de estrume.

Quem vai parar essa loucura? Será que o futuro Governo de Flandres[3] pode se olhar no espelho e, finalmente, optar por uma agricultura ecologicamente responsável e socialmente justa?

Bruxelas, 14 de julho de 2014.

(O texto também foi publicado no jornal De Standaard[4], em 16 de julho de 2014)

2 ***End of the Pipe***: tecnologias de "fim-de-tubo", para o tratamento e o controle dos resíduos no final do processo produtivo.

3 Nota da tradutora: O governo de Flandres é um dos governos da Bélgica, que rege a Região Norte do país, na qual se fala o idioma holandês.

4 Trata-se de um jornal de Flandres (Bélgica), comparável à Folha de S. Paulo.

ATÉ O UNIVERSO TEM O SEU PREÇO NO BRASIL

Benny Van de Velde

Na qualidade de colaborador de Wervel e agricultor CSA iniciante (1), tive a honra de viajar com uma equipe de filmagem pelo Cerrado brasileiro. Para dar mais brilho ao seu 25º aniversário, o Grupo de Trabalho por uma Agricultura Justa e Responsável (Wervel) encomendou dois curtas-metragens sobre sistemas agrícolas em Flandres e no Brasil. Os filmes farão um breve retrato da relação dramática entre o modelo agroindustrial brasileiro e belga: soja para os nossos suínos, aves e vacas. Porém, mais importante, destacam-se os oásis de esperança que surgem aqui e lá, que têm sucesso e servem de inspiração para outros agricultores, pavimentando o caminho para um sistema agrícola e alimentar diferente.

Como um prelúdio para o filme, tentarei resumir as incontáveis impressões que eu tive com base em alguns encontros. Impressões sobre sistemas agroflorestais e desertos de soja, o preço do "bio", a ameaça ao modo de vida tradicional, a riqueza do Cerrado e o capitalismo sem vergonha.

Cerrado: aparência pobre, rico para quem o conhece

Nos livros didáticos da agricultora orgânica Teresa Correa, o Cerrado é descrito como uma área com vegetação retorcida, pobre, sujeita a queimadas, seca e sem folhas; em suma, um ecossistema completamente inútil. Quando ela, como agrônoma, partiu do Rio de Janeiro para Brasília, para lá começar um sítio, ela não conseguia entender o que haviam lhe

ensinado sobre o Cerrado. Ela viu uma paisagem de beleza incomparável, com as típicas árvores tortuosas do Cerrado e flores em inúmeras formas e cores extremas. O Cerrado abriga milhares de espécies de plantas – incluindo 233 espécies de orquídeas só no Distrito Federal (Brasília) – e centenas de espécies de aves, peixes, anfíbios e mamíferos. Anualmente ainda são descobertas mais dezenas de novas espécies. Muitas das plantas no Cerrado são comestíveis ou têm efeitos medicinais. Em um dia, quando viajávamos com um guia local por um trecho intocado do Cerrado, ele conseguiu, facilmente, indicar dez plantas medicinais em um metro quadrado. Para o coração, o estômago, contra o colesterol e pressão elevada, e por aí vai.

O Cerrado, na condição de região que abriga trechos de importantes bacias hidrográficas, como as do Rio Amazonas, do Rio Paraná – que termina no Río de la Plata – e do Rio São Francisco. E que também cobre uma grande parte do Aquífero Guarani: é o maior reservatório de água do Brasil e, por extensão, da América Latina. Assim, o Cerrado é extremamente importante para a gestão da água e do clima em todo o continente.

No entanto, o Cerrado é tratado com desdém, como se fosse um ecossistema sem valor – pelo menos, de acordo com alguns livros escolares. A política brasileira consiste em sacrificar o Cerrado para a agroindústria, com o objetivo de reduzir a pressão do desmatamento na icônica Amazônia. O Cerrado não está na agenda política internacional – até mesmo no Brasil esse ecossistema é desconhecido e, portanto, não amado. Enquanto isso, o desmatamento no Cerrado ocorre duas a três

vezes mais rápido do que na Amazônia, chegando a 30 mil km^2 por ano – uma área quase do tamanho da Bélgica.

Desertos verdes

Eu pensei que estava preparado para a visão dos gigantescos campos, onde cresce uma única cultura. Afinal, em Flandres, nós também temos milho... Mas os quilômetros quadrados de soja, pasto, eucalipto e cana-de-açúcar sempre causam grande impressão em mim. Um estranho tipo de assombro com o que nós, como seres humanos, somos capazes. Como agricultor CSA iniciante, estou prestes a cultivar cerca de 50 espécies de verduras e algumas frutas em alguns hectares. O contraste não poderia ser maior.

Os desertos verdes machucam os olhos e o meu coração camponês. Eles são destituídos de qualquer tipo de vida – exceto a cultura em questão – e geram trabalho para apenas um punhado de pessoas. Além disso, na estação seca, a soja consome cinco vezes mais água do que a vegetação natural do Cerrado. O reservatório de água da América Latina está secando. O solo também esgota e, depois de alguns anos de cultivo de soja, novas terras precisam ser utilizadas. As áreas abandonadas somente servem ainda para cultivar uma espécie de gramínea muito agressiva e sufocante, para o gado. Tudo já seria muito diferente se apenas fosse aplicada a rotação de culturas com diferentes espécies, porque a soja é uma leguminosa que fixa, gratuitamente, o nitrogênio do ar.

Em algumas áreas, a vegetação nativa do Cerrado foi fortemente empobrecida em algumas décadas após a chegada dos primeiros produtores de soja do Sul do Brasil. Além da fauna e da flora, as comunidades tradicionais são as maiores vítimas desses desenvolvimentos. Afinal, elas ainda vivem em grande comunhão com a natureza. Mas por quanto tempo?

Vida tradicional ameaçada

Damiana mal consegue conter as lágrimas quando fala sobre o destino das comunidades tradicionais no grande centro produtor de soja, a Chapada Gaúcha. Ela trabalha para o Instituto Rosa Sertão, uma ONG que luta pela preservação da cultura e das condições de vida das comunidades tradicionais. Nós visitamos, com ela, a Comunidade Buraquinhos. Ela está estabelecida em um belo *canyon*, próximo do Rio Pardo. De vez em quando, araras rompem o silêncio em uma paisagem de tirar o fôlego. A população vive, principalmente, da agricultura e, em grande medida, também da colheita de frutas e de plantas medicinais do Cerrado. Essa última fonte de renda não existe mais. Há alguns anos, a comunidade foi abordada por um fazendeiro. Ele queria comprar da comunidade o direito de uso das florestas no entorno e ofereceu o que era uma quantia fenomenal para essas pessoas. Pensando que, com esse dinheiro, eles poderiam se sustentar para sempre, a Comunidade Buraquinhos concordou com venda. Eles, agora, estão muito arrependidos. É que as consequências não foram pequenas: os frutos e as plantas medicinais

que obtinham de graça de sua floresta tiveram de ser substituídos por alimentos caros – e, muitas vezes, inferiores – da cidade. A fonte de renda com base na floresta também não existe mais. O desmatamento provocou erosão, assoreando o rio e tornando suas águas turvas. A água potável e de irrigação está contaminada pelos agrotóxicos utilizados nas monoculturas.

É isso o que sempre acontece: o fazendeiro agroindustrial tem fome de terras e usa o "analfabetismo em capitalismo" de uma comunidade tradicional. A comunidade reconheceu rapidamente que a riqueza natural de que ela dispunha tinha muito mais valor do que a quantia fenomenal de dinheiro. Em muitos casos, chega-se ao ponto de a comunidade não conseguir mais produzir a sua subsistência. Seus integrantes acabam nas favelas das megacidades ou – como centenas de milhares de agricultores sem-terra no Brasil – em acampamentos ao longo das estradas, esperando que um pedaço de terra caia do céu.

Existem milhares de comunidades como Buraquinhos em todo o Brasil – só em Chapada Gaúcha há 50 delas –, as quais, de forma hostil ou não, foram, estão sendo ou serão expulsas de suas terras pela agroindústria. Com o apoio do Instituto Rosa Sertão, as famílias de Buraquinhos tentam sobreviver. Agora, em seus campos, eles cultivam em um sistema agroflorestal as frutas do Cerrado que, antes, eles colhiam na floresta. Recentemente foi criada uma cooperativa agrícola, para processar as frutas em suco e xarope. Eles comercializam os produtos na cidade. Para eles, há esperança de que eles podem continuar vivendo em seu belo *canyon*.

A agricultora e apicultora Vitória, de Riachinho, também vive entre a esperança e o desespero. Um fazendeiro agroindustrial quer plantar um canavial próximo de sua comunidade. Para isso, ele quer represar o rio e desviar água para a plantação. O governo está sempre inclinado a, sob o pretexto de "progresso e desenvolvimento", conceder licenças para esse tipo de projetos. Mas a barragem seria a sentença de morte para muitos agricultores da localidade. Nessa região, de qualquer modo, a água é um bem muito precioso, que deve ser utilizado com moderação. Vitória e seus colegas agricultores foram à luta. Batalha física e jurídica, mas também lutam mostrando, com seu caminho agroecológico da agricultura, que eles também podem garantir progresso e desenvolvimento nas áreas rurais do Brasil.

Jardins de esperança

Em meio aos desertos verdes, encontramos cada vez mais oásis de esperança: sítios com o ar de Jardim do Éden, uma abundância de biodiversidade. Os agricultores também são bastante diversos: alguns são pioneiros, outros se converteram da agricultura convencional, há ricos e há pobres, com alta ou com baixa escolaridade, os que trabalham em pequena ou em grande escala. O que esses agricultores têm em comum é LEF. *Lef*, em holandês, significa *coragem*. Coragem para ir contra a agroindústria e a política do próprio governo. Mas a sigla "LEF", em holandês, também significa "*Lokaal, Ecologisch en Fair*" [Local, Ecológico e Justo]. *Local* porque suas empresas

estão no seu meio da comunidade. Não apenas para vender localmente, mas, também, para contribuir com a educação dos vizinhos e de colegas agricultores, transformando seus sítios em pontos de encontro. *Ecológico* porque a produção é feita em harmonia com o ecossistema, com sua riqueza e seus limites. Agricultores agroecológicos "leem" a natureza e tentam copiar esse sistema equilibrado em sua exploração. *Justo* porque os agricultores e seus funcionários conseguem obter uma remuneração justa com suas atividades. Ao mostrar LEF, esses agricultores têm um alto grau de autonomia – talvez o maior bem na agricultura contemporânea. Agricultores agroecológicos são praticamente independentes dos insumos, como fertilizantes e pesticidas – particularmente, de seus preços voláteis. Pela integração de árvores e arbustos no sistema de agricultura, o clima do Cerrado – com sua alternância entre secas e chuvas extremas – tem um impacto muito menor sobre a produção. Os próprios agricultores definem seus canais de comercialização e o preço do seu produto.

Sistema Agroflorestal e Jesus

Valdir me parece uma das pessoas mais felizes no planeta. Ele mudou, em 2007, da horticultura convencional para a agroecológica em sistemas agroflorestais. As fotografias aéreas na sala de jantar, dos primeiros anos da década de 2000, testemunham um passado menos rico e com menos biodiversidade. Anteriormente, Valdir apenas produzia alface para venda no atacado. Agora, ele e sua família também cultivam,

além de toda uma gama de verduras e frutas, batata-doce, inhame, mandioca, banana, café, cacau, plantas medicinais e madeiras tropicais. Tudo foi plantado de maneira muito inteligente, de acordo com a estratificação e a lógica de uma floresta. O local abriga também pássaros tropicais, borboletas e mamíferos que Valdir já não avistava há muito tempo. Tudo parece belo. Feliz, orgulhoso e cheio de emoção, ele afirma que "sistemas agroflorestais só não são maiores do que Jesus". Valdir consegue relacionar mil razões pelas quais agora está melhor do que antes. Todavia, em primeiro lugar, ele destaca o abandono dos "agrotóxicos" (ao contrário da palavra em holandês, "produtos para proteção da lavoura", esta palavra em português indica, ao menos, o que esses produtos realmente são: **veneno**) e uma saúde melhor para ele e sua família. Sua renda também melhorou: de um lado, por causa dos preços melhores e mais estáveis no mercado orgânico e, de outro lado, porque seus custos caíram muito. "Antigamente, às vezes nós chegávamos em casa sem dinheiro, porque gastávamos tudo com fertilizantes químicos e agrotóxicos na volta da venda no mercado atacadista", diz Valdir, com pouca melancolia. A seca também tem causado menos frustração. Por meio da aplicação de sistemas agroflorestais, seu poço nunca secou.

Mesmo assim, eucalipto?

Cheio de entusiasmo e falando um inglês engraçado com muita mímica, João também nos leva para visitar seus campos. Nove anos atrás, em uma área pedregosa com subsolo

compactado, ele começou uma missão aparentemente impossível: cultivar verduras no local. Três anos depois, ele já havia conseguido seu intento. Ele começou a plantar árvores e plantas de rápido crescimento, como eucaliptos, bananeiras e mamoeiros. Até então, eu via os eucaliptos como árvores que são grandes consumidoras de água, que sufocam qualquer outra vida. Isso é porque eu só conhecia a espécie como árvore de reflorestamento, em que ela revela todas as características negativas. Graças ao João, eu percebi que não há nada de errado com o eucalipto, a soja ou o milho em si. É o homem que os utilizada de forma errada. Em pouco tempo, o eucalipto fornece material orgânico suficiente para cobrir o solo com resíduos lenhosos. As raízes de árvores e a camada de resíduos, juntamente com o composto de estrume de porco, fizeram com que o solo endurecido se rompesse e voltasse à vida. Estou, mais uma vez, muito impressionado com tudo aquilo que cresce e prospera por aqui.

Fazenda Malunga: 200 pessoas em 127 hectares

Joe Valle é agricultor orgânico e político, com um carisma conhecido desde aqui até Brasília – ou seja, muito carismático. Ele é deputado no Distrito Federal e se empenha muito pela ética e pela transparência na política. Ele está comprometido com um futuro habitável e sustentável no campo para os jovens. Em sua fazenda mista Malunga, com gado de leite, cultivo de verduras e venda própria, ele emprega cerca de 200 pessoas – e isso em apenas 127 hectares.

Sua empresa está cercada por monoculturas de soja, milho e milheto, que criam poucos empregos. Os funcionários da Fazenda Malunga participam de conselhos que definem a condução das atividades e dos negócios na propriedade. Os representantes também têm participação nos lucros da fazenda. Todos os trabalhadores recebem moradia e três refeições por dia. Pouco antes de entrevistarmos Joe Valle, eu li uma entrevista com Louise Fresco. Ela afirma que "orgânico" é um produto de luxo para a classe média. Eu confrontei Joe com essa afirmação e ele, obviamente, tinha uma resposta pronta: "Se você não olhar mais longe do que a ponta do seu nariz, talvez essa afirmação seja verdade. Mas quem disse que temos de nos conformar com o sistema econômico atual, que nos divide em classes baixa, média e alta? Alimentos de origem local, saudáveis e frescos – bons para as pessoas e para o planeta – são possíveis para todos, mas tem de haver vontade política. O preço dos meus produtos não é barato e não é caro. Meu preço é justo. É o governo que deve garantir que os alimentos orgânicos sejam acessíveis a todos."

Mesopotâmia brasileira

E isso também acontece no Brasil: 30% dos ingredientes para a merenda escolar são fornecidos por agricultores familiares locais, geralmente orgânicos. A caminhada para chegar aos 100% ainda é longa, mas, de qualquer maneira já foi iniciada. Podemos aprender com isso na Europa

– aqui, estamos quebramos a cabeça com as regras burocráticas referentes à merenda escolar. No Brasil, eles simplesmente fazem.

A última semana no Brasil foi passada no Sítio Alegria, com Teresa e Artur Jorge. O sítio se situa em uma colina, ladeado por dois pequenos riachos, à esquerda e à direita. Jorge, às vezes, ousa chamar seu sítio de "Mesopotâmia". Não só por causa dos dois riachos, mas também porque é uma área de origem para uma agricultura nova e alternativa. Que a fazenda é um deleite para os sentidos, eu provavelmente não preciso mais dizer. Além de verduras, são colhidas aqui umas 25 espécies de frutos, nativos e cultivados (2). Todos com suas próprias características nutricionais específicas. Eu já mencionei que também é possível se hospedar no Sítio?

Tal como acontece com Joe Valle, a educação também desempenha um papel importante no Sítio Alegria. Teresa e Jorge consideram que seu principal objetivo é inspirar outros agricultores e consumidores. Jorge faz isso por meio da argumentação técnica e racional. Teresa utiliza mais a linguagem do coração: "agroecologia é amor", soa poético. Jorge também é presidente de uma cooperativa de agricultores que, juntos, exploram 11 feiras de produtos agrícolas. Eles trocam entre si verduras e frutas, organizam a logística, compartilham informações técnicas sobre cultivo e realizam *workshops*. Chama minha atenção que os agricultores orgânicos daqui são muito engajados socialmente e profundamente arraigados na sua comunidade local. Toda semana há algum tipo de reunião para a qual eles se dirigem.

Aqui os agricultores tiram muito mais tempo para sair de sua lavoura e lutar por uma agricultura e uma sociedade melhores. Por que é que isso acontece cada vez menos aqui na Bélgica? Por causa da pressão econômica?

O universo está à venda (no mundo da Alcoa)

Durante a nossa estadia, alguém me contou uma história chocante. Pouco incentivadora para encerrar esse texto, mas eu acho que é importante compartilhar isso. Ela contou de uma mina na região amazônica, na qual, há alguns anos, começaram a extrair bauxita para fabricar alumínio. A mina é a Alcoa, um gigante do alumínio americano. As licenças, obviamente, foram concedidas pelo governo brasileiro sem muitos problemas. Mesmo assim, eles queriam medir o impacto das atividades da Alcoa na comunidade tradicional vizinha com 2 mil pessoas e compensá-la por quaisquer danos que sofressem com a mineração. Não é de surpreender que a mina tenha causado um impacto predominantemente negativo na comunidade local. Afinal, os contratados para os empregos na mina que haviam sido prometidos não eram locais. O dano que foi gerado abrangeu, entre outros, poluição da água potável e contaminação do solo, perda de biodiversidade e de florestas. O valor econômico desses recursos naturais foi calculado exatamente, de acordo com parâmetros capitalistas, e pago a título de compensação para a comunidade. Mãos limpas para Alcoa! Chocante e absurdo, mas sem novidade em si. Não é de hoje

que foi fixada uma etiqueta de preço em perda de ar puro, água limpa, biodiversidade, solo fértil e nas emissões de dióxido de carbono.

Mas aqui eles deram um passo além. À noite, a mina produz uma grande quantidade de luz artificial. Com isso, uma parte do céu estrelado desapareceu para a comunidade local. Para a população tradicional, o universo é de extrema importância. É com base na posição das estrelas, dos planetas e das luas que eles vão caçar ou coletar; que eles semeiam, plantam ou colhem – e que eles vivenciam sua cultura. Devido à poluição luminosa da mina, a comunidade perdeu seu Norte, literalmente e no sentido figurado. Você, obviamente, já adivinhou: também para o céu estrelado foi estipulada uma quantia de dinheiro. Uma indenização, hoje, por estrelas que ficarão invisíveis por décadas, por água e solo que podem estar envenenados para sempre, pela biodiversidade que está perdida para sempre. Dinheiro para pessoas que não sabem o valor dele, porque eles adotam outros critérios. Dinheiro que, em muitos casos, os leva à ruína. Dinheiro para coisas que nem mesmo são terrenas.

Naquela noite, primeiro eu olhei novamente para as estrelas e fui dormir com uma sensação de desconforto. Levantei e pensei: "Chegou-se ao fundo do poço!"

Eu não escrevi esta história para deixá-lo com indigestão. Isso iria contra o espírito do filme que estamos fazendo. Você pode ler que, no Brasil, surgem oásis de esperança em vários lugares. Mas eles também já existem em Flandres. Há muitas oportunidades de se opor às multinacionais de soja e às "Alcoas" deste mundo. Talvez você possa começar com

seus alimentos, encontrando um agricultor que simpatize com os princípios LEF [Local, Ecológico e Justo] na sua região. Você não vai se arrepender!

Benny Van de Velde,
Bruxelas, dezembro de 2014.

(1) **CSA**: *Community Supported Agriculture*; agricultura apoiada por uma comunidade.

(2) Listo algumas espécies das quais me lembro de cabeça: romã, acerola, jaca, açaí, maracujá, carambola, lichia, pequi, buruti, banana, abacaxi, goiaba, manga, mamão, jatobá, laranja, cacau, caju, cagaita.

16

JEJUM DE CARNE PARA IR AO RIO DE JANEIRO

Wervel está comemorando! Durante um ano inteiro, porque a ONG existe há 25 anos. Também é por isso que partimos, hoje, com um grupo para o Brasil, no contexto do intercâmbio internacional anual. O foco está no Cerrado e na nossa responsabilidade na condição de europeus consumidores de grandes quantidades de carne. No entanto, começamos no Rio de Janeiro, onde passamos um dia conhecendo a agricultura urbana nas favelas, indo depois para um seminário no Colégio Agrícola de Rio Pomba, em Minas Gerais. Ambas as atividades ocorrem no que resta da Mata Atlântica.

No avião de Bruxelas a Frankfurt, eu me concentrei no *Meat Atlas: facts and figures about the animals we eat* [Atlas da carne: fatos e números sobre os animais que consumimos], da ONG Amigos da Terra-Europa (1). Adivinha o quê? Meu vizinho observa com interesse. É um jovem americano consumidor de muita carne que dá aula de inglês em Innsbruck. Aparentemente há um programa de intercâmbio entre a Áustria e os Estados Unidos. Os americanos podem vir ensinar inglês na Áustria e os austríacos ensinam alemão nos Estados Unidos. Dou a ele o *Atlas da carne* e outra publicação da Amigos da Terra-Europa sobre o "uso indireto da terra pela produção de soja no Brasil". Meu ato não é completamente altruísta. Tenho a esperança de que o americano consumidor de muita carne aborde esse tema premente em suas aulas de inglês junto a europeus consumidores de muita carne.

Em Frankfurt, recebo um *e-mail* eufórico do movimento Dias Sem Carne: "Oficialmente, 55 mil flamengos participaram de 40 dias de abstinência de carne. Juntos, eles economizaram 8 milhões de quilômetros quadrados de sua pegada

ecológica. Isso corresponde a uma redução na emissão de gases de efeito estufa de um percurso de 11 milhões de quilômetros de carro e economia de água equivalente a 7 milhões de banhos". Nossa, nós estamos indo de avião para o Brasil. Quantos quilômetros de voo terão sido economizados pela abstinência praticada?

Ao mesmo tempo, chega um *e-mail* com a nova campanha de abaixo-assinado da comunidade internacional Avaaz. Desta vez, trata-se da criação da maior reserva natural do mundo: 135 milhões de hectares de Floresta Amazônica. A Colômbia acaba de concordar em participar e, agora, só falta convencer os presidentes do Brasil e da Venezuela. Vamos participar?

É bem verdade que estamos viajando para proteger o Cerrado, mas é exatamente essa savana brasileira que é uma importante região de conexão ecológica entre a Amazônia, o Pantanal e a Mata Atlântica.

Participe do abaixo-assinado: https://secure.avaaz.org/nl/amazon_corridor_loc/?byoZzeb&v=56479. Quando houver 1 milhão de assinaturas, os líderes dos povos indígenas entregarão o abaixo-assinado aos três governos.

Frankfurt, 6 de abril de 2015.

(1) É possível fazer *download* da publicação em vários idiomas: www.boell.de/en/2014/01/07/meat-atlas

Friends of the Earth Europe: www.foeeurope.org

Friends of the Earth Europe é uma das 40 organizações (incluindo Wervel) que trabalham em Mundo B: www.mundo-b.org

Mais informações, em inglês:

Proposta colombiana para o maior corredor ecológico do mundo com o Brasil e a Venezuela (Business Standard): www.business-standard.com/article/news-ians/colombia-proposes-world-s-largest-eco-corridor-with-brazil-venezuela-115021500034_1.html

Colômbia quer um "corredor ambiental" entre os Andes e a Amazônia (Phys.org): http://phys.org/news/2015-02-colombia-environmental-corridor-andes-amazon.html

O que vamos fazer? Desmatamento brasileiro aumentou em 290%, em setembro de 2014 (REDD Monitor): www.redd-monitor.org/2014/10/31/what-next-brazils-deforestation-soared-by-290-in-september-2014

Colômbia quer fazer parar o desmatamento da Amazônia até 2020 (Colombia Reports): colombiareports.com/colombian-program-save-amazon

De acordo com um novo estudo, a situação de seca na Amazônia contribui para o aumento de CO_2 na atmosfera (NOAA Boulder Labs): www.boulder.noaa.gov/node/29

17
MAIS UMA VEZ, EM 1962

Para mim e para a história da agricultura, 1962 é um ano crucial. Por isso, já escrevi muito sobre o tema em artigos e nos livros anteriores (1). Portanto, não vou me repetir.

Basta um rápido resumo:

1962: início da Política Agrícola Comum (PAC) da Comunidade Europeia (agora União Europeia – UE) e início do fluxo de soja dos Estados Unidos (posteriormente, do Brasil e de outros países) para a Europa, graças à Rodada de Dillon do Acordo Geral de Tarifas e Comércio – GATT (atualmente, Organização Mundial do Comércio – OMC), em 1960-1961, com o acordo assinado em 1962.

1962: *Primavera silenciosa*, o livro de Rachel Carson sobre os efeitos destrutivos da química na agricultura. Início do movimento ambientalista nos Estados Unidos.

Mas também:

1962: *Eichmann em Jerusalém. A banalidade do mal*, de Hannah Arendt.

1962: Início do Concílio Vaticano II, em Roma.

1962: as primeiras sandálias Havaianas são lançadas no mercado brasileiro. Atualmente, esses chinelos de dedo custam 30 euros em Bruxelas; no Brasil, em torno de 15 reais (pouco mais de 4 euros!). Na Europa, tornou-se um objeto de desejo exclusivo; no Brasil é, primariamente, o calçado das pessoas comuns.

...

1962: explosão de escolas agrícolas no Brasil

E agora eu estou no Instituto Federal Tecnológico do Sudeste de Minas Gerais, no *campus* de Rio Pomba (MG). É uma visita anual ao amigo e companheiro de lutas pela agroecologia, professor Eli de Jesus. Descubro o quê? Este instituto foi fundado em 1962, com o nome de Escola Agrícola de Rio Pomba! Nesse período surgiram muitas outras escolas agrícolas Brasil afora, em 1962 ou não. Não por acaso, havia uma demanda por parte dos integradores da Sadia e companhia por mão de obra barata para a criação de suínos, frangos e perus. Muitos dos formados abandonavam a trilha ecológica de seus antepassados para a engorda de animais em escala industrial, a serviço da indústria de rações-abatedouros-carnes. Nas garras dos integradores, portanto. Temos uma – triste – história similar na Bélgica, em especial os 7 milhões de suínos que, a cada seis meses, têm permissão para viver em Flandres. Os(As) agricultores(as) são tão prisioneiros(as) do sistema quanto os suínos.

O professor Eli me conta que, nesse mesmo período, a pesquisadora Johanna Döbereiner obteve uma grande vitória em Brasília, junto ao Ministério da Agricultura. Ela defendia que a soja brasileira seria capaz de assimilar seu próprio nitrogênio, sem necessidade de adubação química. Eles acreditaram nela e é por isso que, desde 1964, a soja brasileira pode ser cultivada ao longo dos anos de modo muito mais ecológico do que nos Estados Unidos. Naquela época já se utilizava muito adubo químico por lá, mesmo em cultivo de soja, o que não é realmente necessário.

Nitrogênio de graça? Não, obrigado!

É claro que, então, veio a propaganda, durante a Revolução Verde e nos anos seguintes, para a utilização de supersementes, juntamente com produtos químicos (fertilizantes e agrotóxicos). "1964" coincide com o início da ditadura militar, que rapidamente (a partir de 1969) faria a opção pela assim chamada "Revolução Verde". Isso pode ser interpretado como o temor pela "Revolução Vermelha", que ameaçava chegar ao país vinda de Cuba. É que o presidente deposto, João Goulart, também havia prometido fazer a reforma agrária. Consequentemente, as "Ligas Camponesas" foram violentamente oprimidas pela ditadura.

Quando, anos mais tarde (a partir de 1973), o Cerrado sem valor (pois o solo era muito ácido) precisava, urgentemente, ser colonizado com soja, houve um problema inicial. Os solos ácidos foram corrigidos com calcário demais. Resultado: as bactérias que faziam simbiose com as raízes da soja para fixar o nitrogênio do ar não conseguiam desempenhar seu trabalho a contento. Por isso, a Embrapa, o instituto de pesquisas agropecuárias do governo brasileiro, desenvolveu sementes de soja adaptadas ao Cerrado, assim como também desenvolveu sementes adaptadas ao calor da Amazônia.

Desde então, especialmente a partir da década de 1980, não havia mais barreiras. A Floresta Amazônica poderia ser cortada, não apenas pelas madeiras de lei valiosas (para os nossos rodapés e janelas na Europa); não, a Amazônia e o Cerrado se tornaram o parque infantil para fazendeiros com grandes rebanhos e para grandes produtores de soja.

Soja transgênica

Desde o início do século XXI que a região é atingida por mais uma enxurrada de soja geneticamente modificada, a soja "Roundup Ready", da Monsanto. Na literatura, às vezes é alegado que essa soja transgênica também tem problemas de fixação natural de nitrogênio do ar. Ora, o vínculo com a química é evidente na patente da semente em si! Trata-se de uma linguagem muito cínica: "soja preparada para o Roundup". Monsanto tinha/tem os direitos de patente – tanto da semente quanto do produto químico baseado em glifosato – e domina a venda casada da semente e do agrotóxico. Quando, depois de 20 anos, uma patente está prestes a expirar, às vezes é lançada no mercado uma variante do agrotóxico ou da soja, de modo que uma nova patente pode começar a seguir seu curso.

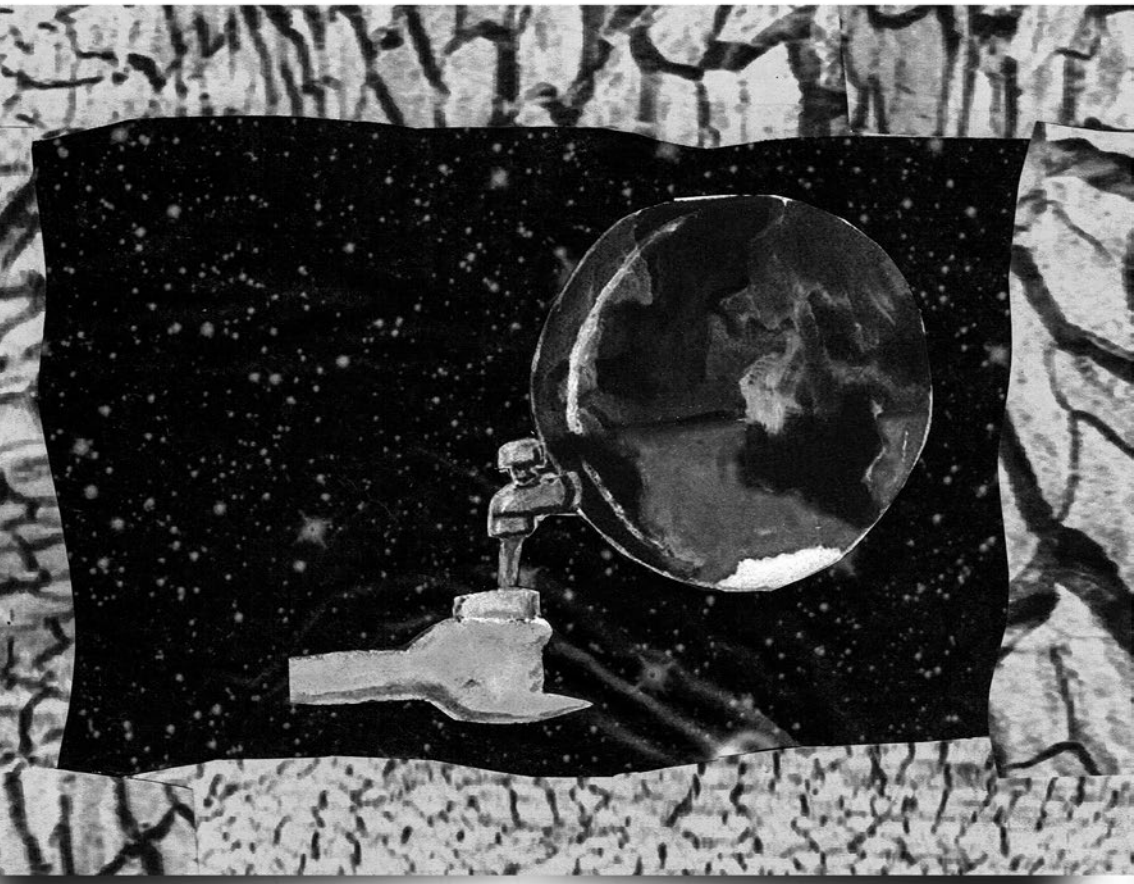
O Roundup já é aplicado há 40 anos e é o herbicida mais utilizado no mundo. Há poucas semanas, a questão é novamente muito atual, porque a Organização Mundial para Alimentação e Agricultura (FAO) publicou um estudo sobre os eventuais riscos cancerígenos deste Roundup. A Holanda e a França decidiram apresentar, em um curto prazo, um cenário de eliminação progressiva do uso desse "mata-tudo". O governo federal belga está em compasso de espera, mas muitos municípios na Bélgica já adotaram uma proibição geral para a aplicação de agrotóxicos em áreas públicas. No Brasil, o "Campeão Mundial do uso de agrotóxicos", isso não é uma questão imediata.

O que será que restou do legado de Johanna Döbereiner em 2015?

Rio Pomba, 8 de abril de 2015.

(1) Entre outros, o artigo *Ração animal, uma história de interdependência*, em *Brasil – Europa em fragmentos?* (Curitiba: Editora Gráfica Popular; Cefuria, 2010). E mais: o capítulo de introdução do livro *Soja: tesouro ou tesoura?* (Curitiba: L. F. Editora e Impressos; Cefuria, 2014).

18
A ESCASSEZ DE ÁGUA EM TODA PARTE



Por ocasião do Dia Mundial da Água (22 de marco de 2015), as Nações Unidas publicaram um relatório sobre a escassez de água iminente: "De acordo com as expectativas, a demanda mundial por água deve aumentar 55% até 2050, principalmente devido à crescente demanda da indústria de transformação, da produção de energia elétrica de origem térmica e do uso doméstico. Se não houver mudanças na política da água, então o mundo enfrentará uma escassez global de água de 40% até 2030."

Da Califórnia para...

Esse futuro já está em pleno andamento. Há relatos alarmantes da Califórnia, onde os recursos hídricos chegaram a mínimos históricos. Por volta desta época do ano, normalmente ainda haveria uma espessa camada de neve na Sierra Nevada. Você, agora, caminha por grama seca. Todo mundo está precisando reduzir drasticamente seu consumo – exceto a agricultura, que lá consome 80% do ouro azul. É que a maior parte das frutas e dos produtos hortícolas dos Estados Unidos é originária desse estado. A Califórnia também exporta muitos produtos agrícolas. Jerry Brown, o governador da Califórnia, disse: "O aquecimento global não é um boato falso. Posso informar isso a partir daqui. Temos de enfrentar o problema e a situação já é grave." O estado também tem lidado, por quatro anos consecutivos, com a pior seca em 1.200 anos.

São Paulo

Nós estamos com nosso grupo da ONG Wervel no Sudeste do Brasil, região que, há mais de um ano, vem sofrendo com falta de água extrema. A situação é particularmente aguda na Grande São Paulo. Globalmente, 70% da água doce é destinada à agricultura – pelo menos, para um determinado modelo de agricultura, baseado na assim chamada "eficiência e monocultura". Esta "agricultura unilinear" muitas vezes requer irrigação e odeia árvores. Eu sempre digo aos brasileiros que eles exportam a preço muito baixo seu solo, sua água e sua energia solar na forma de soja para a Europa e China. As exportações de produtos agrícolas transferem para o exterior 112 bilhões de litros de água por ano.

Em uma crônica do ano passado, eu relatava a guerra da água entre São Paulo e Rio de Janeiro (1). De lá para cá, a tensão só aumentou. Mas continua sendo irritante notar que os consumidores são convocados a praticar um consumo de água mais consciente (o que, obviamente, é bom), mas que pouco se fala sobre as causas das sucessivas crises. Um desmatamento maciço está ocorrendo a milhares de quilômetros, mais ao norte, alterando e – principalmente – reduzindo as precipitações em outros lugares. Porém, nas proximidades, também há muita coisa errada acontecendo. O novo "Código Florestal", de 2012 (2), permite um desmatamento maior. Por exemplo, quem desmatou os topos de morros antes de 2008 não está obrigado a restaurar essas áreas de proteção permanente. A lei também prevê que é proibido desmatar especialmente ao redor de rios e nascentes (2).

Observemos, agora, a região de Rio Pomba, na Mata Atlântica. Muitos morros foram desmatados, enquanto nos vales há nascentes. Devido à reduzida precipitação dos últimos anos, com frequência elas estão secas. No entanto, há 80 anos, ocorreu uma seca muito mais prolongada e, mesmo assim, as nascentes não secaram. Qual a diferença? O desmatamento dos topos dos morros era muito menor. A água podia se infiltrar no solo e formar uma reserva subterrânea que alimentava as nascentes e os rios nos vales. Agora, em muitos locais, a água escorre com velocidade dos morros. Isso provoca muita erosão, o que ameaça "sufocar" as nascentes. Além disso, toda a água desaparece muito rapidamente pelos rios para o oceano.

Reservatórios de água e hidrelétricas quase vazios

A seca persistente tem grandes consequências. A colheita de café, no ano passado, foi 15% abaixo do normal e, neste ano, as colheitas de cana-de-açúcar e de soja também serão menores. O café tem um ciclo de dois anos, de modo que a colheita deste ano já está comprometida, mesmo que começasse a chover. Dos 18 reservatórios de água mais importantes, 17 estão em um nível mais baixo do que o da última crise da água, em 2001.

No Estado do Rio de Janeiro, os quatro reservatórios – com 1% da suas capacidades – estão nos seus níveis mais baixos de todos os tempos. Em centenas de cidades são adotadas

medidas para limitar o consumo de água. De acordo com um relatório recente, todo ano, 37% da água tratada do Brasil está sendo perdida por vazamentos ou por roubo. Nos momentos em que a água sai das torneiras, as pessoas armazenam água em todo tipo de recipientes. Justamente aquilo que tem sido combatido durante anos na luta contra o mosquito da dengue, agora é feito em massa: acumular água, na qual os mosquitos podem depositar seus ovos. Por conseguinte, a epidemia de dengue vem se alastrando, depois de estar sob controle. Neste ano, foram registrados no Brasil 460 mil casos – 240% a mais do que no mesmo período do ano passado. No total, já foram 132 mortes, das quais 99 em São Paulo. No ano passado, nesta época, haviam ocorrido "apenas" 15 mortes.

Como a maior parte da energia elétrica deste imenso país é gerada a partir de hidrelétricas, o fornecimento de energia também está em perigo. Os lagos dessas hidrelétricas estão quase vazios, resultando em menor produção. O preço da energia elétrica quase triplicou no ano passado, o que, por sua vez, traz inquietações sociais.

Rio de Janeiro, 10 de abril de 2015.

(1) Veja a crônica neste mesmo livro: *Guerra de água no Rio de Janeiro e em São Paulo* (do dia 22 de marco de 2014).

(2) *A lei da água*, veja o filme neste *link*: www.aleidaaguafilme.wordpress.com/agenda-cinedebates

19

A ALEGRIA DA (BIO)DIVERSIDADE

O principal objetivo da nossa estadia no Rio de Janeiro era visitar a agricultura urbana (1) na "Favela do Alemão". No dia em que o nosso guia, Diogo Souza, queria nos levar, ele ficou quatro horas preso no ônibus da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), de Seropédica para o Rio de Janeiro. Por quê? Há anos, a polícia está tentando "pacificar" as favelas (importante para a imagem global do Rio/Brasil em conexão com a Copa do Mundo de Futebol, em 2014, e com os Jogos Olímpicos, em 2016, você sabe). Justamente hoje uma unidade especial da polícia está novamente ocupando a "Favela do Alemão". A atuação dessa polícia treinada para a guerra coloca em movimento uma espiral de violência de ambos os lados. Nós desistimos de nossa visita e seguimos para a cidade com Diogo e Mábia Camargo (de Guarapuava-PR, mas que está no Rio por causa de seu doutorado): museus, a moderna catedral, uma gigantesca estátua de Mahatma Gandhi, perto da "Praia do Flamengo" (que não deixa de ter importância, uma vez que o companheiro de viagem Herman Wauters e eu, há 30 anos, iniciamos os fins de semana de jejum por volta do aniversário do assassinato de Gandhi), uma boa refeição perto de Santa Teresa e, por fim, mas não menos importante: nadar no mar na Praia de Copacabana (por engano, eu escrevera "Cocacabana", um deslize que faz sentido em um país que toma muita bebida tipo cola).

Oca do Sol

Tomamos um voo para Brasília. Sim, uma grande pegada ecológica, para um dos principais momentos de nossa viagem: o lançamento do filme *O ritmo da lagarta* e da versão em português dos livros de Wervel na Embaixada da Bélgica. Nós nos hospedamos, com Sol Udry, na "Oca do Sol", um paraíso recriado junto ao "Córrego do Urubu" a partir do que era uma planície pedregosa há 20 anos, causada por um empreiteiro. O local tem sido um exemplo de como a recuperação é possível, depois de o *Homo sapiens sapiens*, sem nenhum sabedoria, ter arrasado o local. Maryse está extasiada com a beleza do jardim e da casa decorada com bom gosto. Lívia, a carioca do grupo, diz que certamente voltará a visitar este lugar extraordinário e esta mulher igualmente extraordinária. Sol é como uma aranha nas muitas redes que ela consegue tecer. Ela era, portanto, de valor inestimável na nossa busca por bons lugares para fazer o nosso filme. Já há cinco anos é Sol quem consegue abrir, para mim, as portas de ministérios, universidades, ONGs etc.

Nós não queríamos permanecer apenas em Brasília, mas também fazer uma visita de campo. Partimos para o "Sítio da Alegria", em Brazlândia. Trata-se de um sítio relativamente pequeno, de 28 hectares, dos quais 8 hectares são ativamente cultivados; 20 hectares permanecem área natural preservada. Aqui também é um projeto de recuperação. A área, 30 anos atrás, estava maltratada devido à exploração agrícola convencional e à produção de carvão a partir da derrubada da mata ciliar. Agora, em um sistema agroflorestal, são

colhidas 80 espécies de verduras e frutas. Mas eu não consigo fazer uma descrição melhor do que o meu colega Benny Van de Velde. Ele esteve aqui em dezembro, com a equipe de filmagem. Por isso, leia o relato dele, que também é parte deste livro.

Brasília, 12 de abril de 2015.

(1) Veja também: *Nowtopia: how pirate programmers, outlaw bicyclists and vacant-lot gardeners are inventing the future today*, de Chris Carlsson (AK Press, 2008). Versão brasileira: *Nowtopia: iniciativas que estão construindo o futuro hoje* (Tomo Editorial: Porto Alegre, 2014).

20

WERVEL E SEUS EMBAIXADORES

Na ONG Wervel temos uma lista de "embaixadores": pessoas em seu ambiente familiar ou de trabalho, ocasionalmente, podem/querem contribuir com nossas ideias.

Agora podemos adicionar a essa lista um embaixador de verdade. O representante da Bélgica em Brasília, Jozef Smets, convidou-me ainda no ano passado para vir e dar uma conferência sobre Wervel na embaixada. Infelizmente, eu já estava voltando do Brasil para a Bélgica naquele momento e, em 2015, estaríamos viajando pelo Brasil com um grupo. "Não tem problema. Você e todo o grupo de Wervel são bem-vindos." Já começamos em dezembro, com a equipe de filmagem. Imediatamente após o desembarque em Brasília, o grupo foi recebido na embaixada com o devido respeito.

Agora era a nossa vez de apresentar o filme no ambiente elegante da embaixada pela primeira vez.

Embaixador de tudo o que vive na Bélgica

A embaixada convidou políticos, professores, representantes de ONGs, outros embaixadores etc. Foi um susto poder cumprimentar não só o embaixador da Croácia (um poeta que se manifestou de forma bastante crítica sobre Monsanto & companhia), mas também os da Holanda e da Alemanha. Uma situação verdadeiramente única: apresentar um filme com crítica à soja aos embaixadores dos principais países importadores de soja do Cerrado. É que a maior parte da soja do Cerrado desaparece nos estômagos (na carne e, principalmente, no esterco) de aves, suínos e bovinos na... Holanda, Alemanha e Bélgica.

Jozef Smets tinha sido, anteriormente, cônsul-geral na República Democrática do Congo, embaixador na Nigéria e também em Burundi. Naqueles países, ele também se fez notar por sua coragem de expor suas posições. Sua postura: "Eu sou embaixador de tudo o que vive na Bélgica." Interesses comerciais e políticos, mas também, por exemplo, as ONGs. E assim surgiu uma abertura inesperada no espaço político no centro do poder do Brasil. Para denunciar o desmatamento do Cerrado e para destacar a responsabilidade dos europeus, começando com a Bélgica, os Países Baixos e a Alemanha.

O menosprezo oficial brasileiro pelo Cerrado globaliza a resistência

Somos recebidos pelo extrovertido embaixador. Em seguida, eu tive a oportunidade de fazer um relato sobre os 25 anos de Wervel e, por fim, chegou a hora de apresentar o filme. Lívia Corpas, uma brasileira do Rio de Janeiro e colaboradora de Wervel, contou como, na "Europalia Brasil", em Bruxelas, ela se deparou com os livros de Wervel. De repente, ela enxergou conexões entre o que acontecia mais ao norte em seu país e a situação sem sustentabilidade na Europa. Como futura doutora em odontologia da KU Leuven [Universidade Católica de Leuven], ela foi ouvir o embaixador do Brasil para Bélgica e Luxemburgo, na mesma universidade. O homem expôs uma história economicista e desconcertante, na qual ele apresentou o Cerrado como algo inútil. Eu fiz

duas perguntas: sobre o extermínio dos guaranis e sobre a destruição do Cerrado. Ele respondeu de modo muito arrogante. O público ficou horrorizado. Noël Devisch, ex-presidente do Belgische Boerenbond [Sindicato de Agricultores da Bélgica], também fez, cuidadosamente, algumas perguntas. Ele também foi calado sem sutiliza alguma.

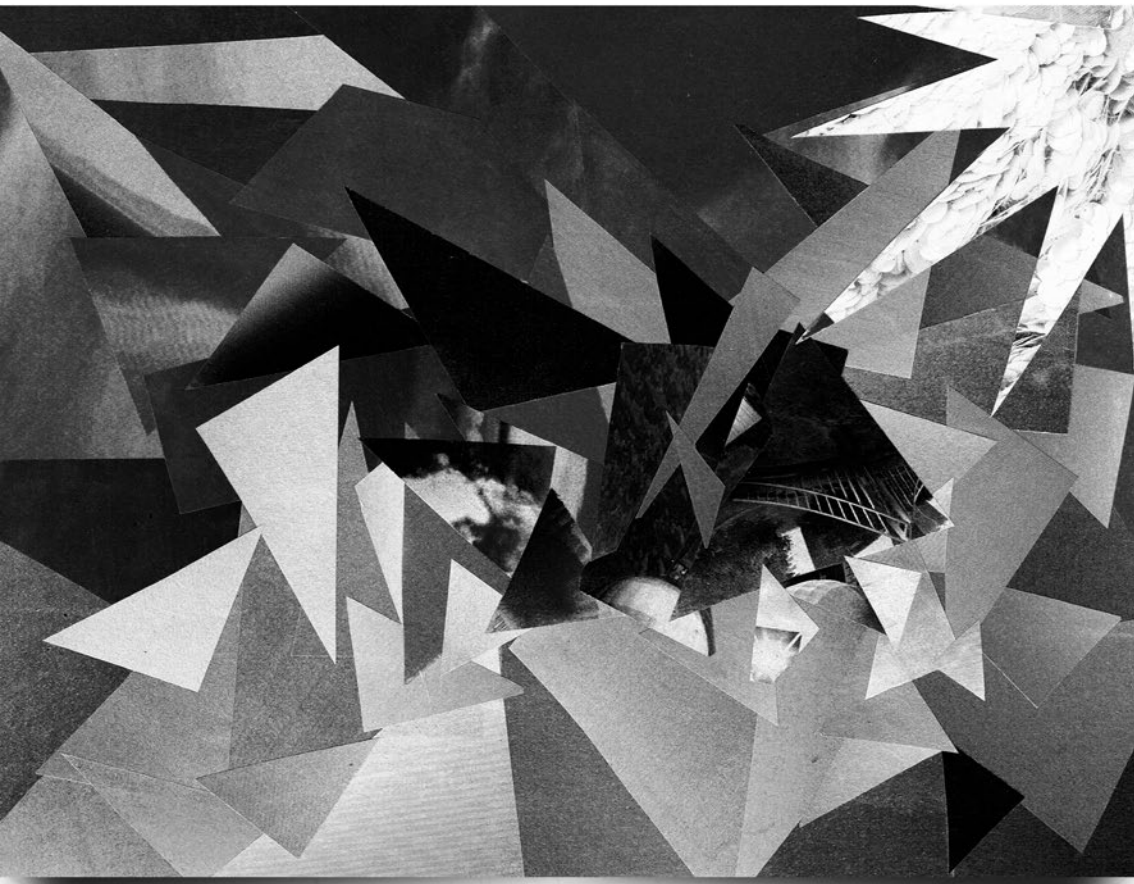
Depois desse episódio terrível, Lívia decidiu se empenhar, em conjunto com Wervel, pela proteção do que nos resta do Cerrado. Com isso, a equipe do Cerrado se tornou ainda mais internacional: temos um voluntário brasileiro, um boliviano, um italiano, um americano, um checo e vários belgas que estão determinados a, além da famosa Amazônia, divulgar a importância do Cerrado na Europa. Esperamos, entre outros, construir uma rede internacional de professores e estudantes. Para colocar o Cerrado e a sua importância planetária no mapa mundial!

O filme *O ritmo da lagarta* emocionou o público. A passagem da lagarta ainda irá inspirar muitas pessoas no Brasil, na Bélgica e na Holanda (e além, pois voluntários estão fazendo a tradução para o inglês). Durante a recepção, Chantal De Smedt conseguiu vender muitos livros. Os outros têm a oportunidade de continuar a expansão de nossa rede internacional de professores e ativistas.

Um dia na comemoração dos 25 anos de Wervel que não será esquecido tão cedo...

Brasília, 13 de abril de 2015.

21
A ESTEPE FLORESCERÁ



De steppe zal bloeien [A estepe florescerá] é uma canção de Huub Oosterhuis, frequentemente cantada e com muita animação. Uma canção sobre a utopia de um mundo novo, com abundância para todos, justiça, paz e muito mais. Até onde eu sei, "estepe" é uma zona de transição entre a savana e o deserto. É questionável se as savanas brasileiras e africanas e as estepes adjacentes ainda irão florescer muito. Sim, soja e milho também têm flores, mas será que é delas que a música trata?

Será que a canção não é mais voltada para biodiversidade e a agrobiodiversidade, como havia no Cerrado até recentemente? É uma canção de volta à vida e ressurreição, mas será que o Cerrado somente poderá ocorrer depois de a humanidade ter destruído a si mesma?

Seminário internacional?

Como atualmente o norte de Moçambique está sendo coberto com monocultura da soja por fazendeiros do Mato Grosso, com apoio da Embrapa, tínhamos planejado para estes dias um verdadeiro seminário internacional, com agricultores moçambicanos da UNAC (membro da Via Campesina Internacional) e o nosso grupo de belgas e brasileiros.

Infelizmente não conseguimos o financiamento para a viagem dos moçambicanos. Mas haverá seguimento.

Tema: "Monocultura, desenvolvimento ou colonialidade?" Para o nosso grupo, foi um pouco difícil de acompanhar, pois os brasileiros só falam português entre eles e, a maioria deles, bem rápido. Será, portanto, um dia longo e cansativo.

Se – conforme solenemente prometido – houver de fato um seguimento internacional, é melhor providenciar a tradução para o inglês. Para o holandês, já seria pedir demais...

Felizmente há o segundo dia. Vamos visitar, entre outros, o Centro de Desenvolvimento Agroecológico do Cerrado (Cedac) (1). É uma iniciativa extraordinária que visa apoiar a Agricultura Familiar e os camponeses em sua busca para não destruir a riqueza do Cerrado e, sim, conseguir uma renda digna a partir de sua diversidade. Uma cooperativa de processamento de frutos do Cerrado é fundamental nisso.

Continuar a se organizar internacionalmente

O inspirado Pedro Wilson dá uma passadinha. Ele foi uma das pessoas que ajudou a tornar este centro possível, mas tem muito mais façanhas em seu currículo. Ele foi reitor da PUC de Goiânia, prefeito de Goiânia e deputado federal pelo PT em Brasília. Nesta última condição, ele apresentou, há muitos anos, um projeto de lei para proteger o Cerrado. O *lobby* do agronegócio na Câmara – a assim chamada "Bancada Ruralista" –, porém, é tão forte que eles podem impedir a tramitação permanentemente. Enquanto isso, a savana e a estepe adjacente estão sendo irreversivelmente transformadas em desertos verdes de monoculturas. Um ecossistema de milhões de anos de idade – mais velho do que a tão falada Amazônia – é varrido do mapa em poucas décadas.

Com a coragem do desespero, organizações como o "Fórum Goiano de Defesa do Cerrado", Cedac, ISNP, Ecodata (1) e outras organizações continuam buscando maneiras para salvar o que ainda pode ser salvo. Elas somente clamam por uma internacionalização da sua luta. É para isso que Wervel está aqui e é por isso que lançamos, nesta ocasião, o nosso novo filme! Para que nós, na Europa e no mundo, não apenas condenemos a destruição da Amazônia, mas que também passemos a enxergar esses 2 milhões de quilômetros quadrados únicos chamados de Cerrado (2). E, principalmente, que nós – na condição de europeus – reconheçamos nossa responsabilidade nessa destruição. Afinal, a maior parte da soja é destinada a suínos, aves, gado, salmão e aquicultura da Europa.

Castanha do Pará e Baru?!

Eu fiquei pensando: "*Wereldwinkels* [lojas que praticam comércio justo] vendem 'Brazil nuts', a castanha do Pará, da Amazônia. Por que essas lojas não poderiam lançar também a castanha de baru e, com esse produto, trazer para todos os debates a importância dessa região?" De qualquer modo, já estamos levando uma latinha de castanhas de sua cooperativa para tratar do assunto com Oxfam-Bélgica.

À tarde, visitamos o memorial do Cerrado, que foi fundado por vários professores da PUC. É uma espécie de museu ao ar livre, que retrata a vida como ela transcorria até algumas décadas atrás nesta decantada savana. Mas o memorial

é muito mais: é um centro de pesquisa de arqueólogos e antropólogos, com um museu abrangente da flora, da fauna e da chegada dos primeiros seres humanos, cerca de 12 mil anos atrás.

No final do passeio, nós recebemos um exemplar do interessante livro *O piar da Juriti Pepena. Narrativa ecológica da ocupação humana do Cerrado* (3), que apresenta a pré-história e a história do Cerrado de uma forma compreensível. Um trabalho que merece ser traduzido em vários idiomas.

Goiânia, 15 de abril de 2015.

(1) www.povosdocerrado.org.br

Em Brasília também existem projetos semelhantes, tais como: www.ispn.org.br (Instituto Sociedade, População e Natureza), com o seu interessante *site*: www.cerratinga.org.br (Produção Sustentável e Consumo Consciente), e Ecodata: ecodatainforma.wordpress.com

(2) Sobre a importância dessa área, veja dois livros de Wervel: *Brasil – Europa em fragmentos?* (Curitiba: Editora Gráfica Popular; Cefuria, 2010) e *Legal! Otimismo – Realidade – Esperança* (Curitiba: Editora Gráfica Popular; Cefuria, 2012).

(3) *O piar da Juriti Pepena. Narrativa ecológica da ocupação humana do Cerrado*, de Altair Sales Barbosa, Pedro Ignácio Schmitz, Antônio Teixeira Neto e Horieste Gomes (Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2014).

22
O PORTO DE GALINHAS

Hoje é o "Tiradentes": feriado nacional, porque, muito tempo atrás, um dentista de Minas Gerais organizou a resistência contra o poder colonial português (1). O homem foi enforcado, mas isso não impede os brasileiros de fazer dessa data um "feriado". Os brasileiros adoram feriados! Fica ainda melhor quando esse dia cai em uma terça-feira ou uma quinta-feira. Aí você pode "enforcar" um dia e vira um "feriadão". Perfeito para ir para a praia.

A escravidão de hoje

Já estou em Recife desde domingo. Não há outro jeito senão ficar dois dias parado. Descanso merecido? Retomo as atividades amanhã, com uma palestra na Universidade Federal Rural do Recife e, à noite, em encontro com os vegetarianos dessa mesma Recife, na Livraria Cultura.

Sou muito bem recebido por Tiago Franca Barreto e Bárbara Bastos, um casal vegano. Ambos fazem doutorado. Bárbara, sobre a pressão pelo crescimento em empresas e organizações e o questionamento que está pesquisando: não dá para fazer diferente? Tiago pesquisa "consumo de produtos de origem animal e ética organizacional". Argumentos para se tornar vegetariano. As conversas evoluem em várias direções, entre outras, sobre as novas formas de escravidão. Tiago afirma que mais de 50% dos casos de escravidão atuais, no Brasil, encontram-se no setor da pecuária (2). Aí você pode suspirar e dizer: "Sim, isso é Brasil", mas o que acontece na Europa? Os preços da carne na Bélgica estão sob

pressão há anos, em parte porque os funcionários dos frigoríficos alemães têm de trabalhar por salários mínimos. “Mas isso ainda não é escravidão?!”

Estima-se que 1.500 pessoas na Bélgica se encontram em uma situação de “escravidão moderna”. É o que diz a Fundação Walk Free, uma ONG que elabora anualmente o Índice Global de Escravidão para dar visibilidade à questão da escravidão. Segundo a organização, em 2014, havia pelo menos 35,8 milhões de “escravos modernos” ao redor do mundo (3). O Papa Francisco, recentemente, também pôs o dedo na ferida em uma mensagem para marcar o 8º Dia Mundial da Paz:

“[...] Embora a comunidade internacional tenha firmado muitos acordos para pôr fim à escravidão em todas as suas formas, ainda existem hoje milhões de pessoas – crianças, homens e mulheres de todas as idades – que são privadas de sua liberdade e são obrigadas a viver sob condições semelhantes às da escravidão. Penso nos muitos trabalhadores, até mesmo menores de idade, que são escravizados em diferentes setores e que são explorados nos trabalhos domésticos, na agricultura, em fábricas ou em minas. Mesmo em países onde os direitos dos trabalhadores são protegidos.”

“Penso, também, nos muitos migrantes que passam fome em sua dramática jornada, que são privados de sua liberdade, que perdem seus pertences ou são vítimas de abuso sexual. Eu penso nas pessoas entre eles que, por diferentes circunstâncias sociais, políticas e econômicas, são forçadas a viver na ilegalidade e naqueles que, para permanecer na legalidade, aceitam condições de vida e de trabalho degradantes... Sim, eu penso em ‘trabalho escravo’.”

"Eu penso nas pessoas que são forçadas a se prostituir, entre as quais muitos menores de idade, e nas mulheres forçadas a se casarem, nas mulheres que são vendidas com a finalidade de um casamento sem terem o direito de darem, elas mesmas, o seu consentimento ou se recusarem. [...]" (4)

A escravidão de ontem

Quando os moradores de Recife e arredores vão à praia, sua preferência é pelo "Porto de Galinhas". Trata-se de um porto natural, por causa dos recifes de corais fossilizados. É uma cidade costeira cheia de grandes galinhas artesanais pelas ruas e pequenas galinhas nas lojas de lembrancinhas. Centenas de *buggies* com brasileiros gritando passeiam pelas dunas, pelas ruas, ao lado das galinhas assustadas.

Será que, antigamente, realmente desembarcavam galinhas aqui? Não, no período colonial eram, principalmente, escravos que eram deportados de Angola. Quando uma nova carga chegava, gritavam: "As galinhas estão de volta"; "Galinhas d' Angola!". Será que não é muito cinismo organizar tudo por aqui em torno da galinha? Os escravos e seus descendentes (que vêm aqui para nadar) merecem um pouco mais de austeridade sobre o que aconteceu aqui. Mesmo assim, eu compro uma galinha de cerâmica para o abade Jos, em Averbode. Já há 25 anos que ele cria uma raça belga de galinhas à moda caipira.

Seguimos para Salvador da Bahia. Lá é, se possível, ainda pior. Os guias em Pernambuco, pelo menos, admitem que

"galinha" era um pseudônimo para escravos africanos. Em Salvador, fazemos uma excursão histórica guiados por Eduardo Hoornaert. Pelos lugares cruciais da era colonial, com sua espinha dorsal: o comércio de escravos. Então vamos para o "Solar do Unhão". É um belo edifício junto ao mar. O terreno onde se encontrava a fonte foi legado por Gabriel Soares de Souza aos padres beneditinos em 1584. Depois, pertenceu a um comerciante de pedras brasileiras.

Nós tomamos uma bebida no café-restaurante que foi instalado no interior do edifício. Com vista para o mar, perguntamos ao garçom sobre a história. Ele murmura algo sobre uma usina de açúcar e que também havia escravos. Ele entrega, com orgulho, um impresso sobre a história. No documento, nenhuma menção é feita ao comércio de pedras e de escravos. No entanto, há uma explicação detalhada sobre os artistas que já passaram por aqui, porque agora é o Museu de Arte Moderna.

Herman Wauters observa, com razão: "Isso não é um sacrilégio? É comparável a nós instalarmos em Breendonk, Bélgica, um café no local onde os alemães nazistas torturavam pessoas e as mantinham em cativeiro."

Pedras e galinhas: quem é que está falando de escravos?

Durante muitos séculos, os britânicos se beneficiaram do comércio de escravos, mas, gradualmente, no século XIX, foram se indignando com esse comércio desumano – embora

sua indignação fosse um tanto hipócrita (por exemplo, devido à Revolução Industrial, eles conseguiram substituir os escravo por máquinas em suas minas e a produção de açúcar era – graças aos escravos – mais barata no Brasil do que nas colônias britânicas), a partir de 1850, o tráfico internacional foi proibido. O Brasil aboliu a escravidão oficialmente em 1888. "Oficialmente" porque, anos mais tarde, em "Salvador", o comerciante de pedras ainda recebeu, secretamente, cargas de "pedras" africanas. Em Porto de Galinhas, ainda por muitos anos, a chamada das "galinhas" continuou sendo anunciada.

Ó! Que bonito.

Ao partir, vejo um *slogan* em um *buggy* amarelo canário: "O homem sonha, Deus realiza". Mais adiante, situa-se a localidade "Nossa Senhora do Ó", uma herança dos portugueses, como mais tarde também foi introduzida a "Nossa Senhora de Fátima". "Ó, linda" exclamaram os portugueses quando chegaram à costa de Pernambuco. O local é hoje conhecido como Olinda, onde, quatro séculos mais tarde, (Dom) Hélder Câmara foi arcebispo. Eu ainda fico espantado/admirado sobre como ele optou consistentemente pelos pobres e oprimidos. Ó! Também encontramos o "Ó" nas "Antífonas de Ó", cantadas durante uma semana antes do Natal, entre outros, na Abadia de Averbode, para que, com o Natal, possam nascer nova vida e esperança. De acordo com uma interpretação mais biológica, o "Ó" está relacionado com a longa "batalha" da Maria cristã com as grandes deusas da região

cultural em torno do Mar Mediterrâneo e do Médio Oriente, com Ísis (mãe e filha), Deméter (mãe da abundância, com muitos seios) etc. Na Idade Média surgiram, nessa linha, as "Antífonas de Ó", para abrir o útero para o nascimento do menino Jesus.

Hoje em dia, quem é que ainda para no "porto de galinhas" para pensar o que esses ancestrais africanos admiravam? Com o que eles se empolgavam? Quais eram seus sonhos na vida? Em Salvador, ainda visitamos a "Igreja do Rosário", uma igreja **dos** e **para** os escravos. Lá, eles admiravam seus próprios santos negros. Será que a religião seria o último ponto de apoio quando a desumanização está completa? A última "trincheira" na época da escravidão, como dito pelo marxista francês Roger Bastide? Ele ficou impressionado com o candomblé no Brasil. Um marxista que, com um "Oh!", manifestou seu espanto por como "o respeito pelo sagrado" pode dar apoio às pessoas. A religião não precisa ser, necessariamente, "o ópio do povo". As flores também podem florescer na lama da indignidade humana.

Recife, 21 de abril de 2015.

(1) Joaquim José da Silva Xavier, (12 de novembro de 1746 – 21 de abril de 1792), mais conhecido como **Tiradentes**, foi um dos líderes do movimento revolucionário chamado "Inconfidência Mineira". Esse movimento tinha como objetivo a completa independência da Colônia Portuguesa e a criação da República do Brasil. Depois que os planos do movimento foram descobertos, Tiradentes foi preso e

enforcado em público. Atualmente, ele é visto no Brasil como um herói nacional e a data de sua morte (21 de abril) é um feriado nacional. O apelido de Joaquim José da Silva Xavier (que é, no geral, visto como seu "nome comum"), *Tiradentes*, foi utilizado durante o julgamento contra ele, destacando sua baixa posição social (com informações da Wikipedia).

(2) Mais informações: www.svb.org.br/vegetarianismo1/dignidade-humana

(3) Consulte: www.vandaag.be/binnenland/156014_belgie-telt-1500-moderne-slaven.html

A ONG Walk Free Foundation entende por "escravos modernos", entre outras, as vítimas do tráfico humano, do trabalho forçado, de casamentos forçados ou de exploração sexual. Em 2013, a organização contou "apenas" 30 milhões de escravos modernos em todo o mundo, mas agora foi utilizada uma metodologia aperfeiçoada.

De acordo com o relatório, a escravidão moderna existe em todos os 167 países pesquisados, mas os maiores percentuais ocorrem na Mauritânia (4% da população), no Uzbequistão (3,97%), no Haiti (2,3%), no Catar (1,36%) e na Índia (1,14%). Na Europa, o problema é maior no Leste, com a Bulgária (0,38%) liderando o grupo. A Bélgica, com seus cerca de 0,013%, encontra-se no grupo dos melhores países. Ou seja, não é por acaso que, na rua onde moro, em Bruxelas, são principalmente as mulheres búlgaras e romenas que são forçadas a se prostituir.

No Brasil, para dados mais concretos sobre essa problemática, consulte: www.escravonempensar.org.br; blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br; www.escravonempensar.org.br/upfilesfolder/materiais/atividades/Atv_OIT_Soja_29.11.2010.pdf

(4) O texto completo pode ser encontrado em: http://www.dnpj.pt/ja-nao-escravos-mas-irmaos-48-dia-mundial-da-paz/

O oásis da não violência: veganismo e algumas questões éticas, sociais e ambientais do consumo de alimentos

Tiago Franca Barreto
Bárbara Eduarda Nóbrega Bastos

O debate sobre os diversos modelos de produção de alimentos geralmente se baseia em comparações, predominantemente quantitativas, dos recursos utilizados e dos impactos gerados em cada alternativa. Porém, nessas discussões, frequentemente algumas questões éticas são deixadas de lado. O uso de animais para produzir alimentos é a que vamos endereçar neste texto.

Quando se trata de alimentação, além das implicações de saúde comumente divulgadas, existem muitas questões ambientais, sociais e éticas envolvidas. No decorrer dessa explanação apresentaremos informações sobre esses aspectos, e procuraremos responder por que usar ou não animais é uma questão ética importante.

Algumas das principais questões ambientais associadas ao consumo de alimentos estão relacionadas à produção: monoculturas, alimentos transgênicos e utilização de agrotóxicos. De uma forma geral, essa produção desrespeita os ciclos naturais da terra em prol de resultados financeiros maiores para os produtores. Alternativas que podemos adotar contra essa objetificação da vida são o consumo de produtos orgânicos, agroecológicos, agroflorestais, entre outros.

Sobre as questões sociais, verifica-se um crescimento da concentração de vendas – e consequente poder – de poucas grandes corporações, que amplificam a concentração de riquezas, desigualdades sociais, exploração humana – principalmente em países periféricos. Como sempre, a otimização dos ganhos econômicos e o "desenvolvimento" são o fim "justificável" para essa realidade. Fomentar a Agricultura Familiar (orgânica), consumir produtos locais, de pequenas

organizações, tentar eliminar elos na cadeia produtiva – buscando comprar direto dos produtores, mas não de varejistas – são alternativas possíveis de subverter essa lógica.

Sobre os alimentos de origem animal

Além dessas questões gerais que podem envolver vários tipos de alimentos, é ponto pacífico que os produtos de origem animal geram um impacto ambiental muito maior sobre o nosso planeta. Em um relatório das Nações Unidas (ONU), é reconhecido que "o impacto da pecuária sobre o ambiente é imenso", e a criação de animais para o consumo humano é um dos principais responsáveis por quase todas as crises ambientais atuais, como destruição de florestas, desertificação, perda de biodiversidade, escassez de água doce, poluição da água e erosão do solo. Na média de padrão de consumo ocidental dos países desenvolvidos, são necessárias áreas produtivas três vezes maiores para alimentar uma pessoa que inclua carnes, leites ou ovos em seu cardápio[1]. Num futuro próximo será impossível manter esse padrão de consumo.

Existe também uma grande questão social dos produtos de origem animal – no Brasil, em especial –, além da grande incidência de trabalho análogo à escravidão na pecuária: muitas pessoas que trabalham nessa indústria contraem depressão, tendências suicidas e insanidade mental

1 Essas e outras informações sobre impactos ambientais podem ser lidos no livro *Comendo o planeta: impactos ambientais da criação e consumo de animais* (Cynthia Schuck e Raquel Ribeiro. 3. ed. São Paulo: Sociedade Vegetariana Brasileira – SVB, 2015), disponível neste *link*: svb.org.br/livros/comendo_o_planeta.pdf

por causa das péssimas condições psicológicas de trabalho[2]. Além de uma maior incidência de doenças ocupacionais nessa indústria, principalmente nos grandes frigoríficos, existe uma relação com traumas psicológicos e violência doméstica e social. A brutalidade do abate cria uma rotina de violência e se mistura com outras relações de opressão de gênero, etnias e espécies[3].

Apesar da grande relevância das questões ambientais e sociais do consumo de alimentos, as que postulamos como as mais importantes são as implicações éticas da utilização de animais como objetos ou instrumentos para os humanos. Existem várias perspectivas teóricas que sustentam argumentos diversos quanto a uma ética animal ou vegana (não utilização de animais para uso humano, seja na alimentação, no vestuário, no entretenimento etc.[4]). A seguir, vamos apresentar alguns dos principais.

Considerações éticas e veganismo

Antes de recorrer a argumentos racionais, propomos aos leitores refletirem sobre duas questões com base na intuição:

- Se você estiver dirigindo numa estrada e vir uma tartaruga atravessando a pista e, para desviar do

2 Assista ao documentário *Carne e osso* (2011), da ONG Repórter Brasil (direção: Caio Cavechini e Carlos Juliano Barros): www.youtube.com/watch?v=imKw_sbfaf0

3 Exemplos disso podem ser identificados neste livro de Carol J. Adams: *A política sexual da carne: a relação entre o carnivorismo e a dominação masculina* (São Paulo: Alaúde Editorial, 2012).

4 Mais informações sobre o que é **veganismo**: www.sejavegano.com.br

animal, tivesse que passar por cima de uma planta no acostamento, o que você faria?

- Para realizar um experimento que trará informações importantes para a saúde humana, um cientista percebe que pode usar animais ou plantas, que morrerão após a experiência. Quais deles você acha que deveriam ser usados[5]?

Caso você pense como a maioria das pessoas, intuitivamente, nos dois casos, as decisões serão tomadas para preservar a vida do animal em detrimento do vegetal, pois existe uma diferença relevante entre eles e há algo no animal que o torna moralmente importante.

Em complemento, da mesma maneira que existe um aparato ideológico para sustentar o pensamento hegemônico sobre diversas questões em nossa sociedade, também existem mecanismos para sustentar e ocultar o problema moral de utilizar animais para produzir alimentos. A invisibilidade ou o ocultamento de animais, a dissociação entre o animal e a carne por meio de uma linguagem eufemística (por exemplo, filé-mignon, ao invés de músculo amputado das costas de um boi), o desmembramento dos corpos (para tirar a semelhança do animal vivo) e o deslocamento do matadouro para longe dos olhos do público são algumas das estratégias utilizadas pela indústria para maquiar a realidade, driblar o mal-estar moral e o conflito

5 Esses e outros argumentos são apresentados no livro *Ética & vegetarianismo* (de Carlos Naconecy. São Paulo: Sociedade Vegetariana Brasileira – SVB, 2015), disponível neste *link*: svb.org.br/livros/etica_e_vegetarianismo.pdf

de consciência dos consumidores[6]. Será que essa realidade seria a mesma se as pessoas precisassem matar os animais que iriam consumir?

Os principais argumentos, que se relacionam entre si, para sustentar a ética animal são sobre a morte desnecessária, a atitude de respeito e dignidade, e os direitos e os interesses dos animais. Matar um animal é um ato de violência, que gera sofrimento, não valoriza a vida do animal que é consciente de si, nem suas oportunidades futuras. É errado matar se não existir uma razão suficientemente forte para isso. Podemos viver bem e com saúde sem o consumo de alimentos de origem animal; portanto, essas mortes são desnecessárias.

O argumento do respeito e da dignidade se resume em afirmar que animais possuem subjetividade (são *sujeitos-de-uma-vida*[7]), sua vida importa para si e eles têm preferências e autonomia para realizar escolhas. Os animais, tendo uma subjetividade e uma autonomia, possuem um valor intrínseco, por serem "fins em si mesmo", e são merecedores de dignidade e respeito. Ter uma atitude de respeito e dignidade (qualidade moral que inspira respeito) é não provocar a morte e o sofrimento desse animal, por entender essa realidade e compreender que a maioria de nós não precisa se alimentar deles para viver e viver bem (exceções feitas a circunstâncias extremas de vida no gelo, montanhas, selva etc.).

6 Para saber mais sobre o assunto, Melanie Joy (Ph.D.) apresenta sua tese neste livro, *Por que amamos cachorros, comemos porcos e vestimos vacas* (São Paulo: Pensamento-Cultrix: 2013). A obra trata da ideologia do carnismo e da naturalização do consumo dos produtos de origem animal.

7 Termo cunhado pelo filósofo Tom Regan, dentre outros livros, em *Jaulas vazias: encarando o desafio dos direitos animais* (Porto Alegre: Lugano, 2006).

Quando se trata dos direitos animais, a linha de raciocínio é que a subjetividade e a autonomia, que possibilitam um valor intrínseco aos animais, precisa ser considerada e, por isso, resguardada com obrigações ou deveres sobre aqueles que poderiam desconsiderá-la. Com isso os animais adquirem direitos, e deve ser invertido o ônus da justificação de atos que depõem contra esse direito. Ou seja, não cabe a um defensor animal justificar por que respeitá-lo, mas sim o que age com violência para com o animal deve ter bons argumentos para isso.

Sobre as considerações dos interesses, os animais têm interesse em questões que envolvem seu benefício ou prejuízo. Os interesses vitais têm prioridade sobre os não vitais, as necessidades têm prioridades sobre as preferências. O ato de comer carne é um interesse não vital que ocasiona a morte de um animal. Se não é uma necessidade, mas, sim, uma preferência, devem ser priorizados os interesses do animal de se manter vivo e bem.

Animais humanos e não humanos compartilham características em comum: autoconsciência, capacidade de sentir dor, sofrimento e felicidade. Se muitas pessoas conseguem identificar esses e outros aspectos em animais de estimação, pode-se afirmar que os animais ditos "de consumo", como porcos, vacas, galinhas, entre outros, também gozam dessa situação. Porém, os animais que são mortos para consumo humano não são tratados do mesmo modo que cães e gatos costumam ser tratados. A indústria da carne utiliza técnicas que tornam a vida dos animais permanentemente miserável e deixa um rastro de morte e exploração, intencional e desnecessário, por mais que tentem esconder da vista dos consumidores ou utilizar eufemismos como bem-estar animal,

abate humanitário, galinhas felizes etc. Tirar vantagem da vulnerabilidade dos animais de criação e se beneficiar, dominando, oprimindo e explorando, é um problema moral.

A redução do consumo de produtos de origem animal não elimina esse problema intrínseco, do sofrimento, morte e objetificação animal. Por isso, conforme mais informações temos sobre essa indústria, mais o veganismo vem crescendo no Brasil, na Europa e ao redor do mundo. Cada vez mais pessoas estão optando por uma mudança de atitude que valoriza a vida. A agenda vegana é a da não violência, pois propõe que as pessoas escolham viver de uma forma que evita o sofrimento animal sempre que possível.

Mas uma mudança para o veganismo, trocando alimentos de origem animal por seus similares de origem vegetal, ainda tendo como base de sua alimentação produtos industrializados, de grandes corporações, importados, transgênicos, com agrotóxicos – embora, por um lado, amenize as questões éticas relacionadas aos animais não humanos –, não altera tão significativamente os problemas ambientais e sociais que envolvem o consumo de alimentos. Por isso argumentamos que o veganismo, como alternativa consistente, deve vir acompanhado também dessas preocupações.

Tiago Franca Barreto,
doutorando em Administração (UFPE),
***Bárbara Eduarda Nóbrega Bastos**,*
professora doutora em Administração (UFPE),
ambos da Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB) –
Grupo Recife (www.facebook.com/recife.svb)

23

BÉLGICA, PAÍS EXPORTADOR PARA O BRASIL

Para encerrar a viagem, eu me hospedo em um *hostel* amigável em São Paulo. Nos últimos anos, essas acomodações baratas surgiram rapidamente e por todos os lugares por aqui. Naturalmente eles são destinados, principalmente, para jovens mochileiros, mas eles também aceitam pessoas mais velhas, como eu.

Amsterdã em São Paulo

Eu passo o tempo alternadamente escrevendo um pouco, fazendo visitas e fazendo passeios quando saio para comer. Eu vejo, então, um anúncio em um restaurante: "Amstelbier, sucesso em Amsterdã. Agora no Brasil." Sim, a maior parte da cerveja aqui está nas mãos da gigante das cervejas AB InBev, a cervejaria belgo-americano-brasileira: *Number One* [Líder] no país da cerveja. No entanto, encontramos algumas outras cervejas, como a Heineken e a Amstel. Diz-se por aí que a Heineken é o único tipo de cerveja sem milho transgênico. De fato, em muitas cervejas brasileiras o malte é substituído pelo milho. O milho é mais barato. Além disso, a cevada só pode ser cultivada no Sul do Brasil – em quantidade insuficiente, portanto. Já a Heineken se mantém fiel à receita com malte. A cerveja holandesa não é para mim, mas isso é outro assunto. Felizmente, atualmente existe uma moda entre os brasileiros de preparar cerveja artesanal. Eles, obviamente, utilizam malte e não milho transgênico.

Bélgica, país exportador...

Hoje eu recebo, por acaso, uma notícia sobre os sucessos de exportação da Bélgica: "A indústria alimentícia apresentou o melhor balanço comercial de todos os tempos" (1). Adivinha o quê? O maior crescimento foi nas exportações para países distantes. Porém, o nosso modelo de exportação belga está realmente em desacordo com a *soberania alimentar*, a bandeira defendida por muitos movimentos de base em nosso planeta. Enquanto os agricultores sofrem há anos com os preços baixos, as empresas de produtos alimentícios e de exportação ganham rios de dinheiro. Nós evoluímos fortemente para uma agricultura de exportação, a serviço do agronegócio internacional. Agricultores e agricultoras em todo o mundo são forçados a competir uns contra os outros para entregar os "preços mais baixos de matérias-primas".

"Os países vizinhos, França, Holanda e Alemanha, continuam sendo nossos principais compradores (participação de 57,1%), mas o principal crescimento ocorre nos mais novos estados-membros da União Europeia (+5%) e nas **exportações distantes** (+12,5%). As exportações para os EUA novamente aumentaram acentuadamente (+17,4%), para 452 milhões de euros, com o que esse país se torna definitivamente o campeão entre os países distantes. Outros países em rápido crescimento foram o **Brasil (+31,9%)** – **navios carregados de malte deixam o porto de Antuérpia** – e a China (+23,6%). As cinco categorias de produtos com melhor desempenho em outros países são carne, laticínios, verduras

e produtos com frutas, produtos à base de cereais e bebidas." E ainda: "Os cinco principais mercados de exportação distantes são completados com Japão (173 milhões de euros), Brasil (139 milhões), Argélia (138 milhões) e China (121 milhões de euros). Os Estados Unidos estão entre os mercados de crescimento mais importantes para os produtos alimentícios belgas, assim como o Brasil e a China. As exportações para os EUA estão em forte e contínua ascensão (+73,2% em relação a 2010), mas o Brasil (+64,6%) e especialmente a China (+115,9%) não ficam muito atrás." As negociações TTIP (2) só irão reforçar esta tendência. TTIP podem ser negociações bilaterais entre os EUA e a União Europeia, mas, de qualquer modo, estão dentro da lógica de obrigar à concorrência global, na qual o mais forte e, supostamente, mais barato ganha.

Quanto ao malte, a Cargill, em Herent (Bélgica), certamente tem a ver com isso. Nos últimos 30 anos, no movimento de concentração do setor, as cervejarias abandonaram seus fabricantes de malte. Cargill os comprou e se tornou, rapidamente, no grande produtor de malte. Essa é, aliás, a estratégia geral da empresa "familiar" Cargill (3): quando eles se lançam em alguma coisa, eles querem ser o Número Um dentro de cinco anos para esse produto, quer se trate de café, de malte ou de soja. Para eles, tanto faz. Cargill se atribui uma tarefa quase diaconal: eles estão "a serviço da" indústria de alimentos.

...Às custas do país exportador Brasil!

Ao mesmo tempo, atualmente uma mensagem se tornou viral no Facebook, sobre mortes em conflitos de terra: "Assassinatos globais de defensores de terra e do meio ambiente, 2002-2014" (4). Honduras e Brasil são os lugares mais perigosos do mundo para esses defensores. O Brasil é o líder absoluto, com 477 mortes durante o período. A Comissão Pastoral da Terra (CPT) publica, há 30 anos, um livro sobre a triste saga dos conflitos de terra na zona rural brasileira. Ela confirma que o Brasil não é só o campeão em uso de agrotóxicos (com seus inevitáveis doentes ou mortos), mas também em mortes violentas em que soja, cana-de-açúcar e pecuária estão em ascensão (5). Em 2014, o anuário fala de 36 mortes em conflitos de terra; em 2013 a CPT registrou 34 mortes, das quais 29 foram vítimas de conflitos de terra, com duas mortes em conflitos com trabalhadores rurais e duas mortes em conflitos por água.

Alternativas são possíveis?

Existe uma relação com o nosso modelo de exportação? Sim, nossa mania belga de exportar carne e laticínios só é possível com imensos fluxos de ração animal (especialmente a soja brasileira) do exterior. Precisamente o fato que Wervel vem pregando há 25 anos! Quando é que isso vai ser revelado plenamente, por exemplo, nos aclamados números de exportação?

É interessante que, precisamente agora, também está sendo lançado um programa de TV sobre a busca de alternativas no setor de ração animal (6). Depois de anos de trabalho de Wervel e de questionamentos, o setor finalmente admitiu que há um problema. Mais ainda: estão em busca de soluções que vão além de rótulos desgastados para a soja do exterior. Claro que devemos permanecer vigilantes, porque isso obviamente está ocorrendo dentro de uma visão industrial da agricultura. Imagine se nosso elevado consumo de carne e nossos interesses exportadores forem questionados de imediato?!

De qualquer forma, depois de anos batendo na mesma tecla da "transição protéica" (7), obtém-se, de vez em quando, alguns frutos.

São Paulo, 24 de abril, 2015.

(1) Consulte: www.vilt.be/voedingsindustrie-legt-beste-handelsbalans-ooit-voor

(2) TTIP: Transatlantic Trade and Investment Partnership [Parceria Transatlântica de Comércio e de Investimentos].

(3) Estabelecimento na Bélgica: www.cargill.be/nl/locations/index.jsp. Sobre o Brasil, permaneço calado por ora. Neste imenso país, a Cargill é onipresente, como um dos deuses.

(4) Consulte: www.globalwitness.org/campaigns/environmental-activists/how-many-more

(5) *Conflitos no Campo Brasil, 30 anos, 2014* (CPT, abril de 2015: www.cptnacional.org.br). A CPT surgiu há 40 anos, a partir das Comunidades Eclesiais de Base (CEB), mas há anos se tornou um órgão da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). A CPT é membro da Pax Christi International.

(6) Consulte: vimeo.com/117780342

(7) A transição proteica no trabalho de Wervel: 1. Tornar-se menos dependente da soja do exterior e apostar nas próprias fontes de proteína europeias. 2. Menos proteína animal e mais consumo de proteínas vegetais diretamente.

24

BIG PARAÍSO, OU 50 TONS DE MARROM

Os brasileiros adoram "grande". Ou "big", como preferem seus vizinhos do Norte, os norte-americanos, com os quais eles mantêm uma relação um tanto ambígua. O país, com os seus 26 estados, mais o Distrito Federal (Brasília), de fato é maior do que a União Europeia com os seus 28 países.

Em muitas cidades você encontrará o BIG, Macro, Wal*Mart, imensos *shopping centers*, grandes templos da Igreja Universal e muito mais. A Grande São Paulo, onde estou agora, é uma Big City com mais de 18 milhões de habitantes.

Pessoas amigáveis!

Estou encerrando esta turnê nas proximidades da estação de metrô Paraíso e estou meditando no bar-lanchonete Big Paraíso. Grande Paraíso! O que torna este país e seu povo tão grande, tão paradisíaco? O grupo de Wervel, que me deixou em Salvador da Bahia, avaliou em uníssono: "Os brasileiros são um povo tão amigável! Como isso é possível!?"

É óbvio que existem enormes diferenças econômicas, sociais e culturais, há um racismo velado e você pode se deparar com a violência em qualquer momento. Sua terra e suas riquezas são, por vezes, tomadas pelas grandes cooperativas internacionais e seus colaboradores brasileiros, mas a avaliação do grupo é mais do que verdadeira. Um verdadeiro *apartheid*, como havia na África do Sul, não existe por aqui, embora se tenha de um lado as favelas e, do outro, os condomínios fechados.

Eduardo Hoornaert, um padre casado, originário de Brugge (Bélgica) e historiador, fez uma tentativa de (começar a) responder. "Talvez seja porque, ao longo do tempo, eles foram forçados a conviver: (ex-)escravos da África, descendentes de povos indígenas e descendentes de imigrantes europeus." No caso de São Paulo, você pode tranquilamente acrescentar os asiáticos, entre outros, com seus 600 mil japoneses. Antuérpia e Flandres, onde muitos dão ouvidos ao assustador discurso de Bart De Wever (influente político nacionalista na Bélgica), poderiam parar para refletir sobre isso.

...Em muitos tons

No terraço, eu bebo uma Original, uma cerveja da AB InBev. Com malte, mas também com milho transgênico.

Não há como escapar.

Perto de mim, um grupo de oito jovens está aproveitando paradisiacamente o encerramento de sua semana. Uma garrafa de Serramalte depois da outra é aberta. Malte, mas milho também, segundo o rótulo com os ingredientes. E sim, também da "nossa" AB InBev.

Não há como escapar.

Devido à incrível maionese de culturas e grupos de povos, esses jovens fazem parte dos 50 tons de marrom que colorem esta sociedade.

Não há como escapar.

O marrom de alguns deles remete sutilmente às suas raízes (predominantemente) nativas. Em outros, predomina a origem

africana. De alguns deles, você pensaria que são "brancos", ainda que quase todos eles tenham um pouquinho de marrom de outros grupos sanguíneos. "Branco" pode até ser o ideal extremo, mas 50 tons de marrom é a realidade dominante.

Não há como escapar.

Eles combinam cerveja com cachaça. Eu bebo cerveja e peço uma garrafa de água. Constato que a água foi comprada pela Danone. Também poderia ter sido Nestlé ou Coca-Cola.

Não há como escapar.

A terra de arroz e feijão com sua grande diversidade de frutas está sendo silenciosamente tomada por *fast-food* e refrigerantes.

Não há como escapar.

Abundância e escassez em todos os lugares

Enquanto isso, a água corre ao longo das ruas, como também se vê em Paris. Você se sente em uma Mesopotâmia Paradisíaca, embora São Paulo já esteja vivenciando, há um ano, uma aguda e crônica crise de água. Não obstante, centenas de litros de água são perdidos devido à tubulação antiquada, a banheiros que não param de fluir, torneiras que permanecem abertas durante o modo típico de lavar louça...

Não há como escapar.

"Isto é simplesmente Brasil" – é a resposta que recebo quando eu, um gringo, me atrevo a tocar no assunto.

Existem limites?

É uma terra de abundância. De leite e mel. Nos últimos 50 anos, a população triplicou para pouco mais de 200 milhões de tons de marrom, mas ainda estão muito longe dos 1,4 bilhão de chineses. No entanto, ainda se acredita que este paraíso de sol, água e muita terra é inesgotável. O Brasil é um paraíso, sobre o qual há muitas coisas boas a dizer.

No entanto, todo ano eu volto um pouco mais triste para casa. O Paraíso não é infinito. Está desmoronando. Quanto tempo isso ainda pode durar? Quando é que esse Paraíso Terrestre vai pousar entre os limites da capacidade de suporte do planeta Terra?

E qual é a nossa responsabilidade, na condição de europeus e chineses, nesse processo de degradação?

Há muito coisa bonita e emocionante a contar sobre o Brasil e os brasileiros. Invariavelmente, eles perguntam: "Gostou?" A resposta padrão deve ser: "Gostei." "Sim. Fantástico. Aqui é paradisíaco."

Será que eu posso continuar sendo o chato e, de vez em quando, mostrar o lado sombrio do Big Paraíso?

Não há como escapar.

São Paulo, 26 de abril de 2015.

Viagem de Wervel ao Brasil em 2015:

"Indo da dor pela perda da biodiversidade do Cerrado para a esperança graças ao movimento em favor do sistema agroforestal"

Herman Wauters

Como muitos belgas, eu conheço o Brasil como o país do futebol artístico, do samba empolgante e da Amazônia ameaçada. Foi por intermédio de Wervel que, pela primeira vez, eu ouvi falar do Cerrado. É uma cultura, uma bebida, uma espécie animal ou o nome de um movimento desconhecido? Nada disso. Fico sabendo que é uma área com extensão de 2 milhões de quilômetros quadrados de savana, no coração do Brasil. Território ameaçado pela ascensão da criação de gado e das plantações de cana-de-açúcar, milho e soja.

Porém, eu não parei para pensar que a luta pela preservação dessa área é também a luta daqueles que não têm voz e dos pobres. Essa conexão desperta minha curiosidade. Quando Wervel, por ocasião do seu 25º aniversário, ofereceu-me a oportunidade de observar isso com meus próprios olhos e ouvidos, eu não pude desperdiçá-la. Estamos falando das férias da Páscoa em 2015.

Vibrações coloniais

Nos primeiros dias de estadia, mergulhamos na história e na cultura brasileiras; começamos por Paraty e pelo Rio de Janeiro, localizados no que é geograficamente chamado de "Mata Atlântica". O bem preservado centro colonial da cidade de Paraty é patrimônio cultural mundial – como Bokrijk (na Bélgica) –, um museu a céu aberto dessa região costeira. O passado ainda brilha de tal forma por lá que parece que faz apenas algumas décadas que os portugueses eram os governantes. Para compreender a origem da cultura brasileira

atual, o modo de pensar – predominantemente – ocidental, o confronto inquietante com a influência e os excessos dos conquistadores d'além mar, já é um excelente começo.

A descoberta de ouro fez dessa pitoresca cidade portuária um importante centro e porta de entrada para o interior. Impulsionada pelo desejo de "cada vez mais", a importação de escravos negros era considerada natural – de mesmo modo que em outros lugares do continente. O contínuo comércio de escravos para o Brasil já teve início em 1560. Nesse mesmo período, a população autóctone fora ferozmente dizimada por assassinato, exaustão e pelas doenças que os marinheiros trouxeram. Mesmo nos dias de hoje, tomar posse sem licença de "nova terra" tem suas consequências. Dos mais de mil diferentes povos indígenas no Brasil, com mais de 2 a 4 milhões de pessoas, agora restam apenas 234 etnias, com uma população de 600 mil nativos. E, gradualmente, torna-se claro para mim que o expansionismo dos europeus se reflete na mistura de genes com os nativos e os africanos importados.

Ordem e Progresso

Alguns dias depois, vemos o resultado impressionante e muitas vezes doloroso desse expansionismo, particularmente no "Rio de Janeiro". Tudo está no signo do lema nacional "ordem e progresso". Afinal, "ordem e progresso" é o lema na faixa da bandeira brasileira e está ostensivamente presente em todos os lugares. Grandes sítios de obras, gigantescos, obras de infraestrutura megalomaníacas, atividades

portuárias e de extração de petróleo incessantes e grandiosos desenvolvimentos de telecomunicações predominam. A cidade efervescente está literalmente no seu limite – não muito diferente de quase qualquer outra metrópole desse país. Mas o abismo entre ricos e pobres não se torna menor com isso. Pelo contrário. As favelas nas encostas dos vários morros sofrem, por exemplo, uma verdadeira metamorfose. Os barracos são substituídos por belas casas, ocupadas por uma classe média em ascensão, incentivada também pela magnífica vista dos morros sobre a Baía de Guanabara. Os pobres são, assim, expulsos para locais mais distantes, cada vez mais longe do centro.

Uma alternativa valiosa, a agricultura urbana de pequena escala, organizada por e para os pobres, infelizmente, não pôde ser vista por nós. A visita planejada ao projeto, em uma das maiores favelas da cidade, teve de ser cancelada, para meu grande pesar, por ser muito perigosa devido à violência naquele bairro. Na noite anterior, a polícia invadiu o bairro em busca de traficantes que se esconderam nas ruelas. A cidade tem de estar "limpa" a todo custo aos olhos do mundo e antes que toda a atenção da mídia esteja novamente focada no Rio: os Jogos Olímpicos, em 2016. Que os moradores da favela não estão nem um pouco satisfeitos com mais um ataque extremamente violento, isso é compreensível e não precisa de argumento. Sua reação de impulso é "contraviolência", mas com menos recursos.

Como consolo por aquilo que não deu certo, vagamos conscientemente pelas ruas do centro do Rio. Para nossa surpresa, de repente, nos deparamos com uma das mais

belas estátuas de Mahatma Gandhi. O pai da nação Índia é, também aqui, um símbolo de não violência e liberdade para todos. E, ao mesmo tempo, irradia um apelo. Que contraste com os acontecimentos do dia! Desde a morte de Gandhi, semanalmente, homens vestidos de branco percorrem as ruas para relembrar essa figura histórica e para transmitir uma mensagem de paz. Embora essa cena talvez pareça apenas um espetáculo carnavalesco, ainda assim pode ser um motivo para trazer à memória a vida, os pensamentos e as ações desse homem extraordinário (1). Com as silenciosas testemunhas vestidas de branco, de qualquer modo, alimenta-se a fé de que, um dia, a maré de injustiça e opressão será revertida. Porque, infelizmente, expansões violentas de poder foram, durante o passado turbulento recente e menos recente desse subcontinente, uma manifestação constante da opressão.

Os povos indígenas e da biodiversidade do Cerrado

A maior parte dos registros históricos do Brasil remonta para o início da colonização, por volta de 1500. O que aconteceu antes disso, especialmente a história da população indígena, está mal documentado, exceto em museus mal conservados e carentes de recursos. Simbólico para o que, mais tarde, iria revelar a falta de atenção para o Cerrado.

A nossa atenção para a biodiversidade do Cerrado está indissoluvelmente ligada ao interesse pela vida dos povos

indígenas, pescadores, agricultores familiares, ribeirinhos. Nós vemos como eles amam o Cerrado e não querem ser dependentes das grandes indústrias, ou seja, da monocultura.

Se Wervel quer fazer a conexão entre agricultores, consumidores e conservação da natureza, conseguiu convencer a mim, na condição de consumidor, a me engajar na luta pela preservação do Cerrado. Ficar de lado, assistindo, fica difícil – na verdade, insustentável. E esse convencimento não é só determinado por elementos emocionais, mas, acima de tudo, racionais.

Sítio Alegria

O argumento mais poderoso contra as monoculturas eu ouço de Arturo e Teresa, agricultores em uma área rural perto de Brasília, Brazlândia, no meio do Cerrado. Seu sítio idílico é chamado, com razão, de Sítio Alegria! A propriedade tem 28 hectares, dos quais 20 hectares são de floresta preservada e 8,6 hectares de lavoura, onde são cultivadas mais de 80 espécies. O que já foi solo esgotado pela agricultura convencional, agora é um exemplo brilhante de sistema agroflorestal.

Arturo explica com entusiasmo que o rendimento por hectare no sistema com base agroflorestal é maior do que o de plantações de soja. Estou chocado e peço para ele repetir, será que ele não se enganou? Será que ele não está um pouco entusiasmado demais? Afinal de contas, na Europa, nós sempre ouvimos que a história é exatamente o contrário. Como um engenheiro agrônomo, Arturo está seguro e repete, com

um ligeiro sorriso despretensioso, sua afirmação. Além disso, este sítio proporciona trabalho para várias famílias, pelo seu modo de trabalhar com intensificação de mão de obra. "E", ele continua, "os produtos são comercializados principalmente nos mercados locais". O círculo está completo.

Na divisa do sítio de Arturo, há algumas árvores de eucalipto: espécies exóticas importadas da Austrália e plantadas em todo o Cerrado para combater o desmatamento. Pelo fato de consumir muito água, o eucalipto aumenta o ressecamento do solo que já sofre com escassez de água, devido ao avançando de culturas que são grandes consumidoras de água, como soja e cana-de-açúcar. Se as árvores não são uma maldição em seu sítio? Sim e não, enquanto ficar limitado a apenas alguns exemplares. Como espécie de rápido crescimento, o eucalipto é usado aqui apenas para uso na propriedade, na construção de moradias e mobiliário. No restante do sítio há biodiversidade de sobra, de modo que é possível aceitar este compromisso.

Deixamos o Sítio Alegria sob uma chuva torrencial, com um pacote de café cultivado e torrado ali mesmo, com um sentimento de alegria e, acima de tudo, de esperança!

Exemplos inspiradores em Goiânia

Essa mesma esperança podemos experimentar na populosa cidade universitária de Goiânia e em seu entorno, 200 km a sudoeste de Brasília. Nós visitamos um serviço governamental: Agência Municipal do Meio Ambiente (Amma).

A Amma tem como missão elaborar, implementar e coordenar a política ambiental, voltada para o desenvolvimento sustentável no território municipal. Lá, nós nos encontramos com Pedro Wilson Guimarães (1942), advogado, sociólogo, professor e ex-político. Como um presidente apaixonado, ele esclarece de imediato: se a agroecologia quiser ter uma chance, isso também vai depender da política. Pessoas como Pedro, com o carisma necessário e bem quisto em sua comunidade, são a esperança de impulsionar esse movimento na direção certa. Ele está comprometido com isso de corpo e alma!

Nós também vamos a uma organização não governamental: Centro de Desenvolvimento Agroecológico do Cerrado (Cedac). Lá recebemos explicações ilustradas de, entre outros, Isidoro Revers, um ex-colaborador de Dom Tomás Balduíno (bispo, teólogo da Libertação e defensor do povo do Cerrado). Cedac quer dar voz aos pequenos agricultores independentes, reuni-los em cooperativas e comercializar os frutos de suas culturas agroecológicas. Estou espantado com a riqueza dos muitos produtos típicos do Cerrado, de uma região que é descrita pelos políticos como árida e inútil. Como exemplo desses produtos, recebemos um vidrinho com castanhas de baru. Baru, uma castanha típica da região, rica em proteínas e que simboliza a luta pelo policultivo orgânico no Cerrado.

Apoio solidário a nível diplomático

O destaque da viagem foi a recepção na Embaixada da Bélgica, em Brasília. Havia uns 70 participantes, incluindo os

embaixadores da Holanda, da Croácia, da República Checa e da Alemanha. O anfitrião, o embaixador Jozef Smets, conseguiu tocar no sensível tema do Cerrado e da Agricultura Familiar. Luc Vankrunkelsven e Lívia Corpas tiveram a honra de dar as suas opiniões. O filme *O ritmo da lagarta* foi projetado, pela primeira vez, na íntegra. As imagens sóbrias e tocantes certamente foram muito bem recebidas. Isso é notável, porque muitos esperavam algo diferente: imagens sobre a natureza, e não de agricultores que estão tentando proteger a natureza. Mesmo assim, a mensagem foi compreendida.

O título do filme, baseado em uma velha canção do Cerrado, indicou imediatamente que a esperança na chegada da borboleta não pode ser detida, desde que, é claro, não se esmague a lagarta. Para deixar a lagarta viva – em outras palavras, para preservar o Cerrado de interferência externa – e, assim, entre outros, combater o aquecimento global, é mais do que necessário aumentar a pressão por uma política específica. É isso que pedem os agricultores conscientes do Cerrado. Além disso, eles querem internacionalizar essa pressão. Para isso, eles contam com o apoio de Wervel. As exposições e o filme na embaixada representam, inegavelmente, um passo importante!

Escravidão ontem e hoje

Encerramos a viagem em Salvador da Bahia e, junto com Eduardo Hoornaert, mergulhamos na origem e na evolução da cidade, um berço também da escravidão. O Pelourinho de

Salvador (cidade velha), exala – além da atmosfera encantadora das lojas de artesanato – principalmente história! Será que a escravidão, abolida desde 1888, depois não existiu mais, ou ainda existe? Eduardo responde de acordo com nossas suposições. E eu continuo me surpreendendo a todo momento. Por acaso, eu me deparo com um *site*, no qual eu li o seguinte:

"O Brasil é um dos maiores exportadores de carne do mundo. A maior parte das grandes fazendas de gado está localizada na região amazônica, no norte do Brasil. Muitos homens pobres que não têm trabalho se deslocam para essa região, com esperança de encontrar trabalho. Mas, ao invés disso, eles são forçados a trabalhar de graça. As condições nas fazendas, onde eles vão parar, muitas vezes são muito ruins: sem água potável nem saneamento, os trabalhadores usam as mesmas roupas por semanas. Eles são obrigados a se banhar na mesma água que o gado. Quem tenta fugir é impedido (abatido a tiro?) por seguranças armados. Ou seja, os homens não podem ir a lugar algum. Estima-se cerca de 25 mil a 50 mil pessoas vivam escravizadas dessa forma no Brasil. O que torna possível a continuidade desses abusos tem a ver com o fato de que as fazendas estão, muitas vezes, localizadas no meio da floresta, completamente isoladas do mundo exterior. É muito difícil, para as autoridades, realizar fiscalizações nessas áreas. Devido a essa falta, também pode acontecer que os proprietários das fazendas desmatem cada vez mais a floresta, para criar gado. É dessa maneira que desaparecem milhares de hectares de floresta todos os anos."

Comer menos carne e mais castanhas para salvar o Cerrado

Durante a viagem, ainda recebo um *e-mail* clichê do meu filho: "A comida é boa no Brasil?" Não foi preciso pensar muito para responder: "Sim, é superdeliciosa e abundante!" Até para um vegetariano experiente como eu. Mesmo em um país carnívoro como o Brasil (2), ao contrário do que se poderia pensar, não tive dificuldade alguma em evitar que um quadrúpede descesse pela minha garganta. Afinal, havia muitas alternativas disponíveis. A maioria foi, para mim, de novas descobertas impressionantes (3), como a anteriormente referida castanha de baru!!! Talvez devêssemos, no futuro, fazer dessa castanha uma virtude. Será que ela poderia ser vendida na Bélgica como um símbolo da luta pela preservação do Cerrado? É uma castanha que vale mais do que quebrá-la!

Herman Wauters,
7 de maio de 2015.

(1) Sobre Gandhi no Rio, veja: www.youtube.com/user/GandhiRio. Veja também Gandhi em Salvador da Bahia: pt.wikipedia.org/wiki/Filhos_de_Gandhy

(2) De acordo com dados do governo brasileiro, 62% da área desmatada é, agora, usada para criação de gado, incluindo as culturas para as forragens (fonte: http://www.ibdn.org.br/novo/index.php/ultimasnoticias/794-amazonia-62-das-areas-desmatadas-viraram-pastagens.html).

(3) Na publicação de Wervel sobre o Cerrado, há uma lista com várias delas. De algumas dezenas de espécies de frutas são feitos até mesmo sorvetes – extremamente saborosos e refrescantes!

Créditos

Junto com o filme *O ritmo da lagarta*, este livro foi publicado primeiramente em português, durante a turnê pelo Brasil, de 27 de maio a 7 de julho de 2016. Posteriormente, o livro também será lançado na Bélgica, em outubro de 2016. A obra foi discutida e ilustrada por estudantes e professores da Universidade Federal do Paraná – *Campus* Matinhos, conforme descrição a seguir da professora Luciana:

"Conheci Luc Vankrunkelsven entre 2008 e 2009, no Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, Brasil. Desde então estabeleceu-se uma parceria entre pensamentos e imagens! Explico: Luc nos apresentou seu mundo de ideias e nós (professores, técnicos, alunos e comunidade externa à UFPR), com muita dedicação, nos esforçamos para 'ilustrá-las'! Admito que, no início desta jornada, eu pouco pensava sobre as ideias e concepções que Luc defendia. Entretanto, seus textos me 'prenderam' a novas convicções e ideais. Neste ínterim me tornei vegana, desenvolvi uma nova relação com o mundo e passei a ter mais cuidado com as minhas "pegadas" neste planeta. Tornou-se, então, cada vez mais importante para mim a produção das ilustrações pois, agora, no momento de pensá-las junto à comunidade, passei a ter um cuidado especial na reflexão e discussão sobre as ideias principais de cada capítulo – sendo cada ilustração resultado de análises mais aprofundadas daqueles que participam desta criação. É, portanto, o processo de criação imagética, uma

forma de repassar essas concepções de vida e de mundo a outras pessoas e grupos. Repito, portanto, o que já foi dito outras vezes: desde a primeira vez que fomos convidados por Luc a produzir as ilustrações, nos sentimos honrados em poder participar, não só pelo significado artístico, mas também pelo significado e pela importância dos temas abordados. A cada ano e a cada livro, nos propusemos a diferentes experiências visuais e a novas possibilidades de inserção da comunidade externa à Universidade, na produção das ilustrações. Este ano nos unimos ao Programa de Extensão "Mundo Mágico da Leitura", da UFPR, Setor Litoral, coordenado por Rosângela Valachinski. Esse programa possui enorme inserção na comunidade da cidade de Matinhos pois, entre outros objetivos, tem a difícil tarefa de promover o livro e a leitura na educação básica deste município. Participaram da produção das ilustrações, neste ano, crianças, adolescentes, jovens e adultos entre 8 e 45 anos. Esses 'diferentes' ilustradores não precisavam ter qualquer experiência anterior com artes visuais, mas precisavam participar da discussão sobre os temas do livro. A colagem foi a técnica escolhida para produção este ano, pois facilita bastante a produção de imagens para aqueles que não possuem experiências anteriores na produção artística. Agradecemos mais uma vez o convite e a missão que nos foi confiada por Luc Vankrunkelsven neste ano de 2016 e também nos últimos anos! Esperamos poder continuar contribuindo com tão relevante e imprescindível obra!"

Professora Luciana Ferreira
UFPR, Setor Litoral

Depoimentos

"*Inclusão da natureza* com seus bens e serviços e da Mãe Terra com seus direitos na constituição de um novo tipo de democracia sócio-cósmica, à altura consciência ecológica que reconhece todos os seres como sujeitos de direitos formando um grande todo: Terra-natureza-ser humano. É a base de um novo tipo de civilização, biocentrada, capaz de garantir o futuro da vida e de nossa civilização.

Este livro 'Oásis' de Luc pode ajudar na busca de mais cuidado, de menos desigualdade e de um novo tipo de civilização."

Leonardo Boff,
teólogo da Libertação

"Descobri o trabalho de Luc Vankrunkelsven durante um evento cultural sobre o Brasil em Bruxelas, no final de 2011. Pela primeira vez lia sobre uma realidade brasileira até então desconhecida para mim, apesar dos 28 anos vividos na minha terra natal. Uma realidade cruel que tem sua força motora ancorada muito além do oceano. Um ano depois, ao assistir à palestra de um embaixador brasileiro, ouvi um discurso mercantilista, disseminador dessa realidade que devasta não somente a biodiversidade do Cerrado brasileiro, como também a diversidade de tradições e culturas.

A presença contestadora de Luc nessa palestra, questionando de forma sóbria a respeito do Cerrado e famílias indígenas, seguida pelas pseudo-respostas arrogantes do suposto representante do meu país, fizeram-me entender que minha alienação era também consequência da falta de interesse de revelar ao cidadão comum o lado mais frágil da evolução do agronegócio no Brasil atual: a devastação de biomas e de suas populações.

Os livros de Luc sobre o Brasil permitem que seu valioso olhar crítico sobre o tema seja divulgado, e também ajude a gerar e conectar os oásis de ideias e ações em prol de uma agricultura mais justa e responsável."

Lívia Corpas,
dentista carioca, doutora pela Universidade Católica de Leuven (KULeuven) e voluntária do Wervel

"Luc Vankrunkelsven – Aventureiro do espírito colaborativo entre Europa, América/Brasil e África/Moçambique no século XXI, por um mundo melhor.

Aqui estão novas e importantes reflexões e contribuições para o desenvolvimento sustentável de nossas agriculturas familiares dos cerrados e savanas. Queremos mais e melhores oásis, exemplos e primaveras para e com as agriculturas camponesas e solidárias. Precisamos unir campos e cidades para um mundo de paz, partilha e justiça social.

Um outro mundo é possível e desejável para o planeta azul, terra, água. Num mundo em crise, nada melhor do que ler e recordar gente como Thomas Merton, Hannah Arendt, Rachel Carson, Tomás Balduino, Boff e Luc para nos animar na busca de uma sociedade cheia de oportunidades para o povo trabalhador dos campos/savanas e cidades, com produções, distribuições e consumos conscientes.

Viver, bem viver e melhor conviver, como dizem os aimarás, povos dos Andes e os livros de Luc e ação de todos nós. Viva Luc. Viva o livro. Viva o II Seminário Internacional do Cerrado, Wervel, UFG, PUC, redes, cerrados e movimentos sociais."

Pedro Wilson Guimarães,
Goiânia-GO

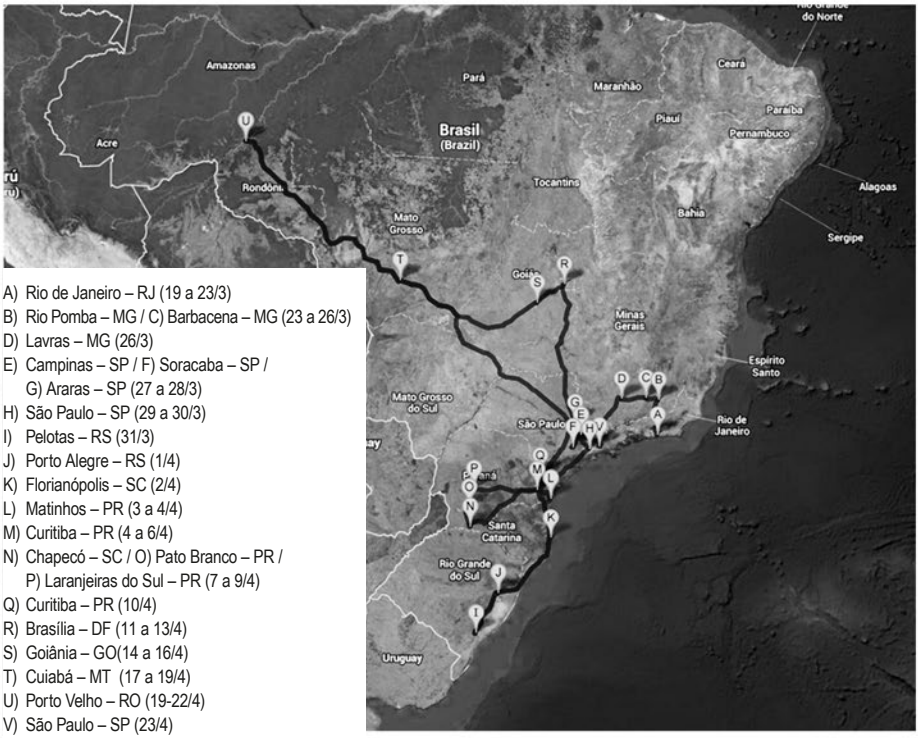
"Luc Vankrunkelsven merece parabéns por chamar a atenção da Europa para o Cerrado, um vasto ecossistema brasileiro praticamente desconhecido, porém vital em termos de água, biodiversidade e clima. Já perdeu a metade da área, principalmente para o agronegócio exportador de *commodities*. Wervel tem um papel singular ao tecer conexões internacionais fundamentais para reduzir a pegada ecológica."

Donald Sawyer,
Instituto Sociedade, População e Natureza

"Nesses anos acompanhando seu trabalho, fico feliz de encontrar, em seu sexto 'livro de viagem' ao Brasil, um Luc mais otimista. Um crítico eficaz em demonstrar como a sociedade global cruza, quase que cega, uma tempestade no deserto e que, a princípio, parece que só pode por terminar em tragédia, mas ao mesmo tempo otimista o bastante para reconhecer os oásis de mudança, cada vez mais numerosos, de onde surgem as iniciativas e os líderes exemplares, que nos guiarão para fora dessa tempestade, rumo a um destino longínquo, mas possível, de equilíbrio social, econômico e ambiental."

Marcelo G. de Andrade,
empresário e consultor, especializando em Gestão da Sustentabilidade pela FGV-SP

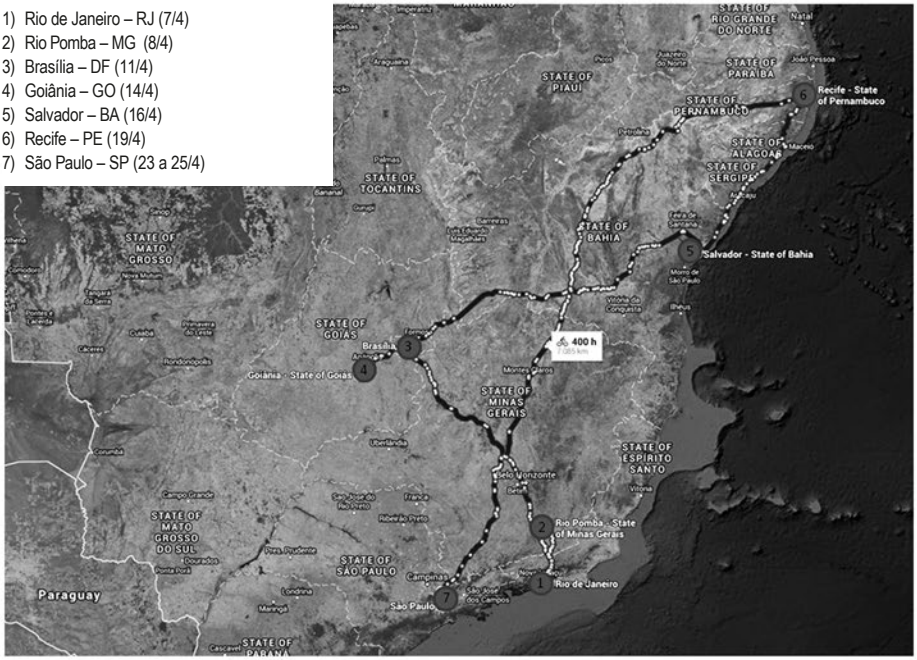
Brasil – Roteiro 2014



A) Rio de Janeiro – RJ (19 a 23/3)
B) Rio Pomba – MG / C) Barbacena – MG (23 a 26/3)
D) Lavras – MG (26/3)
E) Campinas – SP / F) Soracaba – SP /
G) Araras – SP (27 a 28/3)
H) São Paulo – SP (29 a 30/3)
I) Pelotas – RS (31/3)
J) Porto Alegre – RS (1/4)
K) Florianópolis – SC (2/4)
L) Matinhos – PR (3 a 4/4)
M) Curitiba – PR (4 a 6/4)
N) Chapecó – SC / O) Pato Branco – PR /
P) Laranjeiras do Sul – PR (7 a 9/4)
Q) Curitiba – PR (10/4)
R) Brasília – DF (11 a 13/4)
S) Goiânia – GO(14 a 16/4)
T) Cuiabá – MT (17 a 19/4)
U) Porto Velho – RO (19-22/4)
V) São Paulo – SP (23/4)

Brasil – Roteiro 2015

1) Rio de Janeiro – RJ (7/4)
2) Rio Pomba – MG (8/4)
3) Brasília – DF (11/4)
4) Goiânia – GO (14/4)
5) Salvador – BA (16/4)
6) Recife – PE (19/4)
7) São Paulo – SP (23 a 25/4)



Werkgroep voor een rechtvaardige en verantwoorde landbouw = Grupo de trabalho por uma Agricultura Justa e Responsável

Wervel é um grupo de trabalho independente. Ele procura ser um elo de ligação entre pessoas e organizações que abordam o tema agricultura e alimentação de ângulos diversos: consumidores, agricultores e agricultoras, movimentos ambientais e movimentos Norte-Sul e movimentos pacifistas.

Sobre a Missão de Wervel VZW [organização sem fins lucrativos]

Wervel visa uma agricultura que agrega valor localmente, tanto no plano ecológico quanto social e cultural, e que é solidário com o restante do mundo.

Para tanto, ele parte de valores universais como democracia, justiça e responsabilidade.

Wervel mobiliza consumidores, agricultores e organizações para colaborarem na formação desta agricultura por meio de trabalho em redes, campanhas e publicações.

Ao longo de seus vinte e seis anos de existência, Wervel teceu algumas linhas mestras, em torno das quais são realizadas ações: OMC e fluxos de proteínas, importação de soja de outros continentes e fontes alternativas de proteínas na Europa, o modelo agrícola do Cerrado brasileiro e da Europa, a problemática da produção de esterco e pecuária, engenharia genética e direito de patente sobre organismos vivos, agricultura com interação local, preços justos associados a controle da produção, a política agrícola comum (sigla em neerlandês: GLB) da União Europeia, soberania alimentar, sistemas agroflorestais, intensificação da agroecologia, terras e solos, cânhamo, Comércio Justo Local (na Europa). As ações são apoiadas por meio de estudos e publicações.

Para mais informações, consulte:

www.wervel.be/pt; www.sojaconnectie.be; www.kannabis.be
www.wervel.be/facebook; www.wervel.be/twitter

E-mail: info@wervel.be (geral); luc@wervel.be (autor deste livro)

Endereço: Mundo B, Edinburgstraat 26, B-1050 Bruxelas, Bélgica; www.mundo-b.be

Telefone: (0032) (2) 893 09 60

Este é o décimo quarto livro de Luc Vankrunkelsven, dos quais sete foram editados pela ONG Wervel. Em português, foram publicados:

- **Navios que se cruzam na calada da noite**. **Soja sobre o oceano**. Curitiba: Editora Gráfica Popular; Cefuria, 2006.
- **Aurora no campo**. **Soja diferente**. Curitiba: Editora Gráfica Popular; Cefuria, 2008.
- **Brasil – Europa em fragmentos**. Curitiba: Editora Gráfica Popular; Cefuria, 2010.
- **Legal! Otimismo – Realidade – Esperança**. Curitiba: Editora Gráfica Popular; Cefuria, 2012. (com apoio cultural da Caravanserai, São Paulo-SP).
- **Soja: tesouro ou tesoura?** Curitiba: Luiz Young – Editora; Cefuria, 2014.
- **Oásis: Força planetária para uma nova primavera**. Curitiba: Luiz Young – Editora, 2016.

ILUSTRADORES

1. *Guerra de água no Rio de Janeiro e em São Paulo*
   Ilustrador: ***Lucas Dalcin***

2. *Burning Ice Beer*
   Ilustradora: ***Heide Cristina Matias***

3. *Mata Atlântica em chamas*
   Ilustradora: ***Tatiellen de Oliveira Rodrigues***

4. *Agronegócio, crime e ditadura. Ditadura 50 anos mais tarde*
   Ilustradoras: ***Ana Carla Machinick e Talissa Natana da Maia***

5. *Apartheid em Pelotas*
   Ilustradora: ***Fernanda Oliveira Pinheiro***

6. *Semear agroecologia nas cidades e em torno delas*
   Ilustradora: ***Fernanda Raíza Barbosa***

7. *Abril: agricultores saem às ruas*
   Ilustrador: ***Lucas Dalcin***

8. *Somos todos viciados em internet, trigo, soja e milho*
   Ilustradora: ***Angélica Tavares de Souza***

9. *Brasília, louca por Jesus*
   Ilustradora: ***Rosângela Valachinski Gandin***

10. *Ervas daninhas servirão de alimento*
    Ilustradora: ***Luiza Machado Ribeiro***

11. *Na contramão do desespero: começar a recuperação*
    Ilustradora: ***Clauba Machado Mendonça***

12. *Sem ovos de Páscoa este ano, por favor*
    Ilustradora: ***Fernanda Oliveira Pinheiro***

13. *Porto Velho: porto antigo para um futuro novo?*
    Ilustradora: ***Naiara John***

14. *Conectar os oásis de agroecologia*
    Ilustradora: ***Lígia Storalli***

15. *Argentina, República da Soja*
    Ilustradora: ***Clauba Machado Mendonça***

16. *Jejum de carne para ir ao Rio de Janeiro*
    Ilustradora: ***Heide Cristina Matias***

17. *Mais uma vez, em 1962*
    Ilustradoras: ***Ana Carla Machinick e Talissa Natana da Maia***

18. *A escassez de água em toda parte*
    Ilustradora: ***Ana Paula de Lima Santos***

19. *A alegria da (bio)diversidade*
    Ilustradora: ***Fernanda Raíza Barbosa***

20. *Wervel e seus embaixadores*
    Ilustradora: ***Luciana Ferreira***

21. *A estepe florecerá*
    Ilustradora: ***Luciana Ferreira***

22. *O porto de galinhas*
    Ilustradoras: ***Rafaela Valachinski Gandin e Raíssa Valachinski Gandin***

23. *Bélgica, país exportador para o Brasil*
    Ilustradora: ***Luiza Machado Ribeiro***

24. *Big Paraíso, ou 50 tons de marrom*
    Ilustradora: ***Ana Paula de Lima Santos***